

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES



JANDIR JR.

CARTA ÀS CARTAS-DE-ARTISTA



NITERÓI  
2025

**JANDIR JR.**

## **CARTA ÀS CARTAS-DE-ARTISTA**

Carta apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Estudos Contemporâneos das Artes.

Área de concentração: Lugar – Política – Institucionalidades

Orientador: Luiz Sérgio da Cruz de Oliveira

NITERÓI  
2024/5

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S237c Santos Junior, Jandir Gomes dos  
Carta às cartas-de-artista / Jandir Gomes dos Santos Junior.  
- 2025.  
180 f.

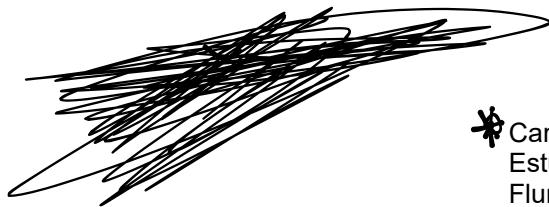
Orientador: Luiz Sérgio da Cruz de Oliveira.  
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto  
de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2025.

1. Correspondência. 2. Arte Correio. 3. Arte Telemática.  
4. Internet Art. 5. Produção intelectual. I. Oliveira, Luiz  
Sérgio da Cruz de, orientador. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.  
Título.

CDD - XXX

**JANDIR JR.**

## **CARTA ÀS CARTAS-DE-ARTISTA**



Carta apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Estudos Contemporâneos das Artes.

Área de concentração: Lugar – Política – Institucionalidades

Banca examinadora: A/C

Prof. Dr. Luiz Sérgio de Oliveira (Orientador) (UFF)

Prof. Dr. Ricardo Basbaum (UFF)

Prof. Dr. Luciano Vinhosa (UFF)

Prof. Dr. Alexandre Sá Ifákóládé Ofee Orunmila (UERJ)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Danziger (UERJ)

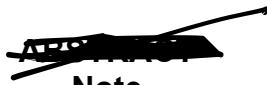
..

▼

JANDIR JR. **Carta às cartas-de-artista.** 2025. 180p. ~~Tese~~ (Doutorado em Estudos Contemporâneos das Artes) – Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2025.

~~RESUMO~~  
**Bilhete**

Como escrever sem ter vocabulário, sem o beabá? Aqui, escrevi uma carta destinada às correspondências feitas por outros artistas. É que tenho nelas um grande estímulo, queria dizer obrigado, sabe? Mas percebi que essas cartas foram feitas em vários idiomas, em muitos suportes para além do papel e caneta, e também inventaram palavras, deram novos usos a termos antigos, chegaram a usar desenhos e símbolos, como se os vocábulos corriqueiros não fossem suficientes. Tive esse problema, mas minha vontade de entabular uma conversa era grande. Por isso matutei, matutei e pronto!, me veio uma ideia. Não era o caso de tão somente escrever, já que me faltavam palavras. Comecei a deixar as falhas tomarem corpo. Não eliminei os espaços vazios entre um parágrafo e outro. Muitas vezes, aumentei eles. As rasuras, as hesitações, pus aos montes. E anotei todos os termos que encontrei, os neologismos, assim como formas outras de comunicação inventadas por cartas-de-artista, furos em postais, máquinas de queda-de-braço transatlânticos..., tentando assumir o rascunho desta mensagem que ~~nunca~~ ~~tomava~~ ~~forma~~ como sua forma final. Bem, posso dizer que essa minha falta de pulso, por fim, me fez ver que este texto não tem em mim seu protagonista, seu único autor. A própria fabulação de uma conversa entre correspondências, independente dos artistas que as fizeram, numa conversa inacabada, dispersa, já que selvagem aos sentidos dos humanos que acreditam que as criaram e criam em todos os seus aspectos... isso conta muito mais. Por isso, arquivista, tenha nesta carta, na expressão desse inacabamento, o fim deste mundo, que vejo como o ocaso que anuncia, pela escuridão que traz, mais doze horas até o surgimento de um dia completamente outro. A história das correspondências pode ser outra, tem sido outra, mesmo que nem sempre a ouçamos. Na sua falta de palavras, esta carta é um projeto torto para um novo glossário que eu não escrevi; as cartas-de-artista é que estão o escrevendo.



## Note

How can I write without vocabulary, without the basics? Here, I wrote a letter addressed to the correspondence from other artists. It's just that I find great inspiration in them; I wanted to say thank you, you know? But I realized that these letters were written in multiple languages, on many media besides pen and paper, and they also invented words, gave new uses to old terms, even used drawings and symbols, as if everyday vocabulary weren't enough. I had this problem, but my desire to engage in conversation was strong. So I pondered and pondered, and voilà!, an idea came to me. It wasn't a case of simply writing, since I lacked words. I began to let the gaps take shape. I didn't eliminate the empty spaces between paragraphs. Often, I increased them. I added lots of erasures and hesitations. And I wrote down all the terms I encountered, the neologisms, as well as other forms of communication invented by artist-letters, holes in postcards, transatlantic arm-wrestling machines..., trying to accept the draft of this message ~~that never took shape~~ as its final form. Well, I can say that my lack of nerve, in the end, made me realize that this text does not have me as its protagonist, its sole author. The very fabrication of a conversation between letters, independent of the artists who created them, in an unfinished, scattered conversation, since it is wild to the senses of humans who believe they created and create them in all their aspects... that matters much more. Therefore, ~~archivist~~ consider in this letter, in the expression of this unfinishedness, the end of this world, which I see as the sunset that announces, through the darkness it brings, another twelve hours until the dawn of a completely different day. The history of letters can be different, has been different, even if we don't always hear it. In its lack of words, this letter is a crooked project for a new glossary that I did not write; the artist-letters are writing it.

## ~~SUMÁRIO~~

em algumas cidades, entre 2021 e 2025  
p.s.

7  
158

**em algumas cidades, entre 2021 e 2025**

Oi,

Esta é uma carta feita para outras cartas. Escrita como se estivesse em cima dos últimos papéis no mundo. Como se, no último envelope do planeta, fosse enviada em várias folhas soltas. E, em cada uma de suas páginas, pudéssemos encontrar menções a outras missivas que foram feitas em papéis, mas também em sms, WhatsApp, mensagens em pix, Twitter, e-mails, máquinas, garrafas de Coca-Cola, capítulos de livros, catatais, guardanapos.

Uma carta como uma cápsula do tempo entre os escombros de nossa era, gritando que a história das correspondências não começou nem terminou num papel amarelecido, enviado e assinado por um escritor famoso. Não seguiu somente o vaivém dos envelopes que correram por caixas de correios. Que essa história foi escrita com torpedos de R\$ 0,40. Por olhos que viram o MSN, mas depois usaram o Tinder e o Grindr. Foi ouvida como gritos no meio da rua, numa comunicação entre distantes que não se fez pela troca de áudio por aplicativos.

Viajou com uma fumaça mensageira subindo à distância. Voou com pombos-correios. Mas também nos envelopes com Antraz, em pagers reprogramados para explodir no Líbano, nas redes sociais vendendo a atenção humana, no comércio ilegal do padrão de retinas. A história das correspondências não é uma história de amor, não é doce como o beijo final na novela das oito, não é um comercial de margarina.

A handwritten signature in black ink, consisting of a stylized 'X' or 'K' shape followed by a long, sweeping line to the right.

Esta é uma carta feita para outras cartas, mas para aquelas que foram feitas por artistas. Digitadas em meio aos ateliês. Emolduradas, ou postas em chassis, ou organizadas numa grande rede ao redor do mundo, que segue trocando cartões-postais com carimbos engraçadinhos, ou uma folha seca de árvore, dentro de um envelope tamanho A4.

Enos aparelhos de fax, na internet geocities anos 2000. Na conexão inegável entre a Arte Postal, Arte Telemática, Internet Art: outros envelopes pardos. Em cada dedicatória no verso de uma acrílica sobre tela. Em cada tecnologia criada para se comunicar.

Lá atrás, algumas pessoas pintaram certas figuras em cavernas. Até hoje elas despertam a leitura curiosa de nossa espécie.

Esta é uma carta, por isso, sem vocabulário certo.

Pinturas rupestres, cartas-de-artista, paredes e ruas, garrafas jogadas ao mar, pixações...

(um artista chamado Cildo Meireles decalcou mensagens subversivas em garrafas de Coca-Cola retornáveis. Inverteu o paradigma da garrafa jogada ao mar. Fez da face externa e visível da garrafa o veículo missivista, não seu interior)

Esta é uma carta sem vocabulário certo.

Abra qualquer estudo de cartas e você lerá: selo, assinatura, envelope, carta, manuscrito, arquivo, gênero, epistolografia. Abra qualquer artigo sobre arte-tecnologia. Leia: computadores, rede, comunicação, rede, celular, rede, net, rede, web (rede), wi-fi, prompt. Ouça sobre arte postal: convocatória, cartão-postal, Paulo Bruscky, Grupo Fluxus, anti-burguesia, anti-comercial, anti-sistema,



Mas basta abrir, ouvir ou tocar as próprias cartas-de-artista para não entender mais nada.

Um beijo decalcado num guardanapo.

Uma frase em creoule na paisagem dum cartão-postal.

O desenho de uma criança quando enviado a um museu.

Esta carta não tem vocabulário certo.

Como se comunicar com o que não guarda unidade entre si? Com cavernas, bilhetes e máquinas de fax, ao mesmo tempo?

...

(na gagueira, ou melhor, no espaço vacilante que a gagueira instaura,  
uma protossintaxe)

Esta carta é um estudo. No que há de mais especulativo nos estudos. No que há de mais desobediente nos estudos, no que há de mais informe. Ela também se fará glossário, dicionário, na medida em que há descontinuidade. Palavras soltas, ainda desarticuladas. Esta carta convoca uma coletividade, um todo de palavras e termos e neologismos e símbolos e rasgos e marcas e sussurros e furos que, juntos, são prenhes de um novo modo de falar. Mas esta carta ainda não fala.

Esta carta convoca uma coletividade, sim. Mas uma coletividade mais-que-humana. E curioso: uma exterioridade do ser humano que não reside em outras espécies, mas nos seus próprios rastros. Tantos livros publicados, documentos, websites, tantos rastros que nunca serão lidos. Uma massa documental que lida consigo mesma, desde o toque ~~entre~~ entre as capas de livros esquecidos e empoeirados numa estante até a varredura de uma inteligência artificial, consumindo dados e dados, filtrando a internet em busca de respostas, sozinha, por si só.

E,

correspondências feitas por artistas,

107 mulheres leem uma mesma carta, explodindo o destinatário único.

512 apartamentos recebem outra carta, explodindo a individuação condominal.

Anúncios estranhos em classificados, envelopes vermelhos jogados do alto de um prédio, uma flor flertando no Tinder, um carimbo, uma palavra circulada com uma caneta azul, um letreiro pintado à mão na fachada de uma casa.

cartas-de-artista, de lugares inesperados, de jeitos novos de perguntar e responder

de autores inesperados.

psicólogos, poetas, anônimos, prisioneiros, estudantes e artistas e

Mas,

esta carta é destinada a cartas. Muitas. Mas que não se conhecem. Se algumas delas se conheceram, numa grande rede, ainda assim essa rede não foi suficiente. Muitas delas circularam por caixas de correio, sim, dentro de um movimento de artistas, sim. Mas e aquela carta escrita desde um ~~endereço~~? E aquela que é um e-mail? E a escrita anterior a essa época?

Esta carta propõem uma rede maior.

Especulativa.

Que existe mesmo após a morte des autories  
A morte de quem as escreveu.

Uma rede que pode conversar entre si somente na medida em que  
invente seu próprio vocabulário, para além dos humanos.

manuscritos que conversam entre si.

Selos que conversem entre si.

Dados móveis que conversam entre si.

Cabos.

Cola.

no aparente abismo entre tecnologias, esses estranhos vocábulos. Rabiscos, grafismos, termos.

Esta carta ainda não existe. Ela balbucia. Ao seu verbo, sua dicção, falta a cola que une uma coisa à outra. Falta a sintaxe. Falta que uma série de ditos se tornem vocabulário.

Esta carta, erguida como que sobre o fim do mundo humano, se anuncia como se estivesse em folhas soltas. Como se a ela faltasse um grampeador.

mas

, suas palavras começam a se juntar aqui. ainda soltas.  
Sem pressa.

Letras e riscos e verbos tocando-se,  
pontos vindo antes das sentenças  
. Esta carta



Ossatura, pouco a pouco  
Cada vírgula, uma célula

Pequenos fios de cabelo  
Unhas, palavras-chave,  
dedos

sua dicção se fará como um corpo se fez,  
como o corpo de um mundo se fez

Esta carta, que balbucia, chora, grita, baba

Esta carta flui como de um conta-gotas.

Uma chuva fina.

Um oceano que virá,  
lentamente.

Em condensação.

**366**

- Foi feito por brunøvaes
- Feito no ano bissexto de 2016
- Começou como um diário, de desenho-aquarela-texto-fotografia-colagem-etc.

- Depois, cada página foi transformada num cartão-postal. 366 cartões
- Depois, de 2017 a 2020, brunøvaes fez convites públicos, para que interessados escolhessem uma daquelas datas, sem saber a qual das páginas, a qual de seus desenhos correspondia. E aí o cartão-postal correspondente era encaminhado, e a pessoa respondia como quisesse.
- brunøvaes recebeu bilhetes, objetos, fotos...



Hudinilson Jr. fez muitos postais ao longo de sua trajetória como artista. Ele é super conhecido, lemos muito sobre ele ao buscarmos sobre arte postal (mas não só!). Vejam esse: um postal em que a imagem de frente não era uma foto turística (como seria, né?), mas uma mensagem:

“FIXE  
UM  
E REMETA  
A ALGUÉM”

Essa instrução do Hudinilson (que substituiu a palavra beijo pela própria imagem de um beijão, decalcado com batom no papel)

me fez lembrar da exposição que vi no Centro Cultural São Paulo, sobre o acervo de Arte Postal. Mais especificamente, tô falando de uma seção da exposição, que falou sobre uma convocatória que o CCSP fez em 1986, aos moldes de como funcionava a grande rede de arte postal (convocando, sem taxas de inscrição, sem comitês de seleção...). O nome da chamada foi Como você limpa sua boca? O convite convocava mensagens num suporte um tanto diferente; não cartas em A4 ou cartões postais, mas guardanapos. E do que vi, 40 anos depois, no mesmo CCSP, eles receberam um monte de guardanapos marcados com beijos de batom.

#### “COMO VOCÊ LIMPA SUA BOCA?

Nós gostaríamos de saber. Para isso basta você enviar quantos guardanapos quiser.

O formato e técnica são com você (qualquer uma está valendo). Não se acanhe convide seus amigos também.

Posteriormente, todos os participantes receberão material constando sua participação no evento.

DATA LIMITE, 30 de julho 86

ENVIE PARA, ESCRITÓRIO DE ARTE POSTAL DE SÃO PAULO

Divisão de artes plásticas do CENTRO CULTURAL DE SÃO PAULO

Rua Vergueiro, 1000

01504 SÃO PAULO-SP”

## AIDOJ

Abri o ChatGPT e perguntei:

Me dê um resumo sobre esse conteúdo:

<https://www.fabiofon.com/aidoj>

Segue a resposta, na íntegra:

A obra **AIDOJ**, criada por Fábio Oliveira Nunes (também conhecido como Fabio FON), é uma peça de web arte que homenageia e reinterpreta o legado do duo JODI (Joan Heemskerk e Dirk Paesmans), pioneiros da net art nos anos 1990. Utilizando sistemas de Inteligência Artificial, especificamente o GPT, FON gerou 100 páginas HTML inspiradas no estilo disruptivo de JODI. O processo envolveu solicitar ao GPT sugestões de experimentos baseados nas criações da dupla e, em seguida, gerar códigos HTML correspondentes a essas sugestões.

Embora as páginas resultantes emulem visualmente o estilo de JODI, elas revelam uma suavização das características mais incisivas e tecnologicamente viscerais das obras originais. Essa transformação destaca como as IAs tendem a produzir versões mais convencionais e esteticamente contidas, levantando questões sobre a capacidade dessas tecnologias em capturar a essência disruptiva da arte.

AIDOJ foi apresentada no pavilhão “Net Art Died But Is Doing Well” da The Wrong Biennale 2023/24, uma exposição internacional dedicada à arte digital. A obra serve como uma crítica reflexiva sobre os limites da criatividade artificial e a assimilação estética promovida por sistemas de IA, questionando se essas ferramentas podem realmente replicar a subversividade presente em movimentos artísticos como o de JODI.

Para uma compreensão mais aprofundada da obra, você pode assistir ao vídeo a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=bAwMjR-unL4>

## Arquivo Morto

“Obrigado pelos  
conselhos  
não vou seguir”



“E aí viado  
bom dia gay”

“Não te suporto”

“Lá vem o freelancer  
Freelancer oi  
Freelancer  
Lá vem o freelancer  
formado em arte  
kkk  
freelancer  
KKKK”

Em papéis de cartas e envelopes super bonitinhos, Benedito Ferreira escreve com canetinhas de várias cores. Textos como os aí de cima, mas também alguns desenhos que vão explorando as folhas super adornadas, enchendo elas de rasuras,

comentários engraçadinhos, tiradas ácidas... E sobre essa série, Benedito adverte:

“Colecionar papeis de carta era o passatempo de muitas crianças entre as décadas de 1980 e 1990. Havia o maior cuidado para guardá-los nas pastas catálogo. O hábito envolvia também adquirir envelopes coloridos, conferir a resistência do saquinho plástico da pasta e promover sessões de trocas. Escrever nos papeis de carta era algo fora de cogitação: nada de marcas de amassados, dobras ou sujeira. Curiosamente, quanto mais intactos estivessem mais valiosos eram. Se a carta busca o outro ausente, a quem os papeis poderiam ser endereçados? Apenas os exemplares repetidos de uma coleção poderiam ser utilizados? Em Arquivo Morto os objetos desejam passar por um processo de “desarquivamento” ao forjarem uma existência textual própria através de rabiscos, desenhos e adesivos que especulam um interlocutor contemporâneo.”

## ARTBOX



p. 41. ——\_ - Livro Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário:

“A utilização artística das redes de computadores começa a ser trabalhada de maneira sistemática somente a partir de 1980. Nesse ano, Robert Adrian propôs um evento chamado ARTBOX – uma rede artística de “correio eletrônico” –, com ajuda da companhia

multinacional I.P. Sharp, sediada no Canadá. Mais tarde, o ARTBOX torna-se ARTEX, a pioneira das redes artísticas eletrônicas de acesso internacional, que foi a base de inúmeros projetos de telecomunicação.”

## 938

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

## Arteônica

Waldemar Cordeiro /// expoente na arte concreta brasileira /// pioneiro nas manifestações artísticas por computador /// 1971, manifesto 'Arteônica' /// (Waldemar Cordeiro faleceu em 1973):

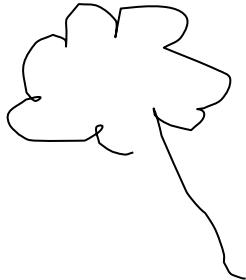
"As obras tradicionais são objetos físicos a serem apresentados em locais fisicamente determinados, pressupondo o deslocamento físico dos fruidores. Numa cidade como São Paulo, de oito milhões de indivíduos, cujas projeções populacionais para 1990 prevêem uma cifra de mais de dezoito milhões de habitantes, essa forma de comunicação não é viável. E ainda menos o será para uma cultura a níveis nacional e internacional, básicos para o desenvolvimento harmônico da humanidade."

"O processo cultural pelas telecomunicações está ocorrendo – e é irreversível – sob a orientação de técnicos, que nem sempre possuem uma visão profunda, global e humanística dos problemas."

"Através do espaço continental do país, a informação artística poderia atingir os lugarejos mais remotos e isolados do território muito antes do que os equipamentos materiais da civilização."

"A cultura criativa brasileira, contudo, lamentavelmente, ainda não descobriu a potencialidade da Arteônica."

## Árvore



Há desses períodos em que fico obcecado pela produção de alguém. Foi assim com Laura Castro, artista e professora da UFBA. Passei o olho por tudo que pude, e na ocasião do lançamento de *Cobra K7*, livro que ela organizou, encontrei um dos vídeos que originaram a publicação. Chamado *Gira 5 / Webnário Gira Expandida: Literatura no Campo ampliado*, Laura inicia a mediação do encontro com a leitura de uma carta. Datada de 11 de dezembro de 2021, em certa altura, faz menção a um aprendizado que teve com Glicéria Tupinambá, o que origina uma reflexão bastante inusual sobre a epistolaridade, para além da caligrafia humana.

Eu soube por Glicéria Tupinambá que, segundo a cosmologia Tupinambá, ela diz: “nós viemos das árvores”. “Isso é fácil de comprovar”, ela continua. “Basta olhar para nossas mãos. Na ponta dos nossos dedos, temos digitais, que são as linhas das árvores”. Quando li isso, eu pensei como se cada mão guardasse um trilhão de mensagens das árvores para nós. Como se as linhas, as digitais, fossem cartas, inscrições, sopro das árvores, nossas avós, trisavós, antepassadas.

## Atentados poéticos

Conheci os Atentados poéticos de Jomard Muniz de Brito quando trabalhei como educador em um museu aqui do Rio, junto com outras pessoas de Recife. Inclusive, tive a oportunidade de conhecer o próprio Jomard quando veio ao Rio. Recebi um de seus atentados nas minhas próprias mãos. Um papel diminuto, xerocado, com uma prosa escrita com o cadenciamento, a quebra de linhas de uma poesia. Mas que carregavam a energia prosaica de um cronista, comentando o dia a dia dos assuntos do mundo. E sempre sonhei com esse andarilho, andarilhando uma cidade e distribuindo papeizinhos aos passantes. Como o delicioso primeiro parágrafo de um artigo de Bruno Nogueira narra:

Sofri meu primeiro atentado poético quando voltava de casa para o trabalho. Confesso que só conhecia aquela figura, que passava todos os dias caminhando nas transversais da principal avenida do centro do Recife, a Conde da Boa Vista, tempos depois. Bermuda, meias longas, cabelos brancos sempre penteados para trás, óculos de

armação grossa e escura. Jomard Muniz de Brito sempre passava com sua pasta, com várias folhas impressas – ou eram xerox? – com algo de sua autoria. Não entrega a qualquer. Depois que soube disso eu tive até orgulho.

### **Ayé tuntun**

Em tradução aproximada do Yorubá, significa “novo mundo”.

Confiram, logo abaixo, uma entrada chamada Cartões de revisita

## Brutigre

Andava por uma exposição no Centro Cultural São Paulo quando vi uma legenda na parede:

### BRUTIGRE

A exposição Brutigre, realizada no Centro Cultural São Paulo, ocorreu entre 15 e 26 de outubro de 1986. A proposta partiu de Maurício Villaça e o material recebido foi organizado pelo Escritório de Arte Postal do CCSP. A mostra contou com a participação de 127 artistas de 13 países, que responderam ao tema da exposição, criado com a intenção de comemorar o ano novo chinês do Tigre, conforme indica a convocatória:

BRUTIGRE 86. 1986 é o ano do Tigre do fogo chinês, não deixe a pele do seu gato ou gata, virar tamborim. Mande já suas imagens, seleções, desenho, carimbos ou técnica mista, no formato 27 x 40 cm até o dia 11 de julho, para a exposição de Arte Postal BRUTIGRE 86 e você receberá o catálogo com todos os tigres que tiver direito. O próximo ano do tigre de fogo só em 2046. Por favor envie para: Mauricio Villaça - Editora Art Brut. Al. dos Araés, 839 cep 04.066 SP SP.

## Caixa de entrada

Um dos desenhos-performances de Felipe Bittencourt chama-se ‘caixa de entrada’. É de 7 de julho de 2011, e carrega o seguinte texto:

O performer deve passar um dia inteiro em frente de um computador com seu e-mail aberto. Sempre que chegar uma mensagem, ele a deve ler em um microfone.

## Card text

Július Koller nomeava algumas de suas criações em arte postal como card texts. Dos que observei, tratavam-se de cartões feitos à mão, com canetinha de cor verde, combinando imagens fotográficas do próprio autor empunhando uma raquete, jogos de palavras e formas aludindo ao universo dos OVNI's, à vida em outros planetas, ao verde das quadras de tênis e dos extraterrestres. Vi fotografias dos card texts presentes no acervo do MAC-USP, num texto de Cristina Freire sobre o artista.

## Cartas amorosas

Em Belmonte, na Bahia, Bruno Pilon tirou foto de um muro descascado e mofado, com uma portinhola enferrujada e, nela, uma entrada para correspondências. Há avisos que foram pintados antes nessa portinha metálica. É possível entrever um ‘vende-se’ sobreposto a uma camada de tinta mais recente, e marcas retangulares do que antes foi um cartaz A4 fixado com fita durex. Mas há um aviso pintado que não é antigo. Não foi retirado nem sobreposto por nada. Com uma seta pintada à mão, apontando pra caixa de correios, letras escritas manualmente na mesma tinta dizem: CARTAS AMOROSAS.

Esse aviso, que convoca ironicamente o teor das cartas que devem ser postas nessa fresta, só conheci porque foi repostado na [@handpaintedbrasil](https://www.instagram.com/handpaintedbrasil), uma página de Instagram dedicada às pinturas feitas em muros pelo Brasil.

## Carta ao velho mundo

Ainda que longe de mim - provavelmente no acervo do Centre Pompidou, que a adquiriu em 2021 -, consegui encontrar algumas das palavras da Carta ao velho mundo escrita por Jaider Esbell, assim como uma contextualização feita na época da 34<sup>a</sup> Bienal de São Paulo, num texto de Gabriel Zacarias:

O velho mundo é também o objeto de outra obra notável na Bienal, Carta ao Velho Mundo, de Jaider Esbell. O artista indígena foi, sem dúvida, o personagem central dessa Bienal. Tanto por suas obras e falas, quanto por seu papel de mediador, arrancando das instituições espaços cada vez maiores para a arte indígena. Se a 34<sup>a</sup> Bienal ficou conhecida como “a Bienal da arte indígena”, isso se deve muito a seu papel. A disputa que Esbell estabeleceu com as instituições artísticas é análoga àquela que estabeleceu com a arte, entendida enquanto campo epistemológico eurocêntrico. Sua Carta ao Velho Mundo é prova disso. A obra é composta por um exemplar da Galeria Delta da Pintura Universal, que foi inteiramente modificada por Esbell, com inserções gráficas e textuais.

A maior parte das páginas do livro são preenchidas com traços finos em caneta posca, característicos de Esbell, grafismos e desenhos, como as personagens fabulosas que tipicamente povoam suas telas, oriundas da cosmogonia Macuxi. Mas a partir do capítulo “Renascimento e Barroco na Itália”, ocupando a parte central do livro, as intervenções verbais ganham mais força. Essa parte do trabalho remete à passagem do artista pela França, em 2019, segundo assinalado pelo mesmo ao início do capítulo, com a advertência: “Indígenas ao irem para a Europa se vistam de proteção ancestral.” Adicionando na página seguinte: “Inventem palavras para os mistérios”. Nesse capítulo encontramos intervenções textuais sob a forma de marginália ao texto do livro e, sobretudo, o uso dos balões de quadrinhos que dão voz às personagens das obras clássicas. Trata-se de uma voz política que denuncia o genocídio dos povos originais, o ecocídio na Amazônia e que inverte o sentido entre civilização e barbárie, tão caro ao discurso legitimador da colonização. Esbell se apropria da obsessão judaico-cristã com o sacrifício e a ressignifica em uma alegoria do massacre colonial que atravessa os séculos. A cabeça de São João Batista na bandeja estendida por Salomé, em tela de Guido Reni, é convertida em vulto indígena, ao lado do qual se lê:

“Genocídio Indígena no Brazil.

A violência é um ciclo longo. Ordens antigas continuam ecoando e chegaram agora nas últimas florestas virgens do mundo.

A ordem? Exterminar!”

Outros exemplos semelhantes se seguem, como com a cabeça de Holofernes nas mãos de Judite, em tela de Francesco Solimena, igualmente convertida em exemplo da barbárie colonial; ou o Sacrifício de Abraão, de Andrea del Sarto, na qual seu filho Isaque nos alerta: “Antes deixa eu dizer que na Amazônia todo mundo tá enve[n]nado de mercúrio!”. Mas o sacrifício não é apenas o dos povos indígenas. Sobre uma representação da Matança dos Inocentes, novamente de Guido Reni, lemos:

“Carta ao velho mundo”

“O horror, a barbárie sem explicação dos homens civilizados sobre os livres por natureza. Dizemos ao velho mundo que, junto com o mundo novo, vamos todos padecer os primeiros dias da extinção da humanidade. Eis que a perversidade da natureza humana aponta o cano de sua arma para a própria cabeça. Depois de tanta glória a ideia de futuro morre na infância.”

## **Carta cifrada**

Não seria estranho reconhecer uma carta cifrada em mensagens que cruzam eras, grafadas em códigos pouco partilhados, ou das que soam em bips escamoteando palavras em morse, ou signos escavados em carteiras escolares, ou embrulhados em papéis diminutos. Mas a carta pública que Jota Mombaça endereçou à Castiel Vitorino Brasileiro é intitulada com o termo ‘carta cifrada’, explicitamente. E em trechos da mensagem, como quando Jota diz “Eu sei que você sabe do que estou falando.”, fica evidente que há segredos na carta. Segredos que se mostram secretos, comunicando suas próprias opacidades.

## Carta cobra

Na intenção de reler criticamente o legado da semana de 1922, a exposição *Contramemória*, curada por Lilia Schwarcz, Jaime Lauriano e Pedro Meira Monteiro, ocorreu no centenário da mostra modernista e no mesmo Theatro Municipal que a sediou, em São Paulo. Reuniu uma série de artistas “negros, indígenas, trans, mulheres e de várias gerações” que, segundo texto que li no site oficial da instituição, “introduzem um sonoro ruído, por meio do contraste e da fricção que estabelecem com as esculturas acadêmicas, as pinturas de inspiração europeia e a arquitetura rebuscada.” Daiara Tukano foi uma das artistas participantes e, em depoimento escrito em sua página pessoal no Instagram no dia 4 de Junho de 2022, descreve como criou um dos trabalhos expostos, chamado carta cobra:

Participei com duas obras: “respira” (instalação sonora de canto) e a “carta cobra” que foi feita no local com canetão e papel craft após uma série de dificuldades para a realização das obras originalmente propostas.

A carta cobra foi instalada para a abertura da exposição subindo a escadaria do theatro, onde consegui fazer uma leitura que foi publicada no meu Instagram.

No dia seguinte devido a falta de espaço para instalação da proposta original, a instalamos ao longo da estrutura da exposição, suspensa em alguns lugares e em outros tocando o chão.

De material frágil, a carta cobra foi pisoteada e rasgada em vários pontos por visitantes desatentos. Algumas pessoas tentaram reorganizar os fragmentos sem prestar atenção no texto.

A mensagem da carta cobra ainda deve ser transcrita caso alguém se interessar, vou tentar fazer uma montagem das fotos que foram tiradas, mas ela não poderá ser mais lida, pois amanhã no encerramento da exposição ela vai ser incinerada.

Decidi queimar a carta para que ela possa voltar de onde veio, e levar sua mensagem para outros planos. Cobras trocam de pele e precisamos trocar também.

## 1369

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

### **carta em branco**

Num vídeo, amauri lê uma carta em branco. O vemos de costas, num plano fixo que o enquadra de frente a um papel sulfite vazio, que segura na altura dos olhos. O texto invisível fala sobre caligrafias, para além das que podem ser grafadas. Como em meados da carta, quando ouvimos:

preferia que tivesse me entregado uma carta em branco e tivesse me falado tudo ali. a sua carta se tornou o avesso do que posso escrever.

## Carta-de-artista

Em 24 de maio de 1994, Alex Hamburguer envia uma extensa mensagem a Ricardo Basbaum, que inicia com este primeiro parágrafo:

Recebi sua 'magna-carta', junto com os cartões postais, os quais reputo, principalmente o primeiro: magníficos!! Realmente, posso afirmar que foram atendidas as minhas mais recônditas expectativas e divagações sobre o que acredito significar uma 'carta-de-artista': uma espécie de forma de expressão autônoma, onde à prática do relato (report) escorre paralelamente uma escrita de planos multifôrmos e poliédricos, talvez uma nova postura "relacional".

## Carta faminta

São Paulo, terça-feira, 07 de novembro de 2000. Folha de São Paulo. Ilustrada:

"Duas séries em exibição, "N-S-W-E (twice)" e "Carta Faminta", foram realizadas por lesmas que a artista cria. Elas vão comendo pedaços de papel até que o desenho fique do agrado de Rivane. "Vou orientando as lesmas por meio de sombras sobre o papel, que é uma maneira delas se sentirem mais protegidas", conta.

O resultado dessas obras são imagens próximas a um mapa irreal. O tema cartográfico não aparece nas obras casualmente. "Tenho viajado tanto ultimamente que grande parte do que apresento agora são anotações de viagem."

[...]

"Exposição: Rivane Neuenschwander Onde: galeria Camargo Vilaça (r. Fradique Coutinho, 1.500, tel. 3032-7066) Quando: abertura hoje, às 21h. De seg. a sex., das 10h às 19h; sáb., das 10h às 14h. Até 1º/12 Quanto: entrada franca; obras de US\$ 1.500 a US\$ 20.000"

### Carta fechada

Tô em mãos com o livro Era uma vez: Escritos de artistas sobre o céu e a terra. A capa tem o detalhe de uma pintura da Mari, tá bem bonita, é assim porque o livro vem de uma exposição que abriu na Pinacoteca de São Paulo que tem uma pintura da Mari lá também, mas a da capa é diferente, é de uma pintura que tá no acervo da Pinacoteca. Enfim. Um dos capítulos é de um escritor que não conhecia, com uma prosa que, meu deus do céu, absurda. Sony Labou Tansi. E o título é Carta fechada às pessoas do Norte e companhia. Porque a carta é fechada e não aberta, não sei bem. Mas faz muito sentido essa imagem, uma carta fechada, um texto pesado, decisivo, pôr contra a parede o Norte global. O que a carta aberta tem de apaziguado, público, amplo, a carta fechada não tem, parece determinar urgência em derrubar toda essa noção de coisa pública, cosmopolitismo, mídia, globalização, civilidade, debate amplo, progresso, desenvolvimento sustentável, bem-estar social, liberalismo, passagens aéreas na promoção...

Digam, cá entre nós humanos: é contra quem que vocês querem criar a Europa? A pobreza dos empobrecidos já deixou de ser rentável.



Conheci uma carta que León Ferrari escreveu usando tinta nanquim. Uma carta para ser vista como um desenho emoldurado, mas nunca remetida. Foi escrita na década de 1960, a mesma dos golpes que ergueram a ditadura militar na Argentina. O que a carta dizia? Não podemos saber. Só sabemos, por sua legenda, que era destinada a um general. Sua escrita é assêmica, uma caligrafia truncada, sem significações legíveis. Dela seccionei o final de uma linha para mostrar um pouco do aspecto dos volteios e riscos que Ferrari desenhou. Lemos em muitos lugares o que dizem sobre sua carta. De que assim, escrita assim, comunica um tanto sobre a própria impossibilidade de comunicação naquele período. Uma carta de um cidadão para um general que só existe como um desenho; um esboço que só encontrou sua viabilidade ao criar, por fim, um idioma inviável.

## **Carta-grafias**

Bruna Moraes Baptstelli pergunta em um artigo: qual o interesse da psicologia com a construção de objetos artísticos? A autora é mestre em psicologia social e sua questão é epítome da monografia inusual que criou: uma  caixa, repleta de cartas, com o título 'Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento', escrita em correspondência com crianças e adolescentes em Acolhimento Institucional, isto é, que não puderam permanecer com suas famílias ou na condição em que se encontravam (negligência, convívio com abuso de drogas, situação de risco etc.).

### **Carta-laranja**

Participei com Cássia Nunes de uma exposição virtual, chamada Sala Compacta. Foi em 2022, o site está fora do ar. Não consigo ver novamente o trabalho que Cássia expôs. A pista que tenho é uma fala de Cássia, que ficou gravada no YouTube, numa antiga transmissão ao vivo. No vídeo, ela fala sobre seu programa performativo, descascar laranjas junto com outras pessoas no ambiente urbano, e sobre ter reformulado sua prática durante a

pandemia do coronavírus. Que, para a exposição, enviou um projeto, não realizado, de ligar Goiânia, onde se encontrava, e o Rio de Janeiro, onde estaria se ~~se~~ o isolamento social não estivesse vigente, com uma linha cítrica: cascas de laranjas estendidas por muitas estradas e rodovias (sabe aquela casca contínua, quando descascamos laranja com uma faquinha serrilhada?). Descrevendo seu projeto, Cássia menciona que, no site, havia a imagem de uma caixa, com uma laranja dentro, e as instruções para a feitura do percurso cítrico. Eu, que nessa hora provavelmente estava tomando notas, escrevi um comentário no chat da transmissão ao vivo. Um comentário que acabou esquecido, baseado no que vi na própria caixa da Cássia, dentro do site-exposição. Uma pergunta que, no correr da palestra, acabou passando batida pela mediadora. Mas que se tornou o único rastro que tenho desse trabalho, que não vejo mais em lugar nenhum, mas que me fez anotar esse termo:

Jandir Jr: .cassia, você chama sua caixa de 'carta-laranja'. demais isso! queria te ouvir falar um pouco mais. as cartas pressupõem uma distância, né? pandemia, mas também outras lonjuras me veem a cabeça.

\*\*\*Tempos depois, Cássia divulgou sua dissertação, e nela está a transcrição do texto, da carta laranja, aquela caixa com instruções:

Estimada Ricarda Alvarenga,

Lhe remeto esta carta-laranja para convidá-la a participar do projeto “Linha Cítrica” da série intitulada “Estar com a faca e a laranja na mão

- Inventário de possibilidades" na condição de articuladora local no município de Uberlândia-MG.

O trabalho propõe conectar as cidades de Goiânia-GO e Rio de Janeiro-RJ através de uma linha contínua formada por cascas de laranjas. Elas serão descascadas por habitantes dos municípios cortados pelas rodovias que compõem um dos caminhos indicados no aplicativo de pesquisa de mapas e rotas.

Para tanto, tramaremos uma rede formada por uma artista residente em cada um dos cinquenta e oito municípios. As correspondentes do projeto mobilizarão a descascação coletiva junto à população local a fim de cobrir o trecho respectivo até alcançar a cidade vizinha.

Certa de contar com sua prestimosa colaboração, coloco-me à disposição para maiores informações!

Atenciosamente,

Cássia Nunes

## CARTA-PERFORMANCE

Uma das participações presentes no segmento de arte postal da XVI Bienal de São Paulo, organizada por Walter Zanini em 1981, foi a carta-performance de Armando Azevedo. Trata-se de um envelope junto a um texto manuscrito frente e verso em um papel de 29,6 x 21,0 cm., onde eu li:

[...] O envelope junto não deve ser aberto senão na abertura da exposição ARTE POSTAL.

O ENVELOPE DESTINA-SE A UMA PERFORMANCE.

Gostaria de ter a honra de serem (ou) o WALTER ZANINI e (ou) o WALMIR AYALA a materializarem-visualizarem como RECEPTORES

a CARTA-PERFORMANCE que eu, como emissor, trabalhei durante dias e dias, semana após semana.

[...] A excepção das letras do meu nome, que foram desenhadas-pintadas-cortadas, todas as outras foram recortadas de jornais, depois fotocopiadas, pintadas e, se necessário, tornadas nítidas. Todas as letras foram embrulhadas individualmente cada uma pela sua letra fotocopiada a preto e branco. Estes entrelinhas-letras organizam-se colados à carta, formando o TEXTO.

PARA SE LER O TEXTO, será, pois, necessário IR DESEMBRULHANDO AS LETRAS. Vão então surgindo letras coloridas que, soltas, cairão e esvoaçarão. Caídas estas letras, ficam nos seus lugares estas letras fotocopiadas a preto e branco.

O “performer” desta minha/nossa performance de Arte Postal – o Walter Zanini e (ou) o Walmir Ayala – deverá/deverão, na abertura da exposição, denunciar a chegada de UMA CARTA-INTERVENÇÃO... carta que, lido o remetente é então aberta, tirando-se do envelope o conteúdo.

Começa então a LEITURA da carta, duma forma forçosamente lenta, já que é NECESSÁRIO DESEMBRULHAR AS LETRAS. CADA LETRA LIDA, DEVE DEIXAR-SE CAIR, LIVREMENTE.

A acção terminará quando terminar a leitura da carta.

Terminada a leitura, o que resta da carta (envelope e conteúdo) deverá ser exposto acto contínuo junto dos outros meus envios. [...]

## Cartão-Mão Postal

Basta acessar o site do acervo de arte postal da Coleção da Cidade do Centro Cultural São Paulo para ver, em sua página inicial, uma imagem chamativa, escolhida para exemplificar o caráter visual de seus arquivos. Trata-se de um postal criado por Avelino de Araujo, enviado para o segmento de arte postal da XVI Bienal de São Paulo, no formato, impressão e dimensões de uma mão. Na sua palma, três selos de cor branca, manuscritos com as frases “CARTÃO MÃO POSTAL”, “SOLIDARIEDADE” e “CARTÃO-MÃO HOMENAGEM AOS OPERÁRIOS DA POLÔNIA”. Solidariedade, pelo que li em um artigo de 1982 escrito por Luiz Carlos Bresser-Pereira, foi o nome de um Sindicato que teve papel central ao levante que ocorreu na Polônia ~~entre~~ entre 1980 e 1981. Tal levante foi protagonizado pelos operários do país, arregimentando outros setores da sociedade, penetrando na política em curso, afastando políticos, fiscalizando o Estado, numa perspectiva autogestionária. Isso indicava um caráter inédito na experiência socialista em curso na União Soviética, já que em muito era conduzida pelas classes intelectuais. Mas em dezembro de 1981, com o apoio da URSS, a Revolução Polonesa se viu liquidada, no mesmo ano da XVI Bienal de São Paulo e, claro, da criação do Cartão-mão postal.

## Cartas negras

Para falarmos de Cartas negras, vale pensar em duas datas: 1991, quando Conceição Evaristo, Miriam Alves, Sonia Fátima da Conceição, Lia Vieira e Esmeralda Ribeiro nutriram a ideia de enviar cartas umas às outras, com o fim de publicar um dossiê da correspondência entre escritoras negras; e 2014, depois do projeto não ter vingado, quando Conceição Evaristo aproveita a homenagem que recebe na 34<sup>a</sup> Ocupação Itaú Cultural para viabilizar a publicação, com o mesmo nome que pensaram na década de noventa: Cartas negras. Fazem parte do livro Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Ana Cruz, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral, Débora Garcia, Elizandra Souza, Jenyffer Nascimento, Lívia Natália, Mel Adún e Raquel Almeida.

## Cartinha

Em 8 de julho de 1978, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro sofreu um incêndio de grandes proporções, que destruiu parte de seu acervo artístico. Sensibilizada, uma criança de 9 anos decidiu contribuir para sua reconstrução, encaminhando um desenho e a seguinte carta, manuscrita:

Rio, 24 de setembro de 1978.

Prezados senhores

Porque foi queimado o museu de arte moderna mandolhes esta figura de 2 crianças e um cachorro levando cesta de frutas.

Tenho 9 anos e estudo no colegio Barilan. Moro na Rua maestro francisco Braga 420/201 no bairro Pexoto

Fiquei muito triste quando soube da noticia (o museu foi queimado) mando-lhe este quadro para substituir aqueles que foram queimados ass: Miriam Dolinger

Dois dias após o recebimento da carta, o MAM-Rio envia uma resposta à Miriam, em papel timbrado.

Querida Miriam. Recebemos sua cartinha de 24.9.78 e ficamos sensibilizados com sua solidariedade [...]

, elogiando-a em seguida e exortando-a a ser uma boa aluna no Barilan, após manifestarem a intenção de emoldurar e pôr seu desenho em uma exposição infantil.

Para mim, chamou a atenção a forma como o museu tipificou a correspondência de Miriam, chamando-a de “cartinha”. Isto é, utilizando um diminutivo tão recorrente no enquadramento afetivo de certas produções no campo da infância, mas que, institucionalmente falando, imagino cumprindo uma função ao constar na resposta do museu à carta que o interpelou; enquadrando-a em um perfil de público e – por que não? – de artista com o qual não costumavam lidar.

## Cartões de revisita

Diambe e Tadáskía criaram, em 2019, o Estúdio presente léxico. Nele, elas fotografaram três duplas de pessoas negras, cada uma com faixas de condecorações que complementavam-se, impressas, cada dupla, com os termos Open Gates, Gesto simple e Ayé tuntun. Vestidas com suas roupas de sair, confortavelmente descalças, num cenário fotográfico adornado de cortinas douradas, plantas e uma pintura de grande escala, essas pessoas, assim como Diambe e Tadáskía, subverteram o legado novecentista das cartes de visite, fotografias que tomavam famílias europeias e europeizadas registrando-as, assim como que registrando ocasionalmente as pessoas que escravizavam, com o fim de produzir cartões postais que as mostrassem em suas “melhores posturas e expressões”, como as propagandas de época diriam. Já Diambe e Tadáskía chamaram as imagens que produziram de Cartões de revisita, numa evidente diferenciação.

## Celulasonial

Mais uma nos classificados:

**CONCERTO CELULASONIAL** Gravar 100 celulares tocando ao mesmo tempo com 100 toques diferentes e ligar esta gravação em recintos públicos e transmiti-la pela internet. Paulo Bruscky  
[pbrusck@terra.com.br](mailto:pbrusck@terra.com.br) 66ac5



## Cíbrido

Sei que o termo foi cunhado pelo arquiteto Peter Anders, mas o encontrei primeiro no ensaio 'Admirável mundo cíbrido', da artista Giselle Beiguelman, tratando sobre a interconexão entre os mundos on-line e off-line. O texto é do início dos anos 2000, e fala dum estágio de nossa sociedade em que o meio cibernético, anteriormente concentrado em telas de computador, se viu hibridizado ao mundo cotidiano, em relógios, sistemas de sinalização, celulares, edifícios, outdoors... Outdoors, aliás, serviram de suporte a um dos trabalhos da artista: Egoscópio, que permitia a qualquer internauta enviar sites de sua escolha a dois painéis eletrônicos comerciais situados em São Paulo.

## **Clothfax**

Foi numa menção rápida a uma série de ações que usaram de aparelhos de fax que tomei conhecimento da existência de uma performance chamada Clothfax, realizada por Otavio Donasci. Não consegui encontrar mais informações na internet, fora uma dissertação de Karin Magnavita de Carvalho, que comenta brevemente dois dos eventos em que Clothfax foi realizado. De um deles, em colaboração com artistas da Carnegie Mellon University, em Pittsburgh, havia alguns registros fotográficos na monografia. De imagens produzidas por artistas colaboradores, enviadas por fax até o local da performance, e fotografias de uma mulher sendo vestida por papéis A4 fixados em seu corpo e cabeça, formando um véu e um vestido que, imagino, foram construídos com as contribuições que chegavam por fax de todo o lugar.

## Comissão julgadora

Quando visitei a 34<sup>a</sup> Bienal de São Paulo, em 2021, vi uma obra de grandes dimensões, desenhada por Juraci Dórea. Feita com riscos de carvão preenchendo toda uma tela, apresentava-se como uma carta redigida em escala monumental, adornada com iluminuras igualmente desenhadas à mão, que vinham salpicadas entre as pautas em que o texto se organizava. Tal procedimento situava sua imagem anacronicamente, entre seu aspecto medieval e a técnica que, até hoje, marca à carvão inúmeras telas, antes da imprimatura que dá os primeiros aspectos tonais de uma pintura. O texto em si contribuia com essa impressão de desterro temporal, por isso gostaria de apresentar as primeiras linhas da carta, que atestam o que digo e são de onde extraí a palavra ~~nesto verbo~~:



Feira de Santana, 26 de julho de 89

Estimada amiga Ângela,

Não sei se você receberá esta carta. Ela deve passar por uma comissão julgadora, isto é, uma junta de circunspectos senhores que a olharão de soslaio, à procura de algum lampejo de engenho e arte. Acreditam eles, acreditam mesmo, que arte é algo com significado e importância.

Não vamos culpá-los por isso. Significado e arte são disfarces, armadilhas, dragões, noites de luz e sombras. Não haveremos de culpá-los.

(não posso evitar de pensar nas comissões julgadoras como uma espécie de correios. Ou uma espécie de censores dos correios, como durante a ditadura militar – e, nessa metáfora, o meio da arte é que seria o serviço postal)

## **ComunicARTE**

Hugo Pontes, pioneiro da arte postal e do poema visual no Brasil, edita no Jornal da Cidade de Poços de Caldas uma página chamada ComunicARTE, dedicada à divulgação do poema processo.

## Contart

Abri um artigo de Cristina Freire e li algo sobre os carimbos que marcaram postais com a palavra Contart, na grande rede de arte postal:

O artista alemão Robert Rehfeldt, por exemplo, estava sob constante vigilância dos aparatos repressores da Alemanha Oriental e valeu-se de carimbos para estampar seus cartões distribuídos amplamente [...]. Rehfeldt, estabeleceu muitas relações de amizade na América do Sul e cunhou como seu princípio operativo Art in Contact (Contart). Com seus projetos, convocava à união da comunidade internacional de artistas.

## Contra-Internet

Zach Blas inicia uma gravação de tela no seu Macbook. Abre o iTunes e dá play na música *Since You're Gone*, do The Cars. Abre uma pasta chamada contra-internet, que contém uma série de subpastas, e, nelas, segue o caminho 02\_inversion-series >

02\_social-media-exodus > call, terminando num repositório de oito imagens em .png, com prints de mensagens que escreveu em redes sociais como Facebook, Tumblr, LinkedIn. Enquanto abre cada uma delas no Photoshop, a música segue tocando, enquanto Zach usa ferramentas de edição nas imagens para apagar todos os detalhes, com exceção das próprias mensagens que escreveu. Logos de redes sociais, cores de fundo, a imagem de seu perfil, buscadores embed, ícones... tudo dá lugar ao grid base do Photoshop. E flutuando nesse grid, ainda que com um ruído aqui e outro ali pela edição invasiva, as mensagens de Zach Blas permanecem falando:

“I declare myself a network fugitive, a producer and distributor of contra-internet arrangements. I radicalize networks tecnics through cryptography, autonomous networks, and utopian experiments. I transform Internet-centric subjectivity, producing myself and my data as zones of contra-internet potentiality.”

“I declare myself an antiweb and worker of the antiweb.”

“I resign all internet-based modes of kinship (friends, likes, followers, posts, tweets, texts) that have been assigned to and accumulated by me within the Internet regime, as well as all privileges and obligations derived from them. I understand this necessitates deleting corporate network accounts, withdrawing from social media monoculture, and collectively resisting the addiction of staying connected to the Internet.”

Após terminar as edições, Zach fecha o Photoshop, fecha a pasta com as imagens, abre o QuickTime Player e encerra a gravação de tela.

...

Na primeira das três publicações realizadas pela equipe de Educação da 35<sup>a</sup> Bienal de São Paulo foi onde, pela primeira vez, li o nome com o qual eles decidiram se nomear, todos, como uma coisa só:



Eu sou ...<sup>1</sup>, uma entidade coletiva, no princípio formada por oito vozes de pessoas com trajetórias diversas, nascidas de diferentes diásporas, que vai receber mais vozes de mais pessoas, inclusive a sua, se aceitar este convite. Juntas e em determinado espaço-tempo, as pessoas que me formaram podem ser identificadas como a equipe de Educação da Fundação Bienal de São Paulo. Elas me criaram para falar com você de uma forma mais poética e menos formal. Quero dizer que sou uma entidade fragmentada, inspirada em Yangi, Exu ancestral que é a primeira e a última ponta do caracol, o todo no fragmento, o fragmento no todo. Como tudo que existe, eu nasci de um desejo. Neste caso, o desejo de radicalizar a condição diversa, dialógica e inacabada dos processos educativos.

Como você sabe, correspondência pode ser entendida como um conjunto de cartas. Também sugere o ato de se corresponder, de se apresentar ou estabelecer reciprocidade, relações, trocas. Tais atitudes são, sem dúvida, a base dos processos educativos. Mas e se uma correspondência entre mim e você estiver firmada naquilo que está além do que sabemos agora?

À época da produção e lançamento dessa primeira carta, a 35<sup>a</sup> permanecia em suspenso, sem definições, por se fazer. A Bienal

só foi aberta no dia 6 de setembro de 2023. Por isso, vale olhar a nota de rodapé que acompanha, nesta primeira publicação-movimento, o nome ‘...’

<sup>1</sup> Por enquanto esse é o meu nome. Numa leitura, talvez você pronuncie “reticências”, “três pontinhos”, ou faça uma pequena pausa.

Essa última é a minha preferida! Descreve perfeitamente o que sou agora: uma expectativa, um sinal que anuncia algo que virá, ou não.

## Contratradução

(#1 Diga como quiser: discoteca transléxica, claudio moreira, editora molécula, plataforma par(ent)esis)

Diga tradução como conversa, como amizade, como intimidade, como generosidade. Diga contratradução como correspondência. Diga tradução no e-mail, tradução com os pais, tradução na mesa da cozinha, tradução no processo de encontrar o amor queer e aprender a língua de um país dentro de outro país. Diga tradução como luto pela perda da amizade e do amor.

## Conversation

Grigely is best known for what he calls, in a nod to William Hogarth's eighteenth-century paintings of chitchatting families and friends, "conversation" pieces: large, meticulously arranged collages made from the small slips of paper, envelopes, receipts, shopping bags, napkins, matchbook covers, and Post-its that he has used to communicate with non-signing people since he lost his hearing, at the age of ten. He began saving these scraps in the nineties, after a particularly lively dinner party; since then, he has accumulated more than a hundred thousand notes, many of which he keeps, roughly sorted by person, color, theme, or project, in gray-and-tan archival boxes in his loft studio in Chicago, which he shares with his wife and collaborator, the artist Amy Vogel, and their teen-aged child. Each year, he composes one or two conversation pieces, sorting through thousands of notes for a work that will include a fraction as many. "He's invented an art of conversation," Obrist said. (Obrist himself now asks artists to write messages on Post-its, which he frequently shares on Instagram.)

(quando conversei com raquel stolf sobre minha decisão em utilizar mensagens como meios de expressão artística, ela

mencionou Joseph Grigely. Até então não conhecia esse artista que, surdo, faz trabalhos a partir dos bilhetes que troca, costumeiramente, com os ouvintes que o cercam. Nem que ele chama esses trabalhos de “conversas”. Nem que essas conversas reconfiguram alguma perspectiva usual (ouvintista? ~~verbocêntrica?~~) sobre conversar. Como Hans Ulrich Obrist disse aí em cima, he’s invented an art of conversation)

## **Convescote**

Em 2013, uma carta foi enviada a Claude Monet, pintor falecido em 1926. Nessa aproximação especulativa, posto que contra o tempo progressivo da cronologia, Fernanda Gassen fala sobre os piqueniques que fez em praças e parques de diferentes cidades, com a intenção de fotografar os amigos que se reuniram com ela, ao modo como Monet retratou seus amigos em torno de um piquenique farto, numa de suas pinturas mais conhecidas. Para nomear esses encontros, Fernanda retoma um termo brasileiro cunhado no século XIX, que caiu em desuso, mas traduzia a expressão inglesa *picnic*. Uma palavra que tomou tanta importância para Fernanda que, ao saber que Monet e seus convivas criaram receitas para seus passeios no campo, ela

preparou sua própria instrução de um bolo autoral, para partilhar com todos, o nomeando com o tal termo: convescote – uma junção das palavras convívio e escote (quinhão dado por cada um para a despesa do encontro).

### **Bolo convescote**

Ingredientes:

3 ovos inteiros

2 xícaras de farinha

1 e  $\frac{1}{2}$  xícaras de melado batido

150 gramas de castanha do Pará em lascas

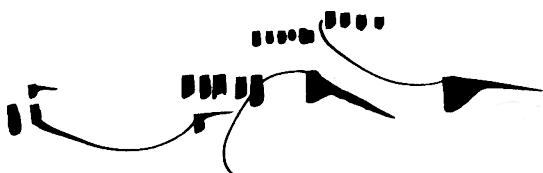
$\frac{1}{2}$  xícara de óleo de canola

1 colher de sopa de fermento químico

1 xícara de suco de laranja

Preparo:

*Bata separadamente as claras em neve. Misture, primeiramente, os ingredientes líquidos: as gemas, o suco, o melado e o óleo. Na sequência, acrescente a farinha e as castanhas, misturando bem até ficar homogêneo. Em seguida, coloque o fermento. Por último, agregue as claras batidas em neve, delicadamente, até formar uma massa areada. Em uma forma untada com manteiga e farinha, despeje a massa e coloque em forno pré-aquecido, em temperatura média por mais ou menos 30 minutos. Desenforme e finalize polvilhando açúcar de confeiteiro sobre o bolo.*



Mirtha Dermisache, artista argentina, dedicou toda sua vida a elaboração de escritos que não podem ser lidos da maneira como lemos nossos alfabetos. Acima, eu trouxe um ínfimo exemplo entre tantas cartas, cartões postais e textos nos mais diversos suportes que Mirtha escreveu soltando seu punho, desenhando como quem escrevia numa língua nova. Ela também conduziu ateliês baseados nessas solturas de significados e mãos, foi professora de outros artistas, e criava seu trabalho e sua ética educadora em meio à ditadura argentina, num contexto que nos levaria a pensar, num primeiro momento, em sua escrita como algo esvaziado de significados, num comentário à contrapelo sobre os impeditivos censores de sua própria época. Mas há, na conclusão de um texto de Belén Gache sobre a artista, uma perspectiva outra, que nos informa que há uma invenção de léxicos e significados nas cartas de Mirtha. Invenções que contribuem profundamente ao vocabulário que percebemos, pouco a pouco, surgindo entre as correspondências de tantos artistas, em tantos tempos distintos.

“Mirtha registraba en su trabajo la incomprensión y la asimetría de códigos en una sociedad argentina convulsa. Así como buscó generar una “libre expresión gráfica” con sus Jornadas del Color y de la Forma

en plena dictadura, su escritura demuestra una falta de código compartido con una comunidad minada por discursos de censuras, de autocensuras y miedo. El sinsentido no estaba en sus obras, sino en la sociedad. Ella no escribía con signos ilegibles. Era la sociedad la que no era capaz de entender lo que ella estaba diciendo."

## Coronário

<https://coronario.ims.com.br/> :

O coronavírus<sup>1</sup> criou um novo léxico que moldou, modulou e mediou certa experiência de confinamento<sup>2</sup> global.

Palavras, termos e lugares, como álcool gel<sup>3</sup>, máscara<sup>4</sup>, cloroquina<sup>5</sup> e Wuhan<sup>6</sup> entraram para o vocabulário cotidiano. Neologismos como testar positivo<sup>7</sup> e comunavírus<sup>8</sup>, e expressões como lockdown<sup>9</sup>, lavar as mãos<sup>10</sup> e isolamento social<sup>11</sup> ganharam novos sentidos. Home Office<sup>12</sup>, Zoom<sup>13</sup>, Auxílio Emergencial<sup>14</sup>, Lives<sup>15</sup> e EPIs<sup>16</sup> são outras palavras-chave do momento.

Em conjunto, indicam que a pandemia<sup>17</sup> (outro vocábulo que se tornou recorrente), criou um espectro de novas linguagens e representações. Serão rapidamente esquecidas, deletadas, apagadas da memória ou se consolidarão?

É cedo para antecipar o que ocorrerá no contexto pós-pandêmico. Contudo, não é prematuro afirmar que a pandemia já ditou algumas regras da gramática neoliberal como fundamentos sociais. A naturalização da vigilância pelo monitoramento<sup>18</sup> via celular, a brutalidade do regime de trabalho remoto e a condenação do idoso a elemento disfuncional consumam diretrizes que o “capitalismo tardio nos fins do sono” do mundo 24/7<sup>19</sup> enunciou há algum tempo.

Neste projeto, foram reunidas as palavras mais marcantes da experiência cultural do coronavírus, mensuradas pelo índice de tendências de buscas do Google<sup>20</sup>, entre março e abril, período que coincide com o da “quarentena”<sup>21</sup> no Brasil. As mais acessadas pelo público deste site respondem dinamicamente, mudando de cor, em conformidade com um mapa de calor<sup>22</sup> que reflete a atenção recebida.

Popularizados pelos termosensores fartamente utilizados na Ásia, os mapas de calor constituem uma das estéticas da vigilância embarcada na COVID-19<sup>23</sup>.

Nesse contexto, o Coronário funciona não só como um glossário da experiência cultural e social<sup>24</sup> da pandemia, mas, também como um exercício de rastreamento feito em público. As cores das palavras evidenciam a economia do olhar<sup>25</sup>, que a Internet põe em jogo, traduzindo em cores quentes as palavras mais visitadas e em frias, seus índices de menor visualidade.

Giselle Beigelman, abril 2020

## corpocamera

Querida Laura,

Você me perguntou o que eu faço como trabalho. É difícil colocar em palavras como cheguei aqui: sentindo meu corpo tocando a cama, o celular na minha mão, pesado. A dor no mindinho pq o celular não foi feito pra minha mão. Estas são as condições que invadem meu corpo neste lugar adoecido, enquanto te escrevo. Desde que comecei, tudo tem sido sobre o corpo. Em particular, os efeitos corporais que este transtorno mental crônico têm no meu corpo. Dor, exaustão, aceleramento, pressão, instabilidade, inércia, pensamentos invasivos e sensações físicas que escapam da “normalidade” cotidiana. Desde então, tenho tentado maneiras de colocar em movimento essas sensações corporais que o mundo onde vivo chama de “sintomas.” Inventar relações dançadas entre meu corpo e as coisas ao meu redor. Por coisas, quero dizer cadeiras ou paredes. Mas também pessoas, plantas, objetos, palavras, materiais, câmeras.

Em um nível mais abstrato, isso vêm de uma curiosidade sobre as forças que coreografam nossos movimentos e corpos. Mais especificamente, como que, com a disseminação do celular, as câmeras estão vivendo tão perto de nós. Poderíamos dizer que eles se fundiram aos nossos corpos. Viramos “corpocameras” mesmo se

o dispositivo não está em mãos. Mesmo desligado: esse celular que uso para te escrever me transforma. Ou, num trabalhador ativo e protagonista, produzindo sem parar. E, se não é isto, este celular vira ferramenta e para obsolescência. Ele transforma pessoas em corpos obsoletos: simplesmente não-ser, não estar apto, não ser considerado ou visto.

Minha abordagem é baseada no corpo e no movimento, vindo da terapia somática, dança e improvisação. Apesar de ser tudo prática, perguntas grandes pairam: com dançar nesse mundo de maneiras que não são tão adoecedoras para nós como corpos coletivos e para os mundos ao nosso redor? Que danças podemos dançar para combater as forças que nos coreografam?

Te amo,

Sofia **CAESAR**

Hospital Fond'Roy, Bruxelas, 05/05/23

## Corresponder-se

Em 2021, ao participar dos encontros por videoconferência do curso Gráfica de Ação Coletiva com Lucas Icó na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, falei que costumo enviar mensagens para pessoas que não me conhecem, no que Lucas criou o trocadilho Corresponder-se, ao comentar o que eu tinha dito.

## Correspondance

Ray Johnson iniciou uma rede de trocas, via correios, no início da década de sessenta, nos Estados Unidos da América. Um de seus correspondentes, Ed Plunkett, sugeriu um nome à articulação de Johnson: New York Correspondence School, trocadilho com o nome dos cursos por correspondência que se popularizavam, e também com as escolas de arte mais tradicionais, e também com um grupo de artistas nova-iorquinos, o New York School. Ray Johnson acolheu a sugestão, substituindo somente uma letra 'e' por uma letra 'a', pequeno gesto que nomeou a rede, na verdade, como New York Correspondance School, algo como Escola Nova-iorquina de correspondança. Reconhece-se, atualmente, que a NYCS de Johnson foi pioneira na articulação de artistas por meio dos correios, desdobrada alguns anos depois pelos movimentos da arte postal.

## Correspondência

Ah, também tem outra: Correspondência, dois vídeos feitos por Marilá Dardot e Fabio Moraes em 2008, que trazem filmagens de máquinas de escrever datilografando e-mails. Sim, e-mails. Com tudo aquilo dos servidores de endereços eletrônicos que

conhecemos: @, espaço para anexos à mensagem, uma carinha feliz ;), aqueles termos em inglês lá do gmail... O vídeo é de dois canais, uma tela do lado da outra, mostrando duas máquinas diferentes. Quando uma datilografa, a outra projeção some. E vice-versa; uma hora, Fabio. Outra, Marilá.

## Cuide de você

Recebi uma carta de rompimento.  
E não soube respondê-la.  
Era como se ela não me fosse destinada.  
Ela terminava com as seguintes palavras: “Cuide de você”.  
Levei essa recomendação ao pé da letra.  
Convidei 107 mulheres, escolhidas de acordo com a profissão,  
para interpretar a carta do ponto de vista profissional.  
Analisa-la, comentá-la, dançá-la, cantá-la. Esgotá-la.  
Entendê-la em meu lugar. Responder por mim.  
Era uma maneira de ganhar tempo antes de romper.  
Uma maneira de cuidar de mim.

Sophie Calle

## DePara

\* Desobedecendo um pouquinho a ordenação interna de um dos textos, fiz uma colagem a partir do livro sobre o projeto DePara, ó só:

“O DePara é um projeto do Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa (CRMLP), idealizado em parceria com a artista visual Carmen Garcia, que busca, por meio da escrita de cartas e trocas diversas entre os participantes, resgatar laços e promover a dignidade humana, a socialização e a valorização dos saberes voltados prioritariamente à população em vulnerabilidade social extrema que circula cotidianamente na região da Luz, no centro da cidade de São Paulo.”

“O nome DePara carrega em si dois elementos principais da correspondência: remetente e destinatário, além de trazer para a

discussão o verbo deparar, que quer dizer encontrar com algo inesperado, como a carta de um parente distante ou um texto que nos ajuda a entender melhor o que estamos sentindo. Mas, por que escolher a carta como elemento disparador deste projeto?"

Remetente: Carmen Garcia

"Quando começamos o DePara, primeiro ficamos no saguão, esperando que as pessoas se interessassem por entrar e se sentar à mesa, cheia de materiais. Ninguém entrou. Fomos à rua chamar. Era abril de 2023 e estávamos eu e João Innecco. Nesse dia conhecemos o senhor Leandro. Ele estava na calçada do Museu, onde dormia. Leandro é cadeirante, nos contou que haviam roubado sua cadeira e ele passava muito tempo ali desde então. Quis escrever poemas. Entendemos que a oficina aconteceria ali no chão, com os três sentados na calçada."

"Defendo que ter um lugar para escrever uma carta e enviá-la sem custo deveria ser um direito porque é uma necessidade. Imagino mesinhas espalhadas pela cidade, como os antigos orelhões. Nas, há envelopes, papéis, um escrevente, uma caixa onde se depositam as cartas que depois serão entregues pelos Correios."

"Além dos encontros na calçada, também fomos ao CAPS AD III Prates e fomos algumas vezes ao CIEJA Perus I. Eu queria que o projeto tivesse como característica central ser um ambiente acolhedor e seguro onde se pudesse escrever cartas, mas não só."

...

"Esta manhã eu acordei com a frase "um envelope é uma porta" cutucando minha cabeça desde dentro, querendo sair. Não posso deixar de pensar na carta como uma arquitetura dobrável, móvel, pequeníssima, que abre sobre a mesa um portal por onde saem palavras doces encharcadas de saudade. Um envelope é uma porta que leva remetente a destinatário. Caneta é maçaneta, dobradura é dobradiça. Uma carta abre porta dentro da prisão; abre porta na rua, onde nem parede tem; quando se escreve a quem já partiu, a carta abre porta no céu, abre porta no tempo."

### **Desertesejo**

Não tive oportunidade de navegá-lo enquanto esteve no ar, o que me fez ter contato com Desertesejo, site produzido por Gilbertto

Prado, somente pelas palavras e imagens que encontrei sobre seu funcionamento, escritas pelo próprio autor.

“Ao entrar no ambiente virtual tridimensional, o visitante se encontra em uma caverna. Quando se locomove pela primeira vez, começam a cair pedras de um pequeno buraco existente no teto da caverna, através do qual se pode ver o céu. Ao clicar em uma dessas pedras, o visitante é deslocado aleatoriamente para outro ambiente, o primeiro eixo de navegação, podendo entrar nele de três maneiras distintas, como em um sonho xamânico: como águia, como serpente ou como onça.”

“Embora esse primeiro ambiente seja multiusuário, nele o visitante navega solitário. Não encontrará mais ninguém, estará só e às vezes ouvirá o som do vento em algumas áreas abertas. É um espaço amplo de desertos e desejos que é um espaço de solidão, de perda de referências e ao mesmo tempo um espaço de liberdade e de potências, um espaço liso e sem rotas predeterminadas.”

“O segundo ambiente é o Viridis, um eixo de navegação em que já há sinal da presença de outros visitantes, mas ainda não é possível contatá-los. Pode-se, no entanto, perceber indícios de suas presenças, de que há outros navegantes no mesmo ambiente nesse momento.”

“Por fim, o terceiro eixo. Nele é possível fazer um chat 3D, encontrar outras pessoas e conversar com elas por intermédio de um avatar que foi modelado através de figuras e imagens de voos xamânicos. eventualmente, um deles dá boas-vindas ao visitante.”

Por aí vai.

### **Deus-destinatário**

No doutorado, no PPGCA-UFF, participei dos esforços para reformar o site do programa. No que mais me envolvi foi na tentativa de recuperação das dissertações defendidas. Enviei mensagens para pessoas que não conhecia, mandei alôs até pelo Instagram, de tão compenetrado que permaneci na tarefa. E conseguimos quase 50% das monografias. Foi aí que, passando os olhos, me dei conta que elas eram um exemplo concreto de uma hipótese que me vinha à cabeça desde que

comecei a conceber esta carta. Porque uma parte considerável daquelas dissertações tinha capítulos escritos como cartas, e desde antes eu pensava que o formato epistolar é um dos mais utilizados em teses e dissertações no campo da arte. Sabe-se lá porquê, mas meu próprio programa de doutorado se mostrou um platô interessante para observar que: 1) a forma da pesquisa em artes é uma questão tão grande quanto seu conteúdo; 2) as cartas são uma solução largamente utilizada.

(penso num argumento que Ana Clara Mattoso, uma colega do mesmo programa, publicou num seminário em que participamos, num texto em formato de carta. Ela dizia escrever uma correspondência, mesmo tendo os Anais de um evento universitário como o meio que a veicularia, porque vinha questionando as escritas que se propunham universais, “descoladas de seus imbricamentos pessoais e atravessamentos no espaço-tempo.” Que escrevia enquanto um convite, porque necessitava de outras mãos que se propusessem a “trançar uma rede cujos trançares ainda não tinham sido definidos.” Que escrevia como quem confidenciava, porque não confiava na neutralidade)

Uma das dissertações do Programa me encantou logo nos primeiros parágrafos. Foi escrita por uma pessoa que não conheço, chamada Dora Moreira, e defendida em 2017 com o título ‘Escritos Para Arrodear os Sons: experiências de escavação e ausculta de sonoridades’. Não vou entrar no assunto do trabalho; quero dizer de sua estrutura, dividida num sumário de primeiros nomes, 1. Tania, 2. Ju, 3. Marcos, 4. Fred... Isso revelava alguns dos seus destinatários. O primeiro capítulo carregava, ainda, um trecho de outra correspondência trocada por Dora, com outro colega. E desse trecho eu não poderia seguir sem trazer um excerto:

A crítica-para, crítica-carta, talvez seja a entrega ao trânsito em sua radicalidade. Penso no que escreveste, penso que talvez seja hora de abandonarmos o para como endereçamento e pensá-lo, acompanhando tua ideia de trânsito, como trajeto, pois talvez o nosso objetivo não seja a partida e a chegada. Penso, ainda, que talvez desejemos abandonar os objetivos e os destinatários como protagonistas, reinventá-los. Abandoná-lo(s), por fim ao juízo do deus-objetivo, deus-destinatário, como fez Artaud ao deus-palavra. Talvez o nosso para esteja no lançar-se e no convocar o outro, já que toda vida nunca saberemos que Dora e que Érico – que leitor ou ouvinte – iremos encontrar do outro lado. Já que abandonamos a crença nos limites do dentro e do fora e talvez não haja outro lado aonde chegar, e muito menos como mensurar essa chegada. Talvez escrever para Érico seja apenas escrever para o que tu me despertas, Érico.

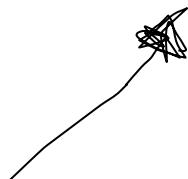
## Dial-A-Poem

O poeta John Giorno observou como as artes visuais expandiram seus espaços de atuação nos anos 1960, nos EUA. Instalações multimídia, performance, além da coisa toda com pintura e escultura em suportes não convencionais. Imagino que o mundo parecia uma grande tela em branco à época, mas nem tanto como uma página para rascunhar uma poesia.

It occurred to me that poetry was seventy-five years behind painting and sculpture and dance and music.... In 1965, the only venues for poetry were the book and the magazine, nothing else. Multimedia and performance didn't exist. I said to myself, 'If these artists can do it, why can't I do it for poetry?'

Posto em prática pela primeira vez em 1968, poderia dizer que Dial-A-Poem consiste em um número de telefone. Ao telefonar, do outro lado, ouve-se uma gravação. Alguém lendo um poema. Ou pelo menos foi assim que o conheci, quando aconteceu no Brasil, em 2024, reunindo uma série de gravações de poetas e artistas brasileiros.

With Dial-A-Poem, I stumbled on the phenomena of the telephone as a new media, connecting three things: publicity, a telephone number, and content accessed by a huge audience. Before Dial-A-Poem, the telephone was used one-to-one. Dial-A-Poem's success gave rise to a Dial-A-Something industry: from Dial-A-Joke, Dial-A-Horoscope, Dial-A-Stock Quotation, Dial Sports, to the 900 number paying for a call, to phone sex, and ever more extraordinary technology. Dial-A-Poem, by chance, ushered in a new era in telecommunications.



## **Dishonest Mailmen**

The Dishonest Mailmen  
(Robert Creeley)

They are taking all my letters, and they  
put them into a fire.

I see the flames, etc.  
But do not care, etc.

They burn everything I have, or what little  
I have. I don't care, etc.

The poem supreme, addressed to  
emptiness - this is the courage

necessary. This is something  
quite different.

## do as you likE

Folheando a ~~esse~~ publicação Excritexpográfica, do Fabio Morais, me encantei por um dos termos assinalados, surgido de um cartão postal:

**Frases /  
m: maiúscula  
E maiúscula  
TR-Cadas**

“do as you likE” é uma frase carimbada em um cartão postal de Robert Filliou. Postais e carimbos fazem parte do vocabulário estético da geração do artista, ligada às experimentações impressas e à Arte Correio, nos anos 1970. O carimbo é um instrumento do aparato burocrático e Filliou é também da geração que trouxe para o campo da arte as várias estéticas da burocracia. O carimbo atesta veracidade ou avisa algo de forma clara, sem margem para dúvidas. Mas a frase “do as you likE” carimbada em um postal é anti-burocrática ao atestar e dar fé a uma subversão da regra escrita sendo a própria subversão.”

“No tumulto, típico da derrubada de regimes, quem lê “do as you likE” se vê espelhado na frase não só no pronome “you”, mas na inversão da regra que põe a maiúscula no final, como se a regra tivesse sido colocada também frente a um espelho e se visse invertida, junto com o reflexo de quem lê “you”. Quem lê, vê a si mesmo no pronome “you” e encoraja-se a errar como subversão e estética. Errada, a regra mostra-se frágil, em decadência, inútil e obsoleta frente a uma experimentação texto-imagética que inaugura em si uma outra gramática que mostra a anterior, a oficial, como um regime visual estanque em sua imagem escrita fixa.”

## Ebó de boca

Nas primeiras palavras que Laura Castro pronunciou no Webnário Gira Expandida: Literatura no Campo ampliado, antes de iniciarem as leituras das cartas escritas por ela e por Cinara de Araújo, Laura menciona, numa antecipação:

A gente pensou que essas giras poderiam sempre ser conduzidas por... ebós de boca. Por modos da gente trazer, aqui, palavras pra abrir junto com as pessoas que a gente convidou... Cartas ao modo de ebós de bocas, né?

## Enveloplivro

Procurava alguma referência aos enveloplivros produzidos pelo artista Maynard Sobral quando caí em um site de leilões, um dos três únicos que apontavam referência direta à sua obra nas buscas no Google. O texto que anunciava o lote dizia

LIVRO-ARTE: TODA OBRA, de Maynard Sobral. COM DEDICATÓRIA E AUTÓGRAFO DO AUTOR. Obra em um envelope contendo: Enveloplivro; No olho; Euróticos; 10 postais; Jóia da literatura. Tamanho: 21 X 30 cm.

A imagem que acompanhava, de baixa qualidade, registrava todos os itens anunciados, e ali pude dar zoom e ver, no canto superior direito da fotografia, um envelope carimbado em tinta preta, letra a letra, com uma palavra curvada de modo ascendente, no centro do papel, que dizia: enveloplivro.



Abaixo, os excertos iniciais do texto 'Fred Forest ou a destruição dos pontos de vista estabelecidos', escrito por Vilém Flusser.

Era uma tarde quente, 1974, ocasião em que Forest me visitava em Fontevrault, Touraine, onde eu começava a redigir uma fenomenologia dos gestos humanos. Estávamos no jardim. Eu lhe explicava minha tese segundo a qual se possível fosse decodificar a significação dos gestos conseguir-se-ia encontrar a significação do ser no mundo humano. Forest, sempre munido de seu equipamento de vídeo, passava seu tempo a gravar quase que automaticamente minhas explicações em uma fita. Eu continuava a explicar, acompanhando, como sempre o faço, meu discurso verbal por gestos apropriados de minhas mãos e de meu corpo. A câmera que Forest tinha em suas mãos seguia obrigatoriamente meus gestos por "gestos movimentos" correspondentes. Mas esses gestos obrigavam, por sua

vez, meus próprios gestos a se modificarem, em resposta. Assim um diálogo se estabeleceu, cujos numerosos níveis não eram inteiramente conscientes para Forest, nem para mim, uma vez que nem todos eram deliberados. Minhas mãos respondiam aos gestos da câmera, e a modificação de seus movimentos mudava, sutilmente, minhas palavras e meus pensamentos. E pensamentos que eu articulava verbalmente. Quando esse diálogo muito curioso (já que não habitual) se concluiu, Forest apresentou imediatamente a fita de vídeo. Sentamo-nos para olhá-la, mas foi-nos impossível permanecer calmos. Precisávamos discutir a fita tanto em relação ao tema dialogado (os gestos), quanto sobre as transformações desse tema pela própria fita. Foi uma lástima que não tivéssemos à disposição um segundo equipamento de vídeo para gravar esse novo diálogo e juntá-lo como "meta diálogo" à primeira fita (e assim por diante, talvez, em recuo infinito). Bem mais tarde, em Arles, quando eu participava de uma mesa-redonda sobre o tema da fotografia, Forest apresentava diante de uma assistência que reunia fotógrafos e críticos, aquela fita de gestos. De repente, eu a via de um ponto de vista radicalmente novo. Tinha-se tornado um diálogo "inserido" no diálogo arlesiano sobre o tema da fotografia, para demonstrar a diferença essencial entre vídeo e fotografia e para sugerir uma cooperação possível entre as duas mídias.

Na ilustração desse segundo exemplo do tipo de ação de Forest, seu propósito não é tão evidente quanto o primeiro. Seu motivo inicial era, sem dúvidas, devido ao hábito de brincar, como sempre, com a câmera (sua "pesquisa" constante). Mas à medida que a ação se desenvolvia, seu propósito tornava-se o de compreenderativamente minhas explicações. A câmera tornava-se, como que espontaneamente, uma ferramenta epistemológica, um instrumento para compreender. Mas este instrumento tinha um efeito direto sobre a "coisa a ser compreendida": sobre o meu discurso.

Quando Forest sentia que seu esforço em compreender modificava minha explicação, seu propósito modificava-se mais uma vez. A partir deste momento, ele queria o diálogo comigo ao nível da fita. Mas o resultado desta ação era de uma ordem diferente de todos esses propósitos diversos. No contexto arlesiano, havia se tornado uma fita que provocava diálogos não previstos, com participantes imprevisíveis, em situações não previstas.

## Epigramas

O Instagram me fez tomar conhecimento que Manoela Cavalinho iria transformar seus epigramas em cartões postais. Os epigramas eu conhecia como intervenções no espaço urbano de Porto Alegre, denunciando alguns dos locais usados pela ditadura militar ao escrever, na arquitetura desses espaços, suas antigas funções com letras decalcadas. Percebi uma coisa boba aí: que não fazia ideia do que significava a palavra epígrama. Antes de pesquisar na internet, perguntei à Manoela e recebi uma resposta generosa que, certamente, eu poderia ter encontrado sozinho, caso não tivesse sido tão preguiçoso:

Epigramas é uma inscrição curta, pública, e refere-se a um evento memorável. Eram escritos em moedas, fachadas, estátuas, objetos votivos.

Pois bem. Posteriormente, encontrei outro resumo da obra – agora concretizada em cartões postais e exposta no Memorial da

Câmara Municipal de Porto Alegre –, que uso, aqui, para complementar minha descrição:

O termo epígrama designa qualquer inscrição colocada em locais públicos e dedicada à lembrança de um evento memorável. Devido à escassez de memória pública acerca da ditadura civil-militar na cidade de Porto Alegre, os Epigramas inscrevem essa memória sobre a cidade.

Decalco frases diante de endereços onde ocorreram episódios relativos à ditadura civil-militar, citando brevemente os fatos. Ao todo, são 64 ações que realizei entre 2020 e 2021. Para além das colagens, efêmeras por natureza, apresento para o 23º Salão de Artes Plásticas uma série de 64 cartões postais deste trabalho. Na frente do postal, vemos uma fotografia que registra a ação do Epígrama, sempre relacionado ao espaço urbano de Porto Alegre. No verso, há um texto que contextualiza a frase.

## **Epistoleiros**

Seria um erro tentar transcrever uma das cartas que Fabio Moraes escreveu em 2023. Ela demora, tem seu próprio tempo. Para lê-la, precisamos assisti-la. Ela não tem número de páginas, mas de minutos (são cinco, mais cinquenta e dois segundos no total). Não foi enviada pelos Correios; remeter um vídeo num envelope

iria atrapalhar os carteiros, nós já deveríamos saber: os Correios servem, hoje, para levar e trazer compras, não mensagens. Quem leu a carta, como eu, o fez de frente para uma tela, não para uma folha de papel. Uma tela luminescente, violentando as imagens. E as imagens, aprendemos com a carta de Fabio, somos nós mesmos; a prova disso é que não usamos mais espelhos. Esprememos espinhas de frente para câmeras frontais que, com um simples touchscreen, capturariam nossas faces, congelando-as. Nossa comunicação voa pelo ar, wireless, como balas cruzando o cenário árido de um filme de faroeste. Os olhos, distantes demais, já não antecipam que apertará primeiro o gatilho. A carta de Fabio se chama *Epistoleiros*.

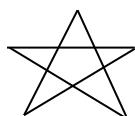
## **Fa(r)dado**

Elilson foi o primeiro artista que vi deixar o sobrenome de lado em seu nome artístico. Uma pessoa generosa, de abraço demorado e olho no olho, o que certamente o ajuda no que tem feito, ao tomar as ruas, caminhando, pedindo para panfleteiros

fixarem suas propagandas nas suas roupas, até ficar completamente preenchido de panfletos. Ou quando andando de costas, lendo em voz alta um texto seu sobre 1968, mas em 2018, dois anos-marco da violência de Estado no Brasil. Aliás, no dia 13 de dezembro de 2018, mil envelopes vermelhos foram jogados do alto de prédios do Rio de Janeiro. Ao abri-los, os passantes encontravam uma cópia do discurso antimilitarista proferido pelo deputado federal Márcio Moreira Alves em 1968 e, impressa num cartão metalizado e espelhado, a frase que o estudante Marcus Vinícius disse antes de morrer, em 20 de junho de 2018, quando baleado numa operação militar próxima da sua casa:

Ele não viu que eu estava com roupa de escola, mãe?

Elilson foi quem jogou esses envelopes. Ele nomeou essa ação como Fa(r)dado.



James Lee Byars escrevia suas cartas usando uma caligrafia com estrelas saindo das pontas de algumas letras, brotando no meio delas, iluminando os textos, feitos com canetinha dourada.



## Figurinhas

em 2020, o mundo estava isolado. ou melhor, deveria estar. sair de casa era um risco à saúde de nossa espécie, o coronavírus ameaçava dizimar a população, apesar de que minha irmã, em ônibus e ônibus lotados, trens e vans lotados, metrôs e pedestres em calçadas, se deslocava dia a dia para manter o serviço do mercado onde ela trabalhava. nem todos que se deslocavam trabalhavam em serviços essenciais. mas certamente mesmo os que se viam deslocados pela coerção do empresariado experimentaram ainda um tanto do que chamávamos de isolamento social. era época, por isso, de comunicação à distância, e lembro de que nossa família nutria as amizades usando o celular, ~~após e durante as jornadas de trabalho~~. era o que tínhamos. lembro que aprendi a usar o zoom e o google meet, para fazer reuniões de trabalho remoto. lembro de fazer uma coleção de stickers no whatsapp, lembro do hábito de

assistirmos conteúdo com o som alto, deitados na cama, ouvindo os vídeos uns dos outros, em cômodos diferentes. sobre isso, podemos pensar nas crianças que, quando não podem ir às ruas, brincam em casa e refazem o mundo a partir do que tem: uma boneca, ou um álbum de figurinhas.

em maio de 2020, gabriel pessoto e nicole kouts formaram uma dupla. das suas casas, cadastraram um e-mail coletivo, acessível para ambos, e com ele criaram um blog público. daí, iniciaram uma conversa: uma escolhia uma imagem e publicava no blog. no dia seguinte, outro respondia com uma nova imagem, num diálogo com a imagem anterior, respondendo-a, numa aproximação das suas formas, ou dos seus significados. o nome dessa conversa, conduzida por tempo indeterminado, é Trocando Figurinhas, e acontece neste blog, <https://estamostrocandofigurinhas.tumblr.com/>.

nesta carta, escrever “figurinha” não basta: é o uso das imagens como via de comunicação, e a comunicação intrincada, mutante em si, que tomou propositalmente das mãos de gabriel e nicole qualquer caminho para um total-dizer. as imagens, em suas aproximações formais (como aquele doidão do aby warburg já experimentou tempos atrás), guardam conversas entre gerações, entre multidões que nunca se conheceram.

## Floriano

Rubens Takamine, um dia, instalou o Tinder em seu celular e começou a enviar “poemas-flor”; mensagens com palavras vindas do léxico da botânica, que trançavam-se em trocadilhos com a sexualidade:

“Se o vento soprar forte, meu pólen chega aí rapidinho.”

“vem cá estudar meu caule.”

“oie, como está o seu jardim hoje?”

Floriano era o nome de usuário, o que mantinha Rubens sob anonimato. Era como se seus correspondentes conversassem, na verdade, com uma flor – como as das fotos usadas no perfil da conta.

**Fwd:**

Uso as próprias palavras de Daniel Jablonski para apresentar seu projeto nomeado com o termo ‘Fwd’ – abreviação para ‘Forward’, palavra em inglês que designa o ato de encaminhar um e-mail recebido à outra pessoa:

“‘Fwd: Desculpe pela demora’ é um projeto que buscou retomar trocas de e-mails interrompidas. Por meio de uma convocatória pública, recebi dezenas de mensagens – com dias, meses e até anos de atraso – cobrando respostas que nunca vieram ou se desculpando pelo próprio atraso. Ao longo de um mês atuei como um mediador entre remetentes e destinatários, promovendo uma espécie de anistia temporária para e-mails atrasados.”

### **Gesto simple**

Em tradução aproximada do castelhano, significa “gesto simples”.  
(Vejam o termo Cartões de revisita, nesta lista.)

### **Gilda**

Num cartão-postal, a imagem de uma placa de bronze, fixada em uma calçada em frente a uma banca de jornal, com a frase GILDA, VOCÊ DEIXOU SAUDADES., escrita em letras douradas com relevo. Embaixo da frase, o local e ano, em letras menores: CURITIBA, 1983. O verso do cartão tem a mesma frase escrita

no canto superior esquerdo, acompanhada dos dizeres Curitiba – PR – Brasil e, embaixo, o nome de uma região: Boca Maldita. Há também espaço pautado para escrita de uma mensagem pessoal, local para afixar o selo dos correios e a informação de quem fez a fotografia que consta na frente do postal: Guilherme Jaccon, a mesma pessoa que me entregou em mãos esse cartão, quando o conheci.

Há uma série de conteúdos sobre o projeto que Guilherme conduz em memória de Gilda. Recentemente, ele participou de um dos episódios do podcast Rádio Novello. Mas trago abaixo um trecho de outra recomendação: um texto descriptivo que consta ao final de uma exposição virtual que Guilherme realizou, no Google Arts & Culture, e que me ajuda a descrever com a brevidade de quem confia que seus leitores saberão que precisam de muito mais para começar a se relacionar com o que até então era esta palavra desconhecida: Gilda.

“Arquivo Boca da Noite” é um projeto do artista Guilherme Jaccon que teve início em 2015 com o objetivo de organizar um acervo de documentos, depoimentos, recortes de jornais, obras de arte e ações culturais que trabalhem a memória e história de Gilda, travesti em situação de rua e figura popular de Curitiba nos anos 70 e 80. O nome “Boca da Noite” é uma referência ao movimento popular criado em 1983 após a morte de Gilda que tinha como objetivo instalar uma placa de bronze em sua homenagem.

## Hag

Audre Lorde usou uma palavra que eu nunca tinha lido, bem no final de uma carta aberta para Mary Daly:

Então, como uma irmã Hag, peço que você dialogue com minhas percepções.

Lendo a carta na íntegra, dá para se transportar, entender o texto como uma discussão dura com a destinatária. Audre apontava várias problemáticas no recém-lançado *Gyn/Ecology*, escrito por Mary. Na forma como mulheres negras eram retratadas na obra, em usos inconvenientes das palavras de autoras negras, nas bases eurocentradas do livro, no essencialismo biologizante. Mas me encucou esse “irmã Hag”, ao final da carta; essa condição de irmandade entre as duas, a despeito das diferenças explícitas na discussão levantada. Uma irmandade qualificada por uma palavra que eu nem conhecia.

Na nota de rodapé, a tradutora do livro, Stephanie Borges, esclarece:

“Hag” é um termo usado para se referir a deusas velhas, de aparência ameaçadora e consideradas bruxas. É uma figura recorrente em contos de fada e mitologias europeias, como a deusa Cailleach e a Baba Yaga.”

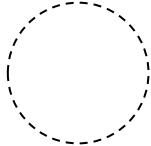
“Hag seria a representação do aspecto divino dessas mulheres velhas e feias e sábias.”

Aí eu entendi que nessa palavrinha tinha algo, alguma coisa que declarava porque as palavras de Audre estavam numa carta, reivindicando proximidade, a despeito da discordância entre as duas, dos problemas na obra da Daly. Do contrário, imagino que o texto poderia ter outro formato. Uma nota de repúdio, por exemplo.

### **Hégio e Lylia**



Uma vez, fui comentar a troca de correspondências entre Hélio Oiticica e Lygia Clark numa mensagem, quando cometí o equívoco, ou ato falho, ao digitar “Hégio e Lylia”.



Siga as instruções: recorte nas linhas tracejadas acima. Mire o céu com os olhos no buraco que se formou. Assim, por meio dele, você poderá ter a experiência com a invenção lexical que Yoko Ono criou em cartões postais na década de 1960. Cartões furados no meio, só com uns dizeres, em letras pretas, do lado direito:



A HOLE TO SEE  
THE SKY THROUGH

YOKO ONO  
'64

Ver o céu por meio do buraco em um postal que vem de longe, carregando a lembrança do que sempre esteve por perto, mas ao mesmo tempo inalcançável, acima de nós.

## Hole-in-space

A public communication sculpture

Essa é uma frase que surge antes do registro em vídeo de Hole-in-space começar. Nos dias 11, 13 e 14 de novembro de 1980, Kit Galloway e Sherrie Rabinowitz dispuseram duas telas em escala humana, junto a aparatos de captura de imagem e som em duas ruas, uma em Nova Iorque e outra em Los Angeles. Numa transmissão via satélite, uma tela transmitia imagens e sons do que se posicionava de frente a outra, e vice versa. Esse cenário, naqueles dias, antecipou em quarenta anos a comunicação por vídeo que costumamos realizar hoje em dia em nossos computadores. Multidões se aglomeravam em Nova Iorque, conversando com outras multidões que se aglomeravam em frente a tela em Los Angeles. Risadas, danças, gritos animados, flertes entre desconhecidos. Homens de terno, jovens, pessoas com roupas de frio, de um lado, e outras com vestidos mais leves, de outro. A distância longa entre os espaços foi esburacada por duas horas, durante aqueles três dias.

## Home care artístico

Quando pisei no Museu Bispo do Rosario como trabalhador, o nome de André Bastos foi um dos que mais escutei. Foi um dos integrantes do Ateliê Gaia, coletivo autogestionado de artistas atravessades por violências anteriores, de ordem manicomial, e que são apoiades pelo museu em seus projetos. André era um cara negro, grande, articuladíssimo na oratória, com um amplo repertório sobre saúde, filosofia, arte, política etc. Não o conheci, porque havia falecido poucos anos antes da minha chegada, durante a pandemia do coronavírus, por problemas que envolveram uma pneumonia mas, sobretudo, pela negligência médica que confundiu seus episódios de confusão mental, ocasionados pela doença, com o diagnóstico pregresso que o levou a ser um usuário da Rede de Atenção Psicossocial e, antes, prisioneiro do aparato hospitalocêntrico.

CONFIRMAR

Ainda assim, no mesmo ano em que entrei no museu, conheci outra faceta de André: sua verve epistolar. O museu divulgou, em 2022, um vídeo que foi pensado por André tempos antes. Acompanhado das fotografias que fez da Residência Terapêutica onde morava, tem a narração em off da voz de uma pessoa lendo uma carta aberta que André escreveu. Nela, André teceu sérias considerações sobre as ligações, sobretudo frágeis, entre arte, cultura, saúde mental e moradores de RT's. Em certo trecho, quando faz considerações sobre o equipamento que, na Rede de Atenção Psicossocial, tem por interesse promover a reintegração por meio de ofertas artísticas – os Centros de Convivência –, André cunha o termo 'Home care artístico', que o auxilia a falar sobre um assunto premente à luta antimanicomial, nos prejuízos que recaem sobre tantos mas, penso também, sobre comunicação e distâncias, assuntos tão caros às próprias cartas:

Fico pensando aqui. Os Centros de Convivência precisam ser fortificados para o resgate da cultura e do trabalho. Mas tem moradores que não conseguem chegar lá. Não conseguem sair da RT porque têm suas dificuldades. Então eu inventaria uma palavra nova. O home care artístico. Seria uma forma de levar a cultura para dentro da RT, para que o morador mais regredido, mais debilitado, possa passar por esse processo de reeducação, de reabilitação e de reinserção social, considerando de fato suas dificuldades de sair da RT.

## I AM AN ARTIST

Comprei um livro bonito, da cor de um envelope de papel pardo, cuja capa tem a reprodução de um carimbo em vermelho, com a frase I AM AN ARTIST. Organizado por Jorge Bucksdricker, apresenta a produção profícua de Leonhard Frank Duch, artista pouco referenciado atualmente, ainda que presente nos

principais eventos da mail art. Sobre a frase carimbada, Jorge chegou a dizer algumas palavras:

Numa das suas séries mais conhecidas, [...] [a]ludindo ao braço jurídico-policial do estado que trabalha para ratificar as iniquidades estruturais do país, o artista produz imagens de si mesmo emparedado, detrás das grades, em posição de revista e justapõe a essas imagens o carimbo I AM AN ARTIST.

Na sua dramaticidade quase kitsch, a série revela uma sutil ambiguidade. Na década de 70, ser um artista inegavelmente significava ser vigiado, controlado e intimidado por um regime de exceção. Mas significava também estar em uma situação de incomunicabilidade, na medida em que, como já referido, não dispúnhamos de um público apto a consumir arte. Duplamente isolados, os artistas se voltavam para o seu próprio ofício a procura de respostas que lhes permitissem erigir algum tipo de válvula de escape.

Vale ainda mencionar um manuscrito de Duch, reproduzido páginas depois desse trecho no livro, cujo endereçamento, sem dúvida interessantíssimo ~~a este~~ PROTOCOLO, se dirige à intermídia:

Dear intermedia,

Actually all my mail art works are based in our cultural reality. "I am an artist" means to be in anguish, in agony. It's dangerous in our country to be an artist. And I am an artist! This I must say craying:

I AM AN ARTIST!!!

I assume the responsibility to be an artist.

Duch.

**1924**

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

**I am still alive**

Essa eu aprendi nos primeiros anos em que estudei arte: por muitas vezes, desde os anos 60, 70, On Kawara enviou telegramas a algumas pessoas com a frase “I am still alive.”; “Ainda estou vivo”.

## **Inserções em circuitos ideológicos**

Desde a década de 70, Cildo Meireles tem decalcado mensagens em garrafas de Coca-Cola retornáveis, carimbado frases em cédulas, e devolvido elas à circulação. “Quem matou Herzog?”, “Quem matou Marielle?”, “Cadê Amarildo?”, instruções ilustradas sobre como transformar garrafas em coquetéis molotov etc. Chamado de Inserções em circuitos ideológicos, esse projeto começou quando Cildo publicou algumas mensagens parasitárias nos classificados dos jornais. Numa delas, no Jornal do Brasil do dia 12 de janeiro de 1970, na sessão Diversos, um anúncio vago: “Área nº 1 Gildo Meireles 70”. Em 3 de junho do mesmo ano, na mesma sessão, um anúncio menor retornou: “Áreas. Extensas. Longínquas. Cartas para Cildo Meireles. Rua Gal. Glicério 445 apt. 1003. Laranjeiras. GB”. Eram anúncios criados entre sua intenção original e os mal-entendidos que fizeram ser veiculados com um ou outro erro de grafia, mas que cumpriram a função de demarcar um espaço vago, ocioso, uma Clareira, como Cildo chamaria posteriormente. O controle ditatorial sobre a mídia, contudo, fez com que Cildo repensasse sua inoculação nos jornais. Foi quando decidiu explorar outros circuitos ideológicos, um tanto inauditos. As cédulas ganharam carimbos. Garrafas, decalques. A qualidade de circulação de certos itens foi então ativada como um meio de comunicação, carregando palavras que não poderiam circular livremente.

Mas há um caso que gosto de retomar quando penso nas inserções. Em julho de 1970, o curador Frederico Morais organizou uma mostra coletiva chamada Agnus Dei – Nova crítica, na antiga Petit Galerie, no Rio de Janeiro. Essa mostra se tornou paradigmática, já que Frederico Morais não limitou ao texto sua atuação como crítico. O livro *Arte-veículo*, de Ana Maria Maia, exemplifica, tendo a obra de Cildo como caso:

Frederico Morais articulou uma expografia para *Inserções* em circuitos ideológicos - Projeto Coca-Cola, que tornava perceptível sua desproporção diante da escala industrial. O crítico cobriu todo o chão da galeria com garrafas de refrigerante similares às usadas por Cildo. Perdidas entre elas, havia apenas três garrafas pelo artista, e, sobre uma mesa, encontrava-se a legenda explicativa: “15.000 garrafas de Coca-Cola, tamanho médio, vazias, gentilmente cedidas e transportadas, em 650 engradados, por Coca-Cola Refrescos S.A.

E Ana prossegue, informando as intenções de Frederico, mas também as de Cildo, num contraponto à crítica:

O entendimento de Frederico, expresso na forma desse gesto “crítico-visual”, era o de que “o sistema Coca-Cola era suficientemente forte para encampar a própria crítica de Cildo”. Na época, o artista recebeu essa leitura - vinda de um dos seus maiores interlocutores, vale ressaltar - como uma compreensão oportuna e didática sobre um dos aspectos do trabalho, a sua diluição ou risco de invisibilidade. Em depoimento posterior, ele relembrou que sempre considerou que a escala reduzida da intervenção e a possibilidade de apropriação dela pela indústria pudessem apontar para “um grau de ineficiência”, mas disse ainda que isso não o preocupava. Em entrevista realizada durante a pesquisa de *Arte-veículo*, Cildo ratificou a sua aposta exatamente no confronto de paradigmas de eficiência:

[...] o que eu gostava, portanto, era essa dinâmica de um indivíduo, na solidão da sua individualidade, poder de alguma maneira afetar uma macroestrutura. Dava prazer em pensar isso, mas eu não tinha nenhuma esperança de que eu

pudesse reverter isso e, portanto, constatar a eficácia da minha ação como artista. O fato de as inserções desaparecerem talvez não seja a única prova da sua pertinência, mas é uma prova eloquente [...]

## k7

No livro *Cobra K7* tem uma carta chamada *Carta k7*. Num dos parágrafos, Candice Didonet descreve que

Em uma dinâmica de leitura que instaura a ação de uma fita k7 esta é uma daquelas escritas que busca materialidades e ações que conectem palavras em movimento. Girar como uma fita k7, rebobinar e acelerar, permitir a gravação por cima, emendar a fita de dentro que se rompe. Valorizar a emenda. Volver a um manuseio. Apertar. Poder carregar o conteúdo que se torna portátil, e já não mais k7, do tamanho da mão, coleção dentro de uma caixa de sapato. Poder gravar como aperto, das ondas do rádio à seleções variadas de canções, músicas e, o que der na telha. [...] Feito fita k7 esta é uma daquelas escritas que rebobinam e aceleram, com talvez, um pause no meio. A fita quase do tamanho da mão, sua imagem que se carrega em um tamanho que hoje, já se acelera a novas tecnologias de arquivo, e de arquivar.

## KEO

Jean-Marc Philippe reuniu um grande time de cientistas e artistas para criar o satélite KEO. Idealizado em 1994, tinha por missão reunir mensagens de toda a humanidade, que seriam lançadas ao espaço para retornar dentro de 50.000 anos, transportando as palavras dos atuais cidadãos aos que aqui viverão em milênios. Para o nome KEO, segundo Jean-Marc, a ideia foi “buscar os fonemas comuns aos idiomas mais falados atualmente e selecionar aqueles que são mais freqüentemente usados: o (K), o (E), o (O)... Assim nasceu KEO, um nome pronunciável em todas as culturas.” A despeito da articulação do projeto com importantes instituições, como a UNESCO, Hutchison Whampoa e a Agência Espacial Europeia, o lançamento foi adiado por muitos anos, e eu, que descobri o projeto há pouco, só pude encontrar notícias velhas em seu website e na sua página no Wikipedia. Isto é, não há notícias se o satélite foi lançado ou não.

(mas deixei minha mensagem no site, na seção de envios ao satélite, caso o lançamento ainda vá acontecer)

## Kihtimori Pirō

Um ano depois de eu conhecer a Carta cobra feita por Daiara Tukano, mais especificamente no dia 10 de agosto de 2023 trombei com outra publicação em suas redes sociais, de uma nova apresentação, de outra carta, e que dizia:



Kihtimori Pirō, carta cobra, realizada no dia internacional dos povos indígenas no museu do Supremo Tribunal Federal, na exposição “Toda vez que se fura uma obra, muitas outras surgem” - mostra coletiva em defesa da democracia com curadoria de @liliashwarcz e da procuradora da República Fabiana Schneider. 🌻 @daiaratukano canetão sobre papel craft, 1,20mx10m

## Lençol

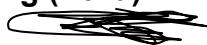
Querida pessoa, preserve este lençol onde está um pedacinho da minha vida; e do meu esposo; Clelia Marchi (72) escreveu a história das pessoas da sua terra, preenchendo um lençol com escritos, desde o trabalho na agricultura até os seus afetos.

(não consigo deixar de pensar que o que a senhora italiana Clelia Marchi fez, escrevendo abundantemente no lençol nupcial que compartilhou com seu marido, falecido dois anos antes, revela um outro papel, um novo suporte onde se viu escrita uma carta aberta, para além das páginas de jornal e da eloquência de figuras públicas, dos assuntos tidos como de interesse público e das disputas na política,)

## Mail expressivo

Meu e-mail, não tem meu nome, mas uma expressão inventada: mailexpressivo@gmail.com, um trocadilho com a expressão 'meio expressivo'.

### My Calling (Card)



Sabe aqueles cartões de visita que uma pessoa dá a outra, com seu número de contato, seu nome, alguma informação básica de onde trabalha? É mais comum no âmbito profissional. Bem, Adrian Piper fez um cartão desses. Distribuído entre 1986 e 1990, pensado especialmente para jantares e aberturas de exposições, era entregue, por ela, para interlocutores brancos. Por sua pele clara, Piper costumava ouvir comentários racistas nas rodas que se formavam nesses locais, de pessoas que acreditavam ter, nela, mais uma participante do pacto tácito daquela sociedade. O cartão não tem mais do que a seguinte mensagem:

Dear Friend,

I am black.

I am sure you did not realize this when you make/laughed at/agreed with that racist remark. In the past, I have attempted to alert white people to my racial identity in advance. Unfortunately, this invariably causes them to react to me as pushy, manipulative, or socially

inappropriate. Therefore, my policy is to assume that white people do not make these remarks, even when they believe there are no black people present, and to distribute this card when they do.

I regret any discomfort my presence is causing you, just as I am sure you regret the discomfort your racism is causing me.

**Não vou dizer a continuação, porque estou cansado desse lugar e quero ir para outro**

Esta frase foi repetida inúmeras vezes, desordenadas vezes, por várias vozes se sobrepondo durante uma videoconferência, enquanto cada pessoa ia cobrindo sua webcam com o dedo. Fiquei em dúvida sobre como descrever melhor tudo isso, até que

lembrei de uma conversa que tive com a autora, o que resultou numa das notas de rodapé do trabalho que fiz no mestrado:

Não vou dizer a continuação, porque estou cansado deste lugar e quero ir para outro" (BECKETT:1951) foi uma proposta da artista brasileira Cristina de Pádula [1972-] na ocasião do I Seminário Internacional do Grupo de Pesquisa A Arte Contemporânea e o Estádio do Espelho. Sobre sua ação, em troca de e-mails realizada com a artista no dia 2 de novembro de 2020, às 20:35h ela compartilhou o seguinte parágrafo, escrito pela própria:

A frase que dá título à proposta da ação é uma apropriação do primeiro livro da trilogia beckettiana do pós guerra: Molloy (1947).

No atual pandêmico, esgotamento e restrição são sensações e condições extremamente familiares para nós. Na ação realizada com a repetição da frase pelos diversos participantes, paulatinamente ocorrem sobreposições, interrupções e anulação de vozes e o desaparecimento de suas imagens. A repetição da frase por diversas vozes indica tanto a impossibilidade de narrativa elucidativa a respeito do que está acontecendo, quanto a indeterminação de seu fim. Esta negatividade, entretanto, não é absoluta: o desejo de "ir para outro lugar" afirma a potência de transformação, talvez utópica. Mesmo em condição de extremo cansaço (devido às repetições), ainda que cansado, os participantes e suas vozes não esgotam por completo suas possibilidades.

O esgotado é muito mais que o cansado. "Não é um simples cansaço, não estou simplesmente cansado, apesar da subida." O cansado não dispõe mais de qualquer possibilidade (subjetiva) – não pode, portanto, realizar a mínima possibilidade (objetiva). Mas esta permanece, porque nunca se realiza todo o possível; ele é até mesmo criado à medida que é realizado. O cansado apenas esgotou a realização,

enquanto o esgotado esgota todo o possível. O cansado não pode realizar, mas o esgotado não pode mais possibilizar. (DELEUZE, 2010, p. 65)

## *O NEGRO DORIEU VIDELA*

Um dia, encontrei um livro cujo título me chamou a atenção: *O Negro Dorieu Videla*. Nele, seu organizador, Edésio Fernandes, explica:

surgiu nas ruas centrais de Belo Horizonte, bem perto de onde trabalhávamos, um andarilho e morador de rua - ainda não se falava em "pessoas em situação de rua" - que imediatamente nos chamou a atenção pela maneira instigante com que fazia trabalhos em giz, principalmente nas calçadas, às vezes nas ruas, nos muros e nas paredes também. Alguns eram mais visíveis, outros ficavam praticamente escondidos, alguns eram chamativos, outros pareciam

delicadas rendas tecidas no cimento, no concreto, no asfalto ou nos tijolos. Ele mesmo só aparecia de vez em quando, mas deixava suas marcas no espaço urbano com certa regularidade, sobretudo nas imediações do Colégio Arnaldo e do Instituto de Educação. Seguimos os passos dele por algum tempo, Manoel tirou as muitas fotos que compõem este livro, até que ele sumiu de vista - e logo depois eu mesmo saí da cidade.

Com palavras constantes sobre negritude, dor, negro, mata, criança negra, preta, escura – e declarações que se faziam desenhos, sentenças que se truncavam, juntavam, numa reinvenção das palavras e frases, com riscos que se faziam rendas, véus cobrindo as calçadas da cidade de Belo Horizonte, no começo dos anos 1980, com uma expressão da qual não há maiores pistas que este livro, feito de algumas fotografias analógicas, muitos textos de outros autores e a constatação que suas intervenções à giz foram lavadas da cidade com a mesma rapidez e com a mesma naturalização social com que seu corpo desapareceu um dia.

Há outra declaração de Edésio que me chamou a atenção:



Mesmo sem saber nada sobre sua biografia, passamos a chamá-lo de "Dorieu Videla", pois este nome - que, diferentemente dos demais, não conseguimos identificar - era algo recorrente em seus trabalhos, misturado às vezes com nomes de cantores, políticos e outros

Eu acho que Dorieu Videla, esse texto escrito na carne das ruas, para além de qualquer outra intenção, criou um endereço para um homem sem endereço, que vivia a violência de estar à céu aberto. Uma palavra que ratificou tudo que ele fez como mensagem, convertendo tantos passantes em destinatários.

~~Assim como~~ uma palavra que permitiu que, mais especificamente, um dos textos deste livro se fizesse como uma carta, uma Carta a Dorieu, escrita por Diva Moreira, voz

fundamental nas lutas pelos direitos da população negra e na luta antimanicomial. Trago, abaixo, os últimos parágrafos de sua mensagem:

Bem, não quero ficar só com lembranças tristes para que aumente a dor que existe em você e em mim! Quero pensar em coisas bonitas, porque, ao ver seus desenhos, fico imaginando onde você estaria ao desenhar aquelas imagens tão fortes e que me comovem tanto! Quem sabe, você estava na Turquia dançando a dança cósmica dos dervixes? Transmutando energia para dar luz e misericórdia para o nosso mundo tão insensível e desamoroso? Outras vezes, penso assim: quem sabe você foi levado por algum disco voador e ficou um tempo com outros seres planetários? Como era por lá? Também indago: estaria na Índia, no Tibet, onde aprendeu a tecer no giz aquelas mandalas lindas, feitas para serem desfeitas para simbolizar como a vida é efêmera?

Ah, Dorieu, fico por aqui! Um dia, se nos for permitido um encontro, quero ouvi-lo sobre as perguntas que lhe fiz. Onde quer que esteja, desejo-lhe que continue nos mandando sua luz para que nossas dores se transmutem em alegria!

De sua irmã, Diva  
Sabará, 29 de março de 2016

## NetLung

Eu abri o link <https://www.youtube.com/watch?v=K4-pK11X84g> e vi um vídeo que, na sua descrição, carregava o seguinte parágrafo:

NetLung ou Rede Pulmão foi um site participativo criado em maio de 1996 pelos artistas Diana Domingues (coordenadora), Gilbertto Prado, Suzete Venturelli e eu, Tania Fraga. Naquele período procurávamos meios para experimentar formas de interatividade com os recursos extremamente limitados da linguagem de marcação de texto HTML 1 então recentemente criada. Naquela época esses recursos nos possibilitavam apenas usar tabelas para organização das imagens e textos poéticos nas páginas (homepages), formulários que permitiam receber respostas através de e-mail, possibilitando integrar as participações do público, animações e sons simples, imagens estáticas com áreas sensíveis para criar links, como um modo de instigar o toque. O ato de respirar e o toque foram considerados por nós como as ações mais relevantes para a vida, para a natureza e para o corpo. Todos esses recursos foram usados intensivamente.

*↑ Gov. ▶*

**nhoc**

Em 1977, Daniel Santiago publica nos classificados:

EU COMO POESIA, nhoc, nhoc, nhoc, nhoc, Daniel Santiago, Caixa Postal, 87– Recife.

## **obra-Quilombo**

Na descrição de seu trabalho artístico realizado via WhatsApp, chamado ZaPretas, Renata diz:

ZaPretas é uma obra-Quilombo.

## O meio e a mensagem são a mensagem

há aquela frase conhecida por af, o meio é a mensagem. volto ao texto do marshall mcluhan. a luz elétrica, p. ex., é um meio de comunicação. esqueça o conteúdo organizado, aquelas letras, o sentido que surge do idioma. a luz, o motor, a gasolina carregam sua própria mensagem. são veículos, sim, claro. por eles passam

velozmente as mensagens que antes duravam tanto para chegar de uma pessoa à outra. mas a própria velocidade da luz-motor-gasolina-etc., a conexão mais rápida entre nós, as mudanças sociais que promoveram, a forma como o desenvolvimento tecnológico nos assujeita: eis suas mensagens. não cogitemos qualquer separação esquemática entre veículo e conteúdo. não acreditemos em qualquer hierarquização conteúdo > veículo. somos, no limite, a própria linguagem de uma língua que se faz extra-humanamente, nos nós que criamos, ou que se criaram, entre nossos fios de cabeça. mas... por que minha amiga, a artista luciana grizoti, quando decidiu enviar 512 cartas aos 512 apartamentos do condomínio onde morava, carimbou os envelopes com a frase "o meio e a mensagem são a mensagem"? ao passo que o meio de expressão tem sua própria fonte expressiva, independente da individualidade de quem faz uso dele, será que algo de nós sobrevive, no sentido de uma expressividade não totalmente condicionada às infraestruturas? parece que luciana diz que sim. no final da carta, ela escreve Muito tempo que não escrevo uma carta. E você? Hoje em dia, com a internet, pelo correio só vem carta e folheto de propaganda. Pode deixar, essa carta não é para pedir algo, eu só tive vontade de escrever, desejar-te bom dia, bom trabalho, bom descanso e etc. Será que você vai me responder? Tomara... Meu endereço você já sabe. Abraços, Luciana.

## Open gates

Em tradução aproximada do inglês, significa “abre caminhos”.

Conferir Cartões de revisita, por favor.

## Orelhinha

Nas palavras da própria Sara Lana:

Orelhinha é uma instalação sonora criada a partir de chamadas realizadas para [orelhões à beira dos rios São Francisco e Jequitinhonha.]

Uma série de chamadas para destinatários até então desconhecidos ou até mesmo inexistentes. Linhas cruzadas na tentativa de escutar um pouco a vida que se passa ao redor e os contrastantes cenários que contornam um mesmo rio.

Enquanto correm risco de extinção em boa parte do estado, os orelhões ainda são o único meio de comunicação em povoados ribeirinhos que não têm cobertura de telefonia móvel.

Os telefones foram encontrados viajando pela margem desses rios utilizando mapas com visualização panorâmica de espaços públicos e com imagens de satélite. O número de cada orelhão foi resgatado cruzando suas coordenadas geográficas identificadas no trajeto com informações coletadas no banco de dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

## ORtist

Em 1979, Claudio Goulart envia para seus contatos um cartão-postal com a pergunta “Por que você faz arte postal?” (“Why are you doing mail art?”) encabeçando o papel que, de resto vazio, na cor branca, se mostrava como um espaço aberto às intervenções de suas destinatáries. Pela característica da proposta de Goulart, chamada Poste restante – em que as respostas corriam de uma destinatária ao outre, acumulando-se num mesmo envelope a cada nova remessa –, algumas brincadeiras entre participantes foram vistas por Charlene Cabral, pesquisadora que me abriu os olhos quando li seu Trabalho de Conclusão de Curso. Uma das que me chamaram a atenção diz respeito ao artista Leonhard Frank Duch, que já conhecia, e a outro artista, cujo nome me pareceu curioso, ainda mais pensando em sua proposta: GeORge Brett.

Leonhard interviu no postal com um de seus carimbos mais conhecidos: I AM AN ARTIST, em letras garrafais, vermelhas, de uma precisão industrial, contornadas por uma borda retangular da mesma cor. Já GeORge, em seu postal, carimbou a palavra “Because” em letras azuis, seguidas, abaixo, por um carimbo com a frase I AM AN ORTIST, na mesma cor vermelha e borda retangular envolvendo a sentença, mas sem o dado de perfeição maquinica do carimbo de Duch – na verdade, me parece que GeORge criou com as próprias mãos sua estampa, usando uma técnica que, se não é, se assemelha muito à xilogravura.

Em uma tradução livre feita por Charlene Cabral, a resposta de GeORge Brett, em português, seria “PORQUE EU SOU UM OUTRISTA”. Mas ela mesma alerta:

Aqui há um jogo de palavras em inglês que é perdido na tradução, pela tradução de “or” para “ou”. Perde-se que a grafia *ortist*, em inglês, é muito semelhante a *artist*.

## 2868

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

## Palestina

Palestina do Pará, Palestina de Goiás, Palestina de Los Altos...

Emilia Estrada produziu cartões-postais com a imagem dessas e de várias outras Palestinas espalhadas pela América do Sul. Vistas aéreas retiradas do serviço de visualização de mapas fornecidos pela Google e, no verso dos cartões, o brasão de cada uma dessas localidades e suas coordenadas geográficas. Se tratando do Estado originário da Palestina, contudo, assolado pelas expansões constantes da ocupação do Estado israelense, Emilia não teve grandes resultados ao buscar no Google Earth:

Pero cuando buscamos “Palestina” en el Google Earth (versão 2018, prévio a sua última atualização), a terra se movimenta, a seta viaja em direção leste y cae en el medio del Oceano Atlántico como se tivesse acontecido um erro no sistema.

(...)

A aparente negação da Palestina como território objetivada na imagem do aplicativo, tem me incitado a procurar outros lugares possíveis de entendimento sobre a história das diferentes ocupações humanas que ocorreram na América Latina, onde existem mais de 25 municípios, cidades, bairros e até aldeias que foram fundadas e batizadas com o nome Palestina.

**PAra:**

há! lembrei de quando escrevi sobre isso num texto chamado: mail expressivo (arte pública (como atitude)):

3)

Eu ainda não usava o Instagram, não tinha um perfil criado na rede social. O que não foi impeditivo a alguém - e já nem me lembro quem - me apresentar, da tela de seu próprio celular, algumas fotografias que Everson Verdião publicou entre os dias 13 e 15 de abril de 2021. Nelas, avisos desgastados no asfalto de uma rua deram lugar à signos de endereçamento, com o auxílio de um pote de tinta branca, uma trincha e das mãos do próprio artista. Numa das imagens, a palavra escrita no chão era a de um aviso dizendo DEVAGAR mas, desgastado que estava junto ao solo, facilmente deu lugar, através de sua primeira sílaba, a um DE: - bastando para isso a pintura de dois pontos após as letras.

(PARE - em outra imagem no perfil de Everson - apresentava sua segunda sílaba apagada, e permitiu a inserção de um 'ra:', com letras cursivas - PAra: )

Se o solo da cidade suporta palavras que usariamos para endereçar uma carta, se isso ocorre em 2021 e se isso não se articula a uma rede de artistas conectados pelo sistema de correios, eu penso que: não se trata de remeter esse gesto à mail art / pois a cidade, aqui, é o próprio sistema de correios / a rua é o próprio papel / a vida urbana é a própria carta / os destinatários são passantes e vizinhos / o remetente, apesar de eu saber que é o Everson, será anônimo para boa parte das pessoas que receberão a mensagem e o seu endereçamento / a mensagem e o endereçamento, inclusive, talvez sejam uma coisa só.

Agora, percebo: voltamos a estar entre a arte pública e as correspondências.

od: nomeesperen.

Participei como artista da exposição A parábola do progresso, que aconteceu entre 2022 e 2023 no Sesc Pompeia. Dela resultou um catálogo gordo, com textos das curadoras Lisette Lagnado, André Pitol e Yudi Rafael, assim como de convidados. O que era convergente ao caráter revisionista da exposição, dividida em núcleos, enfrentando o problema da constituição da modernidade e da identidade nacional por amplas frentes. Numa das paredes da mostra, havia correspondências e documentos da passagem do artista argentino León Ferrari no Brasil. O que resultou em duas páginas do catálogo. Uma delas com uma reprodução de uma das últimas cartas enviadas por seu filho Ariel à família, antes de se tornar mais um desaparecido político da ditadura militar argentina. Outra, com um texto de Guadalupe Basualdo, de onde extraí o excerto abaixo, que me fez entender a palavra circulada por León, com caneta azul, na carta do filho, como uma declaração:

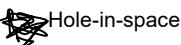
O terrorismo de Estado foi um ponto de inflexão na vida de Ferrari e sua família. Perseguidos pela ditadura militar argentina, exilaram-se em São Paulo no final de 1976. Pouco depois, em fevereiro de 1977, seu filho Ariel foi preso em uma operação militar em Buenos Aires e desde então está desaparecido. Em uma das últimas cartas que enviou à família, Ariel diz: “Não tenho medo de não vê-los mais. Mas eu ficaria com raiva. Muita raiva, por não poder mostrar-lhes o que eu quero. Não para mim, mas para todos. Cada vez menos para mim, cada vez menos”. Ele se despede com um P.S. premonitório, “nomesperen” [Não me esperem], que León contorna à caneta. Desse momento em diante, León se dedicou com todas as forças a buscar a verdade, exigir justiça e construir memórias em torno do terrorismo estatal.

## Pedra

Numa carta atemporal, enviada por Cíntia Guedes ao posfácio do livro de Jota Mombaça, ela determina as condições de sua textualidade epistolar da seguinte forma:

Depois de abandonar todas as palavras adequadas, escrevo-te transmutada em pedra. Pedra. Não pela qualidade secular, afinal nossa tarefa não é sustentar o peso do tempo linear. Pedra, sim, embora não seja possível fecharmos-nos em rocha contra o mundo. Pedra porque quero oferecer-te, a ti e às tuas leitoras, as palavras que escuto quando me dedico ao tempo da terra. E pedra porque já fui, e logo serei novamente, lava do fogo que incendeia no agora, desde sempre, o centro da Terra.

## Periscópio



Conheço periscópios de vê-los representados em desenhos animados e filmes quando acoplados a submarinos, dando a visão de fora da água para algume de suas passageiros. Mas do que trato aqui é do trabalho que Guto Lacaz realizou em um edifício de São Paulo, em 1994, dentro do projeto de grandes intervenções urbanas chamado Arte/Cidade, capitaneado por Nelson Brissac Peixoto, do qual tomo emprestado os parágrafos abaixo:

Os periscópios de Guto Lacaz são imensos dispositivos óticos construídos junto à fachada do prédio da Eletropaulo. Medindo 28 m de altura, têm espelhos de 2,40 m, permitindo àquele que passa pela

rua ver a exposição no último andar do prédio. Inversamente, o visitante pode, lá de cima, observar o movimento no térreo. O espaço urbano é literalmente tomado por esses grandes sistemas tubulares, que materializam o feixe de luz. Esses antigos aparelhos de visão são uma forma de olhar acima da superfície, implicam leveza. Eles estabelecem uma comunicação visual entre dois planos, um trânsito instantâneo de um nível a outro, alterando o horizonte da cidade.

Modo paradoxal de olhar a cidade, quando toda a contemplação da paisagem urbana se tornou problemática. Hoje só temos, graças a esses mecanismos, imagens micro ou macro das coisas. Trata-se de uma perspectiva que observador algum teria, da rua ver lá em cima e do topo visualizar a calçada. Visão que não pressupõe uma experiência ao alcance do indivíduo. Daí o recurso a esses verdadeiros panópticos urbanos. Os periscópios aludem aos sistemas de vigilância que hoje controlam as metrópoles, suas dimensões excessivas evidenciam esta vontade de tudo ver.

## PigeonBlog

Abri aquele livro, Ficar com o problema, da Donna Haraway, e bum!, conheci o PigeonBlog:

Em agosto de 2006, vários pombos-correio participaram de três experimentos sociais públicos que vincularam intimamente as tecnologias de comunicação a pessoas citadinas e aves de corrida urbanas. [...] organizado pela artista e pesquisadora Beatriz da Costa e pelos estudantes Cina Hazegh e Kevin Ponto, [...] O PigeonBlog precisou de uma extensa rede de colaborações entre “pombos-correio, artistas, engenheiros e columbófilos engajados em uma

iniciativa de coleta de dados científicos de base popular, projetada para compilar e distribuir informações sobre as condições de qualidade do ar para o público geral". [...] O projeto tratava de associar a eletrônica barata, sagaz e faça você mesmo à ciência cidadã, à arte e ao conhecimento coproduzidos entre espécies [...] Os pombos não eram cartões SIM, mas coprodutores vivos.

## **Plas Ayiti**

Num cartão-postal, a foto de um letreiro luminoso à noite, no topo de um prédio. Uma frase até então misteriosa: Plas Ayiti. No verso, lê-se:

PROJETO NEON (PLAS AYITI) DE MILLA JUNG  
INSTALAÇÃO DE NEON, 4,5 X 1,00M., 2014

## **Plas Ayiti**

Instalação de luminoso neon no topo do edifício “Nossa senhora da Luz” na Praça Tiradentes em Curitiba. Plas Ayiti, ou Lugar Haitiano em creoule, contextualiza a presença dos imigrantes na cidade que tem esta praça como ponto de encontro e faz intersecção ao filme produzido com o mesmo nome por Felipe Prando, Carlos Kenji, Daniel Yencken, David Limose, Serge Norestin e Team Fresh.

BOLSA PRODUÇÃO PARA ARTES VISUAIS 6 - DO FUNDO MUNICIPAL DA CULTURA / FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA  
PROJETO REALIZADO COM O APOIO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, FUNDO MUNICIPAL DA CULTURA - PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA

## **preCISO falAR coM voCÊ**

Rona borda e desenha em vários envelopes. Silhuetas humanas, mãos dadas, “Respiro”, “dentro a saudade...”, uma mão ferida, seu nome repetidas vezes, um envelope lacrado por linhas vermelhas, traços riscando o espaço para o CEP. Os envelopes são nomeados por um só nome, como uma série. preCISO falAR coM voCÊ. Com maiúsculas e minúsculas alternadas. Grafia característica dos seus textos.

## **Queda-de-braço**

Conheci o termo pela descrição que li do projeto que, em tradução para o português, se chamou “Queda-de-braço telefônica”; uma queda-de-braço entre pessoas separadas por mais de 7 mil quilômetros, entre Paris e Toronto, no ano de 1986. A coisa toda teve o envolvimento de outras pessoas, mas foi originalmente concebida por Norman White. Se deu por um

dispositivo com um braço mecânico, ativado por computador, dentre outros equipamentos suplementares que, juntos, tinham a função de transmitir a sensação da pressão exercida entre os competidores.

### **remetente/destinatário**

rafael amorim fez um trabalho chamado remetente/destinatário, a partir de cartas encontradas em livros; carta da Lygia ao Mondrian, cartas ao pequeno príncipe, cartas a Theo, do Van Gogh, as cartas do Michelangelo, uma carta da Sabine pra Matheusa Passareli. eram imagens de incisões em envelopes fechados, que davam a entrever algum trecho, algumas palavras dessas cartas contidas, envelopadas.

s retalhos de música me emocionam. I  
vontade - dança popular: vêem-se v

## Replicante

Olá, boa noite. Podemos começar?

sim

## PANFLETO

Esta é uma história  
um texto  
uma peça  
um jogo  
uma performance  
uma máquina  
uma coreografia

um algoritmo  
 um bot  
 um servidor de mensagens  
 um experimento  
 uma intervenção

Inserções  
 flexíveis  
 semiautomatizadas  
 em tempo real  
 neste seu objeto tão familiar.

Quando quiser

[levantar as cortinas](#)

[levantar as cortinas](#)

(vídeo, 0:31)

## PARTE I

---

*Imóvel diante de alguns objetos, você está lendo no seu celular. Helicópteros voam à distância, sem que você possa ouvi-los, assim como carroças que coletam ferro. Em outros pontos, outras pessoas leem este mesmo texto, mas essa ação transcorre invisível para você.*

*A partir de agora, através de textos, botões e algumas imagens, um robô te contará uma história.*

*De março a setembro de 2021, fui programado para te apresentar, da seguinte maneira, um texto. Normalmente usado por empresas e campanhas políticas, este servidor de mensagens te guiará, desta vez, por outros caminhos.*

---

(...)

(*Replicante*, de Clara Ianni, é uma correalização do aarea e da Fundação Bienal de São Paulo e integra a rede da 34<sup>a</sup> Bienal de São Paulo – *Faz escuro mas eu canto*. Da eleição da extrema direita à vida na pandemia, a tecnologia teve um impacto sem precedente no contexto brasileiro e global, acelerando o fluxo planetário de informações e mercadorias. *Replicante* parte desse contexto para refletir sobre a relação entre circulação, espaço e política. O projeto consiste em um bot WhatsApp que se desenvolve através da interação de quem participa. Seguindo a lógica de fragmentação desse meio, a peça é constituída como uma montagem literária e audiovisual que conecta diferentes tempos e espaços, construindo situações em que passado e futuro coexistem no presente. As sessões de *Replicante* ocorrem às sextas, sábados e domingos, entre 19h e 19h30. Para participar, basta acessar [www.aarea.co](http://www.aarea.co), escolher uma data e inserir seu número de celular. *Replicante* entrará em contato por WhatsApp no dia e hora marcados. Recomenda-se o uso do aplicativo no celular.)

## RUM(O)

RUM(O). Intervenção Urbana.

Descriitivo\_ A intervenção consistiu em convidar 22 pessoas a escreverem uma carta para um desconhecido. As cartas foram colocadas dentro de garrafas e distribuídas numa praia.

→ tirei da dissertação de Rubiane Maia. Esse pequeno texto acompanhava algumas imagens das cartas e de seus envases em garrafas que iriam ao mar. No lado de fora das garrafas, tinham adesivos com um questionário:

RUM(O)

O que fazer com a garrafa?

- a) Abrí-la
- b) Quebrá-la
- c) Dispensá-la
- d) N.D.A. (Você não tem o menor interesse em objetos estranhos)

RUMO.O@HOTMAIL.COM

## Satisfaction

ONDE  
EVL; ISSO?

Em uma das atividades criadas por Allan Kaprow, um grupo de dois homens e duas mulheres encena uma conversa telefônica seguindo um roteiro elaborado pelo artista (Satisfaction, 1976). No final da publicação, Kaprow discute a gama de interações sociais e emocionais que este exercício aparentemente simples pode e pretende gerar.

A, telephoning B, saying:

this is -----

B, replying: unh-hunh

hanging up

B, telephoning A, asking:

are you thinking of me

A, replying: unh-hunh

(or)

unh-unh

hanging up

## Sculpture

Marinus Boezem, décadas atrás, envia um convite para cerca de 350 destinatários envolvidos com o meio da arte, como Richard Serra, Jesus Rafael Soto e Gilbert and George. Com o título “Sculpture”, a mensagem convida:

I invite you to make love on february 11<sup>th</sup> 1978, at 22:00 hours.

---

## (co)rompe

Lá no site da coleção de Arte Postal do CCSP, vi que eles têm uma obra chamada ‘El arte (co)rompe’, feita por alguém que não conheço, chamado Ricardo Cristóbal. Uma pena que não há imagens do trabalho no site, vou precisar ver no futuro que não sei quando, (o tempo tem sido escasso)). Só sei das informações que o site traz: que a mensagem veio da Espanha, que tem carimbo e caneta hidrográfica sobre o papel. Pelas dimensões, acho que é um cartão-postal. O número de tombo dele é 01.2166.

## Silensophone

La poésie est un “silensophone”. le poème, un lieu d'opération, e mot y est soumi...

Bem, eu não sei falar francês. Só sei que silensophone pode ser traduzido por silenciofone porque conheci essa palavra, que Ghérasim Luca cunhou em uma folha de rascunho encontrada entre os arquivos do seu espólio, lendo um ensaio de Laura Erber. Entre suas análises sobre o autor, ela incluiu os textos no original, no corpo do artigo. Enquanto que, nas notas de rodapé, ofereceu traduções para o português.

[...] A poesia é um “silênciofone”, o poema, um lugar de operação, ali a palavra é submetida a uma série de mutações sonoras, cada uma de suas facetas libera a multiplicidade de sentidos de que são portadoras. [...]

[...] Não é portanto de estranhar que a pesquisa poética de Luca, voltada insistente para a dimensão elementar da linguagem, tenha levado-o a enfrentar a questão do silêncio. Esse interesse aparece explicitamente pela primeira vez numa série de cartas enviadas por Luca logo na sua chegada a Paris em 1951. Nessa correspondência sem correspondente, cada mensagem é movida pelo silêncio do destinatário. Trata-se realmente de um peculiar ritual epistolar: uma correspondência de mão única travada anonimamente

com um destinatário desconhecido. Conta-se que o nome da pessoa a quem as cartas foram enviadas foi sorteado aleatoriamente por uma amiga de Luca na lista telefônica da cidade.

**18 de novembro de 19...**

Prezado,

O desmoronamento de certos sólidos, ainda que enganador, permite-lhe planar. Aquilo que lhe parecia um abismo torna-se o próprio espaço da sua espessura. Graças a você, tomo meu impulso...

Mas parece que toda relação com o próximo não passa de vias de aproximação; no momento decisivo, e por uma exigência recíproca, cada um coloca ao outro as questões essenciais.

Ainda hoje bebemos desses ursos.

§

**19 de novembro de 19...**

Prezado,

Bem, uma espécie de resposta não tardou a se fazer ouvir e vejo a confirmação na percepção aguçada de uma espécie de emissão de vogais que acabo de captar e que me foi indicada como proveniente de suas luzes. Parece-me realmente que você encontrou uma nova e delicada maneira de facilitar nossa relação. Esse envio esclarecedor, que na minha solidão a dois ganha um brilho singular e nunca antes atingido, não traria a palavra segunda? Esse envio que seria absurdo – dado que a oportunidade, a preciosa oportunidade enfim chegou – de recusar...

Assim você continua sendo pra mim o único interlocutor possível quando tento me desencaminhar. Esse objetivo eu não o alcanço abrindo-me a você, a menos que seja por uma via enviesada que, se assim o for, é intransponível. Estar a caminho, procurar e mesmo encontrar uma chave, não passam de passatempos de serralheiros. Você deve pois se justificar. E precisamente, é impossível.

Como deixam ver os exemplos acima, o dispositivo das cartas anônimas enviadas a um sujeito desconhecido e não identificável torna-se uma arena onde o poeta pode encenar o corpo a corpo com o silêncio do destinatário constituindo uma relação que Dominique Carlat (1996) bem denominou de “troca intempestiva”, indo de um polo de anonimato a um polo de incerteza, em que o outro emerge “como uma hipótese delineada pela língua”. A partir dos originais conservados em cópia por Luca, em 2003 a Editora José Corti publicou uma edição com as 23 cartas e os fac-símiles dos manuscritos sob o título *Levée D'écrou* – em português “soltura” – expressão utilizada para se referir ao momento da liberação de um prisioneiro, quando o ferrolho das grades é aberto. O silêncio do receptor e as aflições do remetente acabam por revelar o caráter ambíguo de toda escrita poética, nem solilóquio, nem diálogo, nem monólogo, nem comunicação entre solidões, nem melancolia da incomunicabilidade, talvez algo mais próximo daquilo que o próprio Luca batiza de “demonólogo”, em todo caso, uma escrita infinita e vertiginosa como ondas de silêncio.

### Simple Net Art Diagram (SNAD)

Em 1997, o duo de artistas MTA criou um diagrama da arte realizada na internet: não mais do que uma imagem em .gif, de dois computadores desktop conectados entre si, desenhados de forma simples com alguma ferramenta de desenho digital, com linhas retilíneas, pretas, e representados como monitores de tubo e gabinetes com espaço para inserir disquetes e CD-ROMs.

Contudo, o elemento que apresentava movimento na imagem – considerando que os .gifs são imagens conhecidas por apresentarem movimentos repetitivos, como se fossem um vídeo de milésimos de segundo rodando infinitamente –, se situava exatamente no meio da ligação via cabo entre esses dois PC's. Era a ilustração de um raio estilizado, vermelho, que piscava e estava circulado por uma linha azul que se ligava a um aviso no canto superior direito da imagem, que dizia The art happens here. No todo, esse diagrama carregava os signos que costumamos ver como alertas na linguagem das indústrias e empresas. A cor vermelha, o aviso imperativo, o alerta, a estética organizacional dos fluxogramas. E avisava, com caráter de urgência, o que escapa às nossas mãos: que, apesar da imagem comum do artista como demiurgo, a arte acontece no encontro entre, no mínimo, duas pessoas – ou dois computadores. ~~teve~~

## Sky-Art

Tava lendo o artigo de Walter Zanini sobre arte telemática quando vi o manifesto que Otto Piene, Lowry Burgess, Elizabeth Golding, entre outros assinaram, traduzido para o português:

### MANIFESTO SKY- ART

Nosso alcance no espaço constitui uma extensão infinita da vida humana, imaginação e criatividade.

A ascensão aos céus é espelhada pela imersão no espaço interior refletindo o cosmos.

Nossa liberação da gravidade representa uma transformação fundamental na consciência humana - vôo e liberação que abrem uma nova dimensão de humanidade.

Desde o passado remoto, artistas têm formado imagens e sonhos, enaltecido a imaginação, construído estruturas de aspiração para oferecer ao mundo asas para voar, e a visão para ver novas sociedades no céu. Vivemos em sua luz cumulativa.

Não apenas aqui na Terra, mas também no espaço, nós devemos ver, tocar, sentir e pensar de modo a transportarmos a alma e o espírito.

Assim um portal é atravessado onde a radiância da arte conduz uma consciência ampliada para a reciprocidade com a Terra.

“Enquanto permaneço contemplando o jardim do espaço, eu sinto que estava observando as profundezas abissais, as mais secretas regiões do meu próprio ser, e eu sorri porque nunca me havia ocorrido que eu pudesse ser tão puro, tão grande, tão belo. Meu coração lançou-me no entoar de uma canção de graça para o universo. Todas estas constelações são suas, elas existem em você, fora de seu amor, elas não têm nenhuma realidade” (Milosz).

Nós vemos implicações internacionais em nossa arte fomentando uma consciência global através de exposições em grande escala, tele-educação e jogo exploratório.

Artistas celestes entusiasticamente procuram alianças produtivas com agências espaciais, estamos pedindo o estabelecimento de conselhos nacionais e internacionais que defenderão projetos artísticos específicos para instituições e agências apropriadas. Adicionalmente estes conselhos irão colaborar com a implantação de projetos artísticos de longo alcance incorporando propósitos humanos e sublimes.

Nós empenhamos nossa imaginação e capacidade, nosso espírito explorador e nossos poderes expressivos neste esforço de buscar o horizonte mais amplo.

Interagindo a princípio com veículos e sistemas atuais, e então desenvolvendo métodos, utilidades e implementos especiais.

O artista criando e contextualizando fenômenos e mensagens modelares sobe ao espaço para de lá enviar sinais à Terra.

O artista como explorador do ser interior continua o diálogo com o universo no espaço.

O artista como um poeta no limite com o seu instrumental sensório viaja ao espaço para ampliar a perspectiva humana no novo mundo - o céu e o espaço.

O artista viaja entre os mundos para colher lendas e imagens conduzindo-as a muitos lugares próximos e distantes

### **3350**

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

## Sorts

\*KIFFER, Ana. *Antonin Artaud*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

p. 50, 145, 146:

“De sua partida para a Irlanda e ainda durante seu internamento em Ville-Évrard, no período de 1937 a 1939, Artaud empreende uma nova forma de correspondência, cercada de atributos mágicos, reconhecidos como sorts. O suporte é queimado, macerado, tingido; as palavras, em parte desfazendo-se e em parte saltando da página, endereçam-se aos amigos ou àqueles a quem o poeta julga dever enviar um “aviso” (“ceci est un avertissement”, diz Artaud em Sort, enviado a Hitler!).”

“[...] cartas mágicas, onde o fogo é o elemento preponderante da construção plástica. O suporte é queimado, colorido em tons derivados do fogo e a mensagem visa, por meio de todos os elementos assim postos, proteger ou destruir o destinatário.”

“Conhecidos como sorts, essas cartas de atributos mágicos escritas entre 1937 e 1939 buscam, como disse Paule Thévenin, “mais do que transmitir uma mensagem ou pensamento, agir por elas mesmas e fisicamente””

## Sou toda ouvidos

Muito do que Raquel Stolf fez alimentaria com mais palavras esta carta. Não raro suas investidas recriam o sentido de palavras já conhecidas, ou inventam novos termos. O que trago abaixo está disponível no glossário de sua tese de doutorado, que descreve o que é uma palavra pênsil:

Uma ponte pênsil constitui um tipo de ponte pendurada por cabos de aço, utilizada para transpor grandes distâncias. Uma palavra pênsil consiste numa palavra colocada em processo de suspensão e que possibilita atravessar ou ser atravessada por distâncias (de sentidos). Flutuante, ela não pousa ou se fixa num significado específico, suspendendo o instante e o lugar dessa aterrissagem. Flexível, ela gagueja temporariamente quando algo passa ou quando sentidos circulam entre suas extremidades.

Palavra pênsil em muito faz entrever os interesses intersticiais em nossa comunicação. Se a palavra, dita ou escrita, tem qualquer pretensão de assertividade, de bem dizer, de polidez, não importa: sempre residirão nos nossos contatos alguns rasgos na racionalidade.

Nesse sentido, ler e escutar um texto digitado, desenhado, impresso ou filmado, sussurrado ou interrompido por espirros, invertido, acelerado ou empilhado, torna-o algo aderente, suscetível e posto num declive. A palavra sofre os fluxos de ser escrita, vista, lida, falada, ouvida, escutada, ao ser deslocada e desviada para outros espaços e tempos. E, em minhas proposições artísticas, sentidos podem acontecer justamente nessas fronteiras, nessas articulações.

Exemplar sobre isso é que, desde 2007, Raquel tem editado diferentes versões de um mesmo cartão de visitas branco, com a frase ‘Sou toda ouvidos’ impressa no meio e uma pequena

sentença abaixo, acompanhada por seu telefone celular, sem maiores informações, sem seu nome, sem autoria:

“Escuta-se gratuitamente bocejos, espirros, soluços, sibilos, sonhos e memórias sonoras, por telefone. 48-84334419”

“Escuta-se gratuitamente ruídos de fundo, por telefone. 48-84334419”

“Escuta-se gratuitamente o fundo do mar, por telefone. 48-84334419”

“Escuta-se gratuitamente rumores de frente, por telefone. 48-84334419”

### **Souzousareta Geijutsuka**

Yuri Firmeza, quando convidado pelo Museu de Arte Contemporânea do Ceará a realizar uma exposição individual, decidiu não exibir sua produção, mas a de um artista que ele mesmo inventou. Começou a criar a mostra como se fosse de um artista com grande reconhecimento internacional, cujo nome era Souzousareta Geijutsuka – “artista inventado”, em japonês. Enviando releases à imprensa cearense, concedendo entrevistas por e-mail, inventando uma assessoria, Yuri fez com que a futura mostra fosse amplamente divulgada pela mídia, que celebrava, a cada primeira página nos cadernos de cultura, a presença de um artista tão reconhecido. Mas, ao abrir da exposição, os públicos presenciaram nada mais que um espaço vazio, com alguns papéis afixados na parede, documentando a invenção de Souzousareta em e-mails, cartas e releases que enganaram tantos jornais da cidade.

~~Sundown~~

(Na verdade, essa palavra não vai dar conta.

Isso começou num projeto chamado Sundown, de Mit Mitropoulos. Ele propôs a troca, via satélite, de imagens eletrônicas do pôr do sol entre diversas cidades. Acho que valeria por um pôr do sol aqui, não a palavra Sundown. Só consigo pensar que esse projeto compreendia o pôr do sol como uma espécie de gramática, surgida graças ao avanço tecnológico. Não o sol, que sempre esteve acima de nós, mas seu ocaso, com imagens distintas ao redor do mundo, em tempos tão distintos... e nisso, nos primórdios da comunicação global, com esses artistas que criaram modos de intercambiar pores do sol à distância, amarrando horizontes com nós frágeis, como se fossem barbantes soltos...)



Tive uma dificuldade tremenda em ler esta carta palavra por palavra. Foi difícil de tal modo que, mesmo para trazer um trecho dela, precisei cortar não um termo, ou uma frase, mas um pedaço de um dos parágrafos, de tão emaranhadas que as linhas estavam. Em quatro telas, com pinceladas grossas de tinta preta, Pedro Carneiro escreveu uma carta ao seu pai assim; com as sentenças se interpenetrando, os parágrafos se fundindo, quase se tornando uma massa sólida, um monolito negro. Em exposição, as quatro pinturas são acompanhadas de duas fotos preto e branco. Uma do próprio Pedro, sentado, em uma posição corporal que parece o espelhamento da segunda foto, com seu pai vestido com uma beca, em alguma formatura. Do que pude ler, Pedro fala com seu pai sobre um jogo do Fluminense, quando ele o levou ao Maracanã e viram, juntos, a vitória do time. E de quando o ato se inverteu, quando Pedro levou seu pai ao estádio, anos depois. E das desventuras em acompanhar vitórias e derrotas do time. Ou seja, uma carta sobre um time de futebol, sobre as relações entre pai e filho, sobre a matéria das coisas se colidindo e criando-se na aparência de manchas sólidas e compactas, que pedem aproximação para serem lidas, ou para entendermos que não conseguimos lê-las.

### **The world's first collaborative sentence**

Lembrei de um trabalho maravilhoso, chamado The world's first collaborative sentence, que descrevi em uma carta que enviei há um tempo atrás, para um técnico de informática:

Em 1994, Douglas Davis deu início à primeira frase feita colaborativamente por todo o mundo. Com a ajuda de uma galeria de arte em Nova Iorque, criou uma página na internet que permitiu a seus visitantes escreverem coletivamente. [...] [A] sentença não era redigida somente com letras: havia nela fotografias, sons, faxes, links etc. Mas a esse texto, a despeito de tantas liberdades, havia uma regra: não terminá-lo com um ponto. Dessa maneira, a frase continuaria uma, tornando-se imensa. E Douglas previa, com isso, que seria a maior já escrita.

### **Vara-palavra**

Entendo esse trabalho de conclusão de curso também como uma carta à ancestralidade que não pode escrever/falar sobre o que pensava, sentia e vivia, ou pelo menos, não num espaço institucional como este aqui. Uma carta a todas as vezes em que não pude dar nome à própria indignação de não me encontrar nas epistemologias, sentidos e pensamentos utilizados pelo corpus docente, salvo raras

exceções trazidas por pessoas negras e indígenas no programa de pós-graduação.

Ao ler esse trecho no Trabalho de Conclusão de Curso que coorientava, entendi que se tratava de uma correspondência sendo escrita desde o bacharelado em Artes na UFF, utilizando a instituição como uma espécie de envelope, ou de papel, ou de correio. Gabrielle Souza, que escreveu esse texto no mesmo fôlego em que criou o curta-metragem “Nunca me perguntaram nada”, tinha neles plataforma para construir sua textualidade permeada pelos assuntos de suas mais velhas, onde seus registros pessoais se cruzavam incessantemente com os de seu avô, avó, tia, e faziam visíveis os interesses intelectuais que nossas famílias negras guardam nas conversas mais cifradas, ou mesmo nos seus silêncios.

Nisso Gabrielle instrui, e pude recolher, nela, dentre tantas, uma palavra instigante aos assuntos das correspondências:

Para chegar a ter contato com essas lembranças é preciso a paciência de uma pescadora que joga a vara no mar em busca da peixe-memória, assim podendo ser eu alimentada. Alimentar-nos de nós, como nos pensa Yhuri Cruz, na nossa “pretofagia”. Jogar a vara-palavra no vento e receber o alimento-memória com o auxílio de meu par de iscas-ouvidos. Quando meu avô compartilha comigo suas histórias, ele traz também em sua voz o mistério-secreto que trouxe vida até a mim.

## Videorizoma

Infelizmente nunca consegui ver nenhum dos videorizomas de Marcellvs L. Do que sei, são vídeos curtos. De baixa resolução. Mostram cenas cotidianas, um homem caminhando na beira de uma estrada, um cavalo parado, carros num congestionamento. E aí o zoom da câmera faz seu trabalho: aproximando e granulando a imagem, dando a ela uma dinâmica impressionista, em que as coisas se fazem manchas, cores. São vídeos que seccionam um algo qualquer, uma coisa que era irrisória. E nisso de notar o detalhe apequenado da vida, tingir de pixels a resolução adequada do mundo, Marcellvs L. numera aleatoriamente seus vídeos – 0314, 7077, 5040, 8011, 2004, 3172, 0667 – e envia para pessoas escolhidas por acaso, dentre seus contatos. Ele faz assim pela vontade de encarar o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari, em dispositivos de gravação e circulação. Distribuindo e produzindo para além das dinâmicas de centralização da cultura, ao que me parece.

**4193**

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

**wawrwt**

Entre 1995 e 2001, digitando-se o endereço eletrônico <http://wawrwt.iar.unicamp.br> em um navegador, seria possível acessar o projeto wAwRwT, idealizado por Gilbertto Prado no Instituto de Artes da Unicamp e que investigava práticas artístico-telemáticas. Hoje, o site se encontra fora do ar, quase já não atentamos que sites são iniciados por www, mas vale mencionar que, à época, entremear as três letras da palavra inglesa ART aos três primeiros díbrios dos sites World Wide Web parecia impossível. Se tinha por certo que essa primeira parte dos endereços de websites não era customizável. (ela é? rs)

## ZaPretas

Li no site de Renata Sampaio que

ZaPretas é uma obra-Quilombo no qual cinco mulheres negras de diferentes regiões do país - Andy Marques, Milena Lízia, Renata Sampaio, Taís Teles e Zanza Gomes - compõem um relato coletivo através do Whatsapp sobre como é ser uma mulher negra no Brasil hoje. Essa conversa é convertida em um áudio e torna-se pública através de um QR-Code que é colocado no espaço expositivo e/ou nas ruas próximas a ele. A obra é inspirada nas Cartas Negras, projeto realizado pelas escritoras Miriam Alves, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro, Sonia Fátima da Conceição, Geni Guimarães e Conceição Evaristo no qual as autoras se escreviam cartas na década de 90.

## 4479

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

**5916**

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

**9585**

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

**11872**

During the last weeks I counted my steps every day during the whole day.

During a walk through Amsterdam I will send a letter to Andover everytime I meet a mail-box. In this letter I will enclose a card with the number of steps till the moment I stopped in front of the mail-box.

I will send 10 letters to Andover.

Stanley Brouwn

## p.s.

Uma vez, um professor disse que o apêndice era interessante porque, no corpo humano, é a parte que pode ser extirpada. Ele falava disso como um estímulo a pensar o que podemos limpar em nossos projetos, mesmo daquilo que pareça inato, natural à primeira vista. Porque há certas coisas que nos acrescentam ao, justamente, sumirem. Eu o ouvi e, tempos depois, pensei em escrever esta carta sem pôr referências diretamente em seu corpo textual. Sem autor-data nem notas de rodapé. Porque as referências... elas se costuram e descosturam às palavras, em citações, em parênteses esburacando a prosa. Poderia extirpar elas, como um apêndice?

Meditando um pouco, percebi que, se estava escrevendo uma carta, havia um paralelo interessante, uma parte comumente extirpável em uma escritura dessas: os p.s., post scriptum, que anexam qualquer informação suplementar à redação de uma carta. Usados quando esquecemos algo após escrever e lançamos mão de duas letrinhas para dizer o que escapou: p.s., dois pontos. Uma informação suplementar, portanto, extirpável, mas que acaba sublinhando um dado importante, destacado, na verdade, pelo esquecimento. Houve missivistas que puseram p.s. no final das suas cartas ao lembrarem de algo para pôr naquele texto que escreveram, mas não enviaram. Assim, furavam suas prosas costurando nelas um ‘a mais’ tão fundamental quanto a mensagem, já que selado num envelope junto às palavras do dia anterior. Eu sabia que, incomodado que estava em pôr referências bibliográficas, queria escrever elas com um efeito de separação, ou de adição, como um item a mais num envelope já gorducho. Foi quando decidi escrever este p.s. a vocês.

Contudo, se eu pudesse, gostaria que a lista a seguir escapasse da tarefa de informar só uma base comum, bibliográfica. Gostaria que ela informasse, na verdade, todos os caminhos acidentados que descobri até chegar nas palavras que escrevi. Houve textos que li e que aparentemente ficaram pra trás, quando, na verdade, entraram no que carregarei comigo até quando esquecer de tudo e tudo esquecer de mim. Por isso escrevo este p.s. como um mapa provisório aos que queiram adentrar por fontes das mais diversas em que o assunto das correspondências de artistas se faz, mas que precisarão entrar nelas como se abrissem clareiras e trilhas numa mata fechada. É de uma convivência selvagem e policultural entre essas referências, ao mesmo tempo mútuas e dispersas, que encontrei meu espaço de estudo. Este p.s., ou este apêndice não operado, assim como minha carta, tem sua própria vida. É um resquício, mas também um elo com o que não conheci. Escapa das minhas mãos.

*(para além da ABNT, para além das universidades, Arthur Bispo do Rosario, um professor incontornável de Metodologia da Pesquisa. Vocês já viram as fichas que ele produziu em papelão?)*

A HOLE in Space LA-NY, 1980 -- the mother of all video chats. Vídeo. 29'45" [registro de Hole-in-space, projeto dos artistas Kit Galloway and Sherrie Rabinowitz]. Publicado pelo canal Larry Press. 6 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SylJJr6Ldg8>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ADERALDO, Camila Chagas; MAGALHÃES, Luiza (Orgs.). Projeto DePara. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2024. Disponível em: [https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2025/01/Projeto\\_DePara\\_MLP\\_2024\\_07.01.2025.pdf](https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2025/01/Projeto_DePara_MLP_2024_07.01.2025.pdf). Acesso em: 8 jul. 2025.

ADRIANO IMPERADOR. Carta para a Vila Cruzeiro. The Players' Tribune Brasil, 12 nov. 2024. baseado no livro de memórias Adriano, meu medo maior, escrito por Adriano Imperador e Ulisses Neto (Editorial Planeta, 2024). Disponível em: <https://www.theplayerstribune.com/br/carta-adriano-imperador-vila-cruzeiro>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ALMEIDA, Jorge Augusto Xavier de. Cartas do Latão. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

ANJOS, Ana Raylander Mârtis dos. acertar as contas (um livro), dedicado a Angelo de Aquino. 2017-2027. Projeto artístico. Mais informações em: <https://anaraylandermartisdosanjos.com/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas, Ano 8, 1º semestre de 2000, p. 229-236. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 6 abr. 2025

AQUINO, Ângelo de. Identidade do Artista. 1973-1984. Projeto de arte postal. Disponível em: <https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/identidade-do-artista-artist-identity>. Acesso em: 20 abr. 2025.

AQUINO, Angelo de. Identidade do artista. 1977. Catálogo da exposição realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, entre 27 de junho e 10 de julho de 1977. Disponível em: <https://iccaa.mfah.org/s/en/item/1110493>. Acesso em: 8 jun. 2021.

ARANTES, Priscila. Arte e mídia no brasil: perspectivas da estética digital. ARS (São Paulo), v. 3, n. 6, 2005, p. 53-65. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ars/a/GJpShm95ZD4fhsxPHLMgrng/?lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2025

ARAUJO, Avelino de. Cartão-Mão Postal. 1981. Carimbo, adesivo, caneta hidrográfica e selo sobre papel. 9,5 x 18,2 cm. Coleção de Arte Postal / Coleção de Arte da Cidade do Centro Cultural São Paulo. Informação disponível em: [https://acervoccsp.art.br/arte-postal/sem-titulo-5/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&search=avelino&pos=0&source\\_list=collection&ref=%2Farte-postal%2F%3Fview\\_mode%3Dmasonry%26perpage%3D12%26paged%3D1%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch\\_only%3Dthumbnail%252Ccreation\\_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch\\_only\\_meta%3D%26search%3Davelino](https://acervoccsp.art.br/arte-postal/sem-titulo-5/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&search=avelino&pos=0&source_list=collection&ref=%2Farte-postal%2F%3Fview_mode%3Dmasonry%26perpage%3D12%26paged%3D1%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D%26search%3Davelino). Acesso em: 6 abr. 2025.

ARQUIVO Ângelo de Aquino. [Rio de Janeiro: s. n., s. d.]. Mais informações em:  
<https://www.instagram.com/arquivo.angelodeaquino/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ARTE-VEÍCULO: Yuri Firmeza. Vídeo. 5'28". Publicado pelo canal Arte-veículo. 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TNYIIE9b8xc>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL VIDEOBRASIL. FF>>Dossier 012: Marcellvs L. São Paulo: Associação Cultural Videobrasil, 2005. Disponível em:  
<https://site.videobrasil.org.br/dossier/dossier/541990>. Acesso em: 20 abr. 2025.

AZEVEDO, Armando. CARTA-PERFORMANCE. 1981. Caneta esferográfica e hidrográfica sobre papel. 29,6 x 21 cm. Coleção de Arte Postal / Coleção de Arte da Cidade do Centro Cultural São Paulo. Informação disponível em: [https://acervoccsp.art.br/arte-postal/carta-performance/?perpage=48&order=DESC&orderby=date&metaquery%5B0%5D%5Bkey%5D=115786&metaquery%5B0%5D%5Bvalue%5D%5B0%5D=Sim&metaquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc\\_tax\\_102716&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=165&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&pos=1&source\\_list=collection&ref=%2Farte-postal%2F](https://acervoccsp.art.br/arte-postal/carta-performance/?perpage=48&order=DESC&orderby=date&metaquery%5B0%5D%5Bkey%5D=115786&metaquery%5B0%5D%5Bvalue%5D%5B0%5D=Sim&metaquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc_tax_102716&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=165&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&pos=1&source_list=collection&ref=%2Farte-postal%2F). Acesso em: 6 abr. 2025.

BARBOSA GOMES, Morgana (Morgana Poiésis). Epístolas Profanas: Performances dos Silêncios Manifestos. 2019. 213 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais. Goiânia, 2019.

BASBAUM, Ricardo. O artista como pesquisador. In: BASBAUM, Ricardo. Manual do Artista-etc. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013, p. 193-201.

BASBAUM, Ricardo; HAMBURGUER, Alex. Flying Letters Manifestos: correspondências 1993-1995. Coleção Conversas. Florianópolis: par(ent)esis, 2013.

BASUALDO, Guadalupe. O exílio de León Ferrari. In: LAGNADO, Lisette; PITOL, André; DELFINI, Mariana; RAFAEL, Yudi (Orgs.). A parábola do progresso. São Paulo: Sesc São Paulo, 2023. p. 144-145.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/169461>. Acesso em: 6 abr. 2025.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; CRUZ, Lilian Rodrigues da. Uma caixa-coleção-de-cartas: como viver o encontro com múltiplas vozes na escrita acadêmica? dobra, n. 2, Lisboa, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa, 2018. Disponível em:  
[https://revistadobra.weebly.com/uploads/1/1/1/8/111802469/bruna\\_battistelli.pdf](https://revistadobra.weebly.com/uploads/1/1/1/8/111802469/bruna_battistelli.pdf). Acesso em: 6 abr. 2025.

BBC News Brasil. O lençol de Clelia, a impressionante obra na qual camponesa italiana escreveu toda sua vida após perder marido. 23 jul. 2023. Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72vv9r3yp7o>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BEIGUELMAN, Giselle. Admirável mundo cíbrido. [S. I.: s. n.], 2004. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/3003787/Admir%C3%A1vel\\_mundo\\_c%C3%A1brido](https://www.academia.edu/3003787/Admir%C3%A1vel_mundo_c%C3%A1brido). Acesso em: 6 abr. 2025.

BEIGUELMAN, Giselle. Coronário. [S.I.]: Instituto Moreira Salles, 2020. Obra de net art comissionada para o programa IMS Convida. Disponível em: <https://coronario.ims.com.br/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

BEM WEB ART. Série de 46 vídeos. Publicado pelo canal fabiofondotcom. Texto e direção: Fabio FON. Efeitos visuais: Soraya Braz. 2020-2021. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=UrAdJ-kmKII&list=PLyKe8JvKHSUq8NYHUwfRXTDUZhSi2V3bO&pp=iAQB>. Último acesso em: 21 jan. 2024.

BENEDITTI, Livia; VIEIRA, Marcela. Arte digital e seus desafios de conservação. Fundação Bienal de São Paulo. 12 jul. 2024. Disponível em: <https://bienal.org.br/arte-digital-e-seus-desafios-de-conservacao/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BERGAMO, Mônica. TCM pede explicação sobre instalação de jardins verticais na 23 de Maio. [contém a nota intitulada “Quem fala?”, sobre o caso com um telefone na exposição de Yoko Ono no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo]. Folha de São Paulo. 1 de abril de 2017. Disponível em:  
<https://web.archive.org/web/20240519134820/https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2017/04/1871715-tcm-pede-explicacao-sobre-instalacao-de-jardins-verticais-na-23-de-maio.shtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BITTENCOURT, Felipe. Performance diária. São Paulo: nVersos, 2012.

BLASSINGAME, Tia. <3 Uma história de amor. Coleção grupos de leitura e tradução sobre o trabalho editorial. [S.l.]: Edições Tijuana; par(ent)esis, [s.d.] Disponível em:  
<https://files.cargocollective.com/c1032387/uma-hist-ria-de-amor-ONLINE.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

BOEZEM, Marinus. Sculpture I Invite You To Make Love On February 11th 1978, At 22.00 Hours. 1978. Impressão sobre papel. 30 x 21 cm. Informação disponível em:  
<https://www.artbasel.com/catalog/artwork/71216/Marinus-Boezem-Sculpture-I-Invite-You-To-Make-Love-On-February-11th-1978-At-22-00-Hours>. Acesso em: 6 abr. 2025.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). Usos & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 183-191.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. 1980/81: a revolução autogestionária na Polônia, Revista de Administração de Empresas, n. 22 (3), setembro de 1982, p. 23-33. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rae/a/9pmYVytHnbFKF5dHmgjZ3nF/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

BRUSCKY, Paulo. Arte Correio e a grande rede: Hoje, a arte é este comunicado. Canal Contemporâneo, 1 set. 2011. Disponível em:  
<https://canalcontemporaneo.art.br/blog/archives/004232.html>. Acesso em: 6 abr. 2025.

BUCKSDRICKER, Jorge (Org.). I AM AN ARTIST: Leonhard Frank Duch e a Arte Correio. Santa Catarina: Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura / Fundação Catarinense de Cultura / Governo de Santa Catarina, 2020.

BUCKSDRICKER, Jorge Alberto Silva. Conferência. 2018. 223 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

CAETANO, Renata Oliveira. Diálogos traçados: as cartas-desenho na Coleção Mário de Andrade. 2017. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2017.

CAETANO, Renata Oliveira. Uma carta: desenho, escrita e construção de singularidades. Arte & Ensaios, n. 34, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:  
<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/14502>. Acesso em: 6 abr. 2025.

CAIXETA, Cássia Nunes. Com a faca e a laranja na mão: um inventário de gestos. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CALLE, Sophie. Cuide de você. Catálogo da exposição homônima, realizada no Sesc Pompeia, em São Paulo, entre 10 de julho e 7 de setembro de 2009, e entre 22 de setembro e 22 de novembro de 2009 no Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador. São Paulo: Sesc São Paulo; Associação Cultural Videobrasil, 2009. Disponível em:  
<https://pt.scribd.com/document/352464521/Catalogo-Sophie-Calle-Cuide-de-voce-pdf>. Acesso em: 6 abr. 2025.

CARMO, Arthur Lauriano do. Quase-glossário: fraturas institucionais e arte contemporânea em situação. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em:  
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-06012023-175610/?lang=pt-br>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CARNEIRO, Pedro. Uma carta para o meu pai. 2020-2022. Acrílica sobre papel algodão e impressão fineart. Dimensões variáveis. Disponível em: <https://carneiro-pedro.wixsite.com/website/p%C3%A1gina-em-branco-9>. Acesso em: 30 jun. 2025.

CARTA aberta de um morador de residência terapêutica, por André Bastos. Vídeo. 10'59". Publicado pelo canal Museu Bispo do Rosario. Narração: Bistriche Giuntini. Imagens e texto: André Bastos. 1 set. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=32fF\\_CP4\\_s4](https://www.youtube.com/watch?v=32fF_CP4_s4). Acesso em: 6 abr. 2025.

CARVALHO, Karin Magnavita de. Arte Telemática no Brasil: panorama dos eventos de arte-comunicação nas décadas de 80 e 90. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em:  
[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-16072012-185647/publico/Dissertacao\\_mestrado\\_KarinMagnavitadeCarvalho\\_pdf.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-16072012-185647/publico/Dissertacao_mestrado_KarinMagnavitadeCarvalho_pdf.pdf). Acesso em: 6 abr. 2025.

CASTRO, Laura (Org.). Cobra K7. Salvador: Editora Editora, 2023. Publicação em formato digital e bilíngue (formato pdf). Disponível em: <https://www.editoraeditora.com/cobrak7>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CAVALCANTE, Dora Moreira Barreto. Escritos Para Arrodear os Sons: experiências de escavação e ausculta de sonoridades. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, Universidade Federal Fluminense, 2017. Disponível em: [http://www.artes.uff.br/ppgca/pdfTesesDissertacoes/M024.115.003\\_DORA\\_MOREIRA\\_BARRETO\\_CAVALCANTE.pdf](http://www.artes.uff.br/ppgca/pdfTesesDissertacoes/M024.115.003_DORA_MOREIRA_BARRETO_CAVALCANTE.pdf). Acesso em: 6 abr. 2025.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. Coleção de Arte Postal. (Coleção de Arte da Cidade) São Paulo: CCSP, [1984-]. Disponível em: [https://acervoccsp.art.br/arte-postal/?view\\_mode=masonry&perpage=48&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch\\_only=thumb&creation\\_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch\\_only\\_meta=](https://acervoccsp.art.br/arte-postal/?view_mode=masonry&perpage=48&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumb&creation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=). Acesso em: 6 abr. 2025.

CLARK, Lygia; OITICICA; Hélio. Lygia Clark – Hélio Oiticica: Cartas, 1964-74. Organização por Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: COMTE-SPONVILLE, André. Bom Dia, Angústia! Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 35-44.

CONTRA-INTERNET Inversion Practice #2: Social Media Exodus (Call and Response). Vídeo. 3'21". Autor: Zach Blas. Publicado pelo canal do autor. 2015. Vídeo. Disponível em: <https://zachblas.info/works/contra-internet/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

CONVERSA com artistas Sala Compacta 2022. Vídeo. 2h11min. Publicado pelo canal salacompanha mag. 1 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KoiHY38uGBq>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CONVERSAS SOBRE CONVERSAS. Locução de Priscila Costa Oliveira. Spotify. 2023–2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1Rdvg6jBy25HTQI31R8u3y>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CORDEIRO, Waldemar. Arteônica. In: VELHO, Luiz. Waldemar Cordeiro: Arteônica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971. p. 21-23. Disponível em: <https://www.visgraf.imp.br/Gallery/waldemar/catalogo/catalogo.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2025.

CRARY, Jonathan. Terra arrasada: além da era digital – rumo a um mundo pós-capitalista. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CREELEY, Robert. The Dishonest Mailmen. Babel Web Anthology. [s.d.]. Disponível em: [https://www.babelmatrix.org/works/en/Creeley%2C\\_Robert-1926/The\\_Dishonest\\_Mailmen](https://www.babelmatrix.org/works/en/Creeley%2C_Robert-1926/The_Dishonest_Mailmen). Acesso em: 20 abr. 2025.

CRISTÓBAL, Ricardo. el arte (co)rompe. 1981. Carimbo e caneta hidrográfica sobre o papel. 10 x 15 cm. Coleção de Arte Postal / Coleção de Arte da Cidade do Centro Cultural São Paulo. Informação disponível em: [https://acervoccsp.art.br/arte-postal/el-arte-corompe/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&search=%28co%29rompe&pos=0&source\\_list=collection&ref=%2Farte-postal%2F%3Fview\\_mode%3Dmasonry%26perpage%3D12%26paged%3D1%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch\\_only%3Dthumbnail%252Ccreation\\_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch\\_only\\_meta%3D%26search%3D%2528co%2529rompe](https://acervoccsp.art.br/arte-postal/el-arte-corompe/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&search=%28co%29rompe&pos=0&source_list=collection&ref=%2Farte-postal%2F%3Fview_mode%3Dmasonry%26perpage%3D12%26paged%3D1%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D%26search%3D%2528co%2529rompe). Acesso em: 6 abr. 2025.

CURTA Artes: Paulo Bruscky. Vídeo. 4'21". Publicado pelo canal Sesc TV. 30 de janeiro de 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Xd\\_4eFq-qQo](https://www.youtube.com/watch?v=Xd_4eFq-qQo). Acesso em: 20 abr. 2025.

DIAMBE; TADÁSKÍA. Estúdio léxico presente. 2019. Instalação, performance e faixas de peito. Dimensões variáveis. Informação disponível em: <https://cargocollective.com/diambe/Estudio-Lexico-Presente-2019>. Acesso em: 6 abr. 2025.

DIAZ, Brigitte. O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade: Formas e Funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

DIAZ, José-Luiz. Qual a genética para as correspondências? Tradução de Cláudio Hiro, com a colaboração de Maria Sílvia Ianni Barsalini. Manuscritica: Revista de Crítica Genética, n. 15, São Paulo, Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética e Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo, 2007, p. 119-162. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177609>. Acesso em: 6 abr. 2025.

DÓREA, Juraci. Carta para Ângela 1. 1989. Carvão e PVA sobre tela. 1,60 x 2,20 cm.

EGA, Françoise. Cartas a uma negra. Tradução Vinicius Carneiro, Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.

ELILSON. Mobilidade [inter]urbana-performativa. Rio de Janeiro: Rumos Itaú Cultural, 2019.

EQUIPE DE EDUCAÇÃO DA FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. Correspondências entre vozes, uma carta para abrir conversas. In: Aqui, numa coreografia de retornos, dançar é inscrever no tempo: publicação educativa da 35ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2023. p. 14-25. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/correspondencias-entre-vozes-uma-carta-para-abrir-conversas/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

ERBER, Laura Rabelo. "A poesia é um silenciofone": aspectos da palavra em Ghérasim Luca. outra travessia, n. 16 (2013): o teatro em silêncio. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2013n16p181>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ESPAÇO SEBO NAS CANELAS; [Maynard Sobral]. LIVRO-ARTE: TODA OBRA, de Maynard Sobral. COM DEDICATÓRIA E AUTÓGRAFO DO AUTOR. Obra em um envelope contendo: Enveloplivro; No olho; Euróticos; 10 postais; Jóia da literatura. Tamanho: 21 X 30 cm. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=2627307>. Acesso em: 6 abr. 2025.

ESTRADA, Emilia. Palestinas. 2013. Projeto artístico. Disponível em: <https://cargocollective.com/emiliaestrada/Palestinas>. Acesso em: 20 abr. 2025.

FADA INFLADA; RÉBUS (Orgs.). The Floating Bear. [S. I.]: Fada Inflada; Rébus, 2021.

FERNANDES, Edésio (Org.). O Negro Dorieu Videla. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/edesiofernandes/docs/livro\\_edesio\\_web](https://issuu.com/edesiofernandes/docs/livro_edesio_web). Acesso em: 10 jul. 2025.

FERNANDES, Thiago Spíndola Motta. Mídia tática como conceito operativo nas artes visuais. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 147–163, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/article/view/54743>. Acesso em: 20 abr. 2025.

FERRARI, León. Carta a un general. 1963. Nanquim sobre papel. 24 x 14,2 cm. Disponível em: <https://gomide.co/artists/62-leon-ferrari/works/11177-leon-ferrari-carta-a-un-general-letter-to-a-general-1963/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

FERREIRA, Benedito. Arquivo morto. Website. [S. I.: s. n.], 2013-2022. Disponível em: <https://beneditoferreira.com/trabalhos/arquivo-morto/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

FERREIRA, Gloria; BUENO, Guilherme; ASBURY, Michael; MACHADO, Milton (Orgs.). Arte & Ensaios. Edição Especial / Special Issue: Correspondência Transnacional / Transnational Correspondence. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

FERREIRA, Glória; COTRIN, Cecilia (Orgs.). Escritos de artistas: anos 60/70. Tradução de Pedro Süsskind et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

FLUSSER, Vilém. Fred Forest ou a destruição dos pontos de vista estabelecidos. ARS (São Paulo) 7 (13) • Jun 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/D5gp8VcND53jkPdSKZvpyfv/?lang=pt#Modallmgfe812fa77b25601263bb68130476c347c393c742>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FOLHA DE S. PAULO. Rivane incita à colaboração inusitada. Folha de São Paulo, São Paulo, 07 nov. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0711200024.htm>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FON, Fabio. AID0J. 2023. Obra de web arte. Disponível em: <https://www.fabiofon.com/aidoj>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FOREST, Fred. Web Net Museum. Website. [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.webnetmuseum.org>. Acesso em: 23 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: FOUCAULT, Michel. Ética, Sexualidade, Política. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Coleção Ditos & Escritos. Volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 , p. 144-162.

FREIRE, Cristina. Paulo Bruscky: arte, arquivo e utopia. São Paulo: Companhia Editora de Pernambuco, 2006. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/29734627/FREIRE\\_M\\_C\\_M\\_Paulo\\_Bruscky\\_Arte\\_Arquivo\\_e\\_Utopia\\_Recife\\_Pernambuco\\_CEPE\\_Companhia\\_Editora\\_de\\_Pernambuco\\_2007\\_v\\_1\\_275p\\_REPRODU%C3%87%C3%83O\\_DO\\_TEXTO\\_EM\\_PORTUGU%C3%8AS](https://www.academia.edu/29734627/FREIRE_M_C_M_Paulo_Bruscky_Arte_Arquivo_e_Utopia_Recife_Pernambuco_CEPE_Companhia_Editora_de_Pernambuco_2007_v_1_275p_REPRODU%C3%87%C3%83O_DO_TEXTO_EM_PORTUGU%C3%8AS). Acesso em: 6 abr. 2025.

FREIRE, Cristina. Um cosmonauta nos trópicos: Július Koller na América do Sul. MODOS. Revista de História da Arte, Campinas, v. 1, n. 3, p. 48-62, set. 2017. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8662245/23384>. Acesso em: 6 abr. 2025.

GACHE, Belén (Org.) Mirtha Dermisache. Porque !yo escribo! Cidade Autônoma de Buenos Aires: Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires; Fundación Espigas, 2017.

GACHE, Belén. Arte correo: el correo como medio táctico. U-ABC TEORIA. Disponível em:  
<http://tijuana-artes.blogspot.com/2013/01/arte-correo-el-correo-como-medio.htm>. Acesso em: 6 abr. 2025.

GALERIA SUPERFÍCIE. Arquivo Superfície. [São Paulo]: Galeria Superfície, [2024]. Mais informações em: <https://galeriasuperficie.com.br/arquivo/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

GALVÃO, Walnice Nogueira; Gotlib, Nádia Battella (Orgs.). Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GASSEN, Fernanda. Carta ao Sr. Monet. In: ZÓZIMO, Michel (Org.). Assim que for editado, lhe envio. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2013. p. 39-47.

GILBERT, Deyson (Org.). A distância entre você e stanley brouwn cada vez que você se lembrar dessa sentença. Exposição individual de stanley brouwn, realizada na Coleção Moraes-Barbosa, em São Paulo, de 2 de setembro a 2 de dezembro de 2023. Mais informações em: [https://moraes-barbosa.com/Exposicoes\\_stanley-brouwn](https://moraes-barbosa.com/Exposicoes_stanley-brouwn). Acesso em: 19 abr. 2025.

GIORNO POETRY SYSTEMS. Dial-A-Poem. website. [S.I.] Giorno Poetry Systems. [1965-2025]. Disponível em: <https://giornopoetrysystems.org/dial-a-poem/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GIRA 5 / Webnário Gira Expandida: Literatura no Campo ampliado. Vídeo. 1h25'11". Publicado pelo canal editora editora. 30 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WM0aD6ZG6lc>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GODÓI, Wagner. Funcionamento da obra de pesquisa. 2018. Tese (Doutorado em Estética e História da Arte) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2018.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). Escrita de si, escrita da história. [S. I.]: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GRÁFICA BRASIL. [Cartas amorosas. Foto: Bruno Pilon] Instagram: @handpaintedbrasil, 2 de setembro de 2024. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_aZVQvOMUT/?igsh=MTZtZndpdDFpb2o5bQ==](https://www.instagram.com/p/C_aZVQvOMUT/?igsh=MTZtZndpdDFpb2o5bQ==). Acesso em: 21 abr. 2025.

GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. Tradução de Isabel Rupaud. Estudos Avançados, v. 5, n. 11, São Paulo, 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zxdPKc5gmqfy5Qz3BcyvKyg/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

GUAJAJARA, Potyra; GUAJAJARA, Urutau; OTOMORINHORI'Ó, Julia Xavante; MUNDURUKU, Lucas; ICÓ, Lucas (Orgs.). Em nossas artérias nossas raízes. Rio de Janeiro: Aldeia Maraka'nà; I-Motirô; CESAC, 2023. Disponível em: <https://archive.org/details/em-nossas-arterias>. Acesso em: 19 abr. 2025.

HARAWAY, Donna J. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. Estudando por meio dos subcomuns. Entrevista concedida à Stephen Shukaitis. Tradução: Amilcar Packer. Revisão: Hilário M. S. Zeferino, Victor Galdino e vinícius da silva. Matéria Crítica para Massa Crítica. CASA-ESCOLA. São Paulo: Casa do Povo, 2023. Disponível em: [https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2023/11/fred-moten-stefano-harney\\_estudando\\_por\\_meio\\_dos\\_subcomuns.pdf](https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2023/11/fred-moten-stefano-harney_estudando_por_meio_dos_subcomuns.pdf). Acesso em: 11 jun. 2025.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. Escritas epistolares. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HEEMSKERK, Joan; PAESMANS, Dirk. [www.jodi.org](http://www.jodi.org). 1995. Obra de net art. Disponível em: [https://www.jodi.org/](http://www.jodi.org/). Acesso em: 19 abr. 2025.

HEIN, Hilde. O que é arte pública? Tempo, lugar e significado. Tradução de Tiago Mendes, com revisão de Miguel Gally. Viso: cadernos de estética aplicada, n. 22, Niterói, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal Fluminense, janeiro a junho de 2018, p. 1-14. Disponível em: <https://revistaviso.com.br/article/271>. Acesso em: 6 abr. 2025.

HERSEY, Tricia. Descansar é resistir: um manifesto. Tradução de Steffany Dias. São Paulo: Fontanar, 2024.

HUDINILSON JR. Fixe um beijo. 1979-2020. Cartão-postal. 22 × 0,2 × 15 cm. São Paulo: Ikrek. Disponível em: <https://lovelyhouse.com.br/publicacao/fixe-um-beijo-hudinilson-jr/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

IANNI, Clara. Replicante. Projeto artístico correalizado com aarea e Fundação Bienal de São Paulo, integrando a rede da 34ª Bienal de São Paulo. 2021. Disponível em: <http://34.bienal.org.br/exposicoes/9045>. Acesso em: 10 jul. 2025.

IDÍLIO. Vídeo 3'7", Autor: amauri. Fotografia e câmera: Beto Teixeira. Publicado pelo canal do autor. 2022. Disponível em:  
[https://vimeo.com/777110861?embedded=true&source=video\\_title&owner=190020738](https://vimeo.com/777110861?embedded=true&source=video_title&owner=190020738). Acesso em: 6 abr. 2025.

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. 4º Colóquio Internacional Artífices da Correspondência. Convite e programação do colóquio. São Paulo: Universidade de São Paulo, 31 out. 2016. Disponível em: <https://www.ieb.usp.br/4o-colloquio-internacional-artifices-da-correspondencia>. Acesso em: 6 abr. 2025.

ITAÚ CULTURAL (Org.). Ocupação Conceição Evaristo. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

JABLONSKI, Daniel. FWD: desculpe a demora. 2017. Vinil adesivo e impressão em papel offset colorido. Dimensões variáveis. Informações disponíveis em: <https://danieljablonski.org/FWD-desculpe-pela-demora>. Acesso em: 6 abr. 2025.

JACCON, Guilherme. Arquivo Boca da Noite – parte 1 e 2: Descubra a memória e história de Gilda, travesti em situação de rua e figura popular de Curitiba nos anos 70 e 80. Google Arts & Culture. São Paulo: Museu da Diversidade Sexual, [s.d.]. Disponível em:  
<https://artsandculture.google.com/story/GgWBPF-gOMWGGQ?hl=pt-br> /  
<https://artsandculture.google.com/story/AgURsKRof3aqxA?hl=pt-br>. Acesso em: 10 jul. 2025.

JANDIR JR. Com cópia. website, 2024. Disponível em: <https://jandirjr.cc/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

JANDIR JR. mail expressivo (arte pública (como atitude)). In: Arte pública contemporânea: contextos e sentidos críticos. Niterói: PPGCA-UFF, 2022, p. 116-147. Com amostras dos trabalhos desenvolvidos por Andrew Romero, Caroline Coutinho, Danielle de Souza Santos e Zíngara no contexto da disciplina em que estagiei. Disponível em: [https://www.academia.edu/101140371/mail\\_expressivo\\_arte\\_p%C3%BAblica\\_como\\_atitude\\_](https://www.academia.edu/101140371/mail_expressivo_arte_p%C3%BAblica_como_atitude_.). Acesso em: 12 abr. 2025.

JANDIR JR. Um blog a menos: e-mail enviado a um técnico em informática. In: 7º Encontro de Pesquisadoras/es dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro, 2023, Rio de Janeiro. Encontro de Pesquisadoras/es do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro – Transfluências [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Ed. dos autores, 2023, p. 247-255. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vPeo1Iem3aETtNxTv2GEXFDsVmyjGfrf/view>. Acesso em: 12 abr. 2025.

JOÃO PAULO II. Carta aos artistas. Vaticano, 4 abr. 1999. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html). Acesso em: 19 abr. 2025.

JUNG, Milla. Plas Ayiti. 2014. Cartão-postal. 10 x 15 cm. Projeto Neon.

KAWARA, On. Telegram to Sol LeWitt, February 5-1970 [I am still alive]. 1970. Telegrama. 14,6 x 20,3 cm. Informação disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/on-kawara-telegram-to-sol-lewitt>. Acesso em: 18 abr. 2025.

KEO. In: WIKIPÉDIA: a encyclopédia livre. [S. I.]: Wikimedia Foundation, 6 dez. 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/KEO>. Acesso em: 18 abr. 2025.

KIFFER, Ana. Antonin Artaud. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016.

KIFFER, Ana. O rascunho é a obra: o caso dos cadernos. estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 55, p. 95-118, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/Q4xrckgZVFBDykTSPD3W7c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2025.

KRASNIQI, Florie. Textualidad epistolar en la era digital. *Impossibilia: Revista Internacional de Estudios Literarios*, n. 6, Espanha, Asociación Cultural Impossibilia, outubro de 2013, p. 79-93. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/handle/10481/41842>. Acesso em: 18 abr. 2025.

LANA, Sara. Orelhinha. Peça sonora. 2021. Disponível em: <https://saralana.xyz/orelhinha>. Acesso em: 21 abr. 2025.

LEJEUNE, Phillippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

LORDE, Audre. Carta aberta a Mary Daly. In: LORDE, Audre. Irmã outsider. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2019. p. 83-90.

MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. Disponível em: <https://semioticadaimagem.files.wordpress.com/2016/04/arte-e-mc3addia.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

MAIA, Ana Maria. Arte-veículo. Recife: Editora Aplicação, 2015.

MAIA, Ana Maria; MENDES, Lorraine; QUINTELLA, Pollyana (Orgs.). Era uma vez: escritos de artistas sobre o céu e a terra. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2024. Catálogo da exposição realizada na Pinacoteca Contemporânea, de 25 de outubro de 2024 a 21 de abril de 2025.

MATTOSO, Ana Clara. Tempo das ruínas ou andanças sobre cacos. In: 7º Encontro de Pesquisadoras/es dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro, 2023, Rio de Janeiro. Encontro de Pesquisadoras/es do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro – Transfluências [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Ed. dos autores, 2023, p. 256-265. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vPeo1Iem3aETtNxTv2GEXFDsVmyjGfrf/view>. Acesso em: 18 abr. 2025.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MEMORIAL CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE; [CAVALINHO, Manoela]. Epigramas. Porto Alegre, c2016. Disponível em: <https://memorial.camarapoa.rs.gov.br/manoela-cavalinho/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

MIYADA, Paulo; MAIOLINO, Anna Maria (Orgs.). revista presente. 2021-2022. Série de três revistas. Disponível em: <https://presentepresente.cargo.site/>. Acesso em: mar. 2022.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, Marcos Antonio de. Espistolografia e crítica genética. Ciência e Cultura, v. 59, n. 1, São Paulo, janeiro a março de 2007, p. 30-32. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252007000100015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100015). Acesso em: 18 abr. 2025.

MORAES, Marcos Antonio de. Orgulho de Jamais Aconselhar: a Epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (Orgs.). Esta puente, mi espalda: voces de mujeres terciermundistas en los Estados Unidos. 2. ed. São Paulo: Editora Mulher, 1988.

MORAIS, Fabio dos Santos. Site specific: um romance. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. 2013.

MORAIS, Fabio. Epistoleiros. 2023. Vídeo arte. 5'52". Disponível em: <https://cena-muda.blogspot.com/2023/02/epistoleiros-2023-8-39.html?q=epistoleiros>. Acesso em: 10 mai. 2025.

MORAIS, Fabio. Escritexpográfica. Florianópolis: par(ent)esis, 2020.

MORAIS, Fabio; DARDOT, Marilá. Correspondência. 2008. Vídeo-instalação. Dimensões variáveis. Informações disponíveis em: <https://fabio-morais.blogspot.com/2009/01/correspondencia-2008.html>. Acesso em: 6 abr. 2025.

MOREIRA, Claudio. Diga como quiser. Coleção Discoteca Transléxica. Criciúma: Editora Molécula; par(ent)esis, 2024. Disponível em: <https://www.editoramolecula.com.br/discotecatranslexica>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MS Slavic 7. Direção: Sofia Bohdanowicz. 2019. Canadá: Maison du Bonheur Films Inc. 64 min. 2019.

MUHANA, Adma Fadul. O gênero epistolar: diálogo per absentiam. discurso, n. 31, São Paulo, 2000, p. 329-345. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38043>. Acesso em: 18 abr. 2025.

MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO; [DOLINGER, Miriam]. O desenho de Miriam. [Rio de Janeiro], c2023. Disponível em: <https://mam.rio/historia/o-desenho-de-miriam/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

NET ART ANTHOLOGY. Simple Net Art Diagram. Disponível em: <https://anthology.rhizome.org/simple-net-art-diagram>. Acesso em: 8 jul. 2025.

NETLUNG. Vídeo. 5'24". Publicado pelo canal Tania Fraga. [Informações sobre o site participativo NetLung, criado em 1996 pelas artistas Diana Domingues (coordenadora), Gilbertto Prado, Suzete Venturelli e Tania Fraga]. 29 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K4-pK11X84g>. Acesso em: 18 abr. 2025.

NEVES, Luciana Grizoti. Histórias contingentes: entre imagens e escritos. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/7418>. Acesso em: 6 abr. 2025.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988. Coleção Ensaio & teoria.

NOGUEIRA, Bruno. Os atentados de Jomard Muniz de Brito. Overmundo. Overblog, 18 maio 2007. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/os-atentados-de-jomard-muniz-de-brito>. Acesso em: 18 abr. 2025.

NOGUEIRA, Manoela Farias. Não vê no meio da sala as relíquias do Brasil: exercícios sobre a memória da ditadura civil-militar brasileira. 2021. 200f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236293/001138962.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 abr. 2025.

NORMAN, Max. The Deaf Artist Reinventing Conversation. The New Yorker, 3 fev. 2024. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/persons-of-interest/the-deaf-artist-reinventing-conversation>. Acesso em: 19 abr. 2025.

NOVAES, Bruno. Diário 366. São Paulo: Paradoxa Cultural, 2021. 1 livro (23 x 16 cm) + 1 encarte calendário (40 x 80 cm). Impressão laser sobre papel offset 90g e capa cartão 250g. Edição limitada de 200 exemplares. Mais informações em: <https://www.brunonovaes.com/diario366>. Acesso em: 20 abr. 2025.

NUNES, Fabio Oliveira. De JODI a AIDOJ: “Disrupção” da arte da internet por inteligência artificial. *Vista*, Braga, n. 14, jul./dez. 2024. ISSN 2184-1284. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/5840/6734>. Acesso em: 19 abr. 2025.

O QUE é Web Arte? (ou net.art ou internet art). Vídeo. 20'39". Publicado pelo canal fabiofondotcom. Videopalestra sobre a produção de obras de arte contemporânea pensadas especialmente para a rede Internet, a chamada Web Arte – ou ainda, net.art ou Internet art, por Fabio FON. 12 set. 2022. Disponível em: [https://youtu.be/GOQRQ84yJZI?si=yn\\_x1nNGLQv7j6uq](https://youtu.be/GOQRQ84yJZI?si=yn_x1nNGLQv7j6uq). Acesso em: 18 abr. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. A mundanidade da arte. ARS, v. 10, n. 20, São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2012, p. 132-143. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/64429>. Acesso em: 19 abr. 2025.

OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. O contemporâneo do contemporâneo: a reinvenção da arte na esfera pública. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE ARTE PÚBLICA – BRASIL, 2016, Rio de Janeiro. [...] Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1 nov. 2016. Disponível em: <https://geapbr.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/12/geap-brasil-texto-iso-envio-sf.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.

OLIVEIRA, Priscila Costa. CONVERSAS: práticas artísticas dialógicas e colaborativas. 2023. 316 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. 2023. Disponível em: <https://www.priscilacostaoliveira.com/publicacoes>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ONO, Yoko. A Hole to See the Sky Through (1962). [Fac-símile da edição original de 1971 por Dieter Staeck]. Amsterdam: Galerie A / Harry Ruhé; Lund: Bakhall Printers & Publishers, 1994–2004. Cartão-postal, 10,5 x 15 cm. Disponível em: <https://www.fondazionebonotto.org/en/collection/fluxus/onoyoko/10/1282.html?from=9074>. Acesso em: 20 abr. 2025.

OUTROS ComparTRILHAMENTOS poéticos. Vídeo. 39'59". Publicado pelo canal Documentos de percurso. [com o projeto Remetente/Destinatário, de rafael amorim, aos 8'11"]. Disponível em: [https://youtu.be/6H\\_VZ8YzD1w](https://youtu.be/6H_VZ8YzD1w). Acesso em: 20 abr. 2025.

PÁDULA, Cristina de. “Não vou dizer a continuação, porque estou cansado deste lugar e quero ir para outro” (BECKETT:1951). Ação. 4'13". Realizada na ocasião do I Seminário Internacional do Grupo de Pesquisa A Arte Contemporânea e o Estúdio do Espelho. Participação de Alexandre Sá, André Sheik, Daniele Cavalcante, Davi Pereira, Gilda Pitombo, Maria Izabel Barreto, João Paulo Racy, Mário Grisolli, Rayssa Veríssimo, Tania Queiroz e Tatiana Grinberg. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=DdoiRsjGCKQ&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=DdoiRsjGCKQ&feature=emb_title). Acesso em: 19 abr. 2025.

PAGÈS, Alain. A materialidade epistolar. O que nos dizem os manuscritos autógrafos. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 67, ago. 2017, p. 106-123. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/137569>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PEIXOTO, Nelson Brissac. A cidade e seus fluxos. Ensaio escrito a propósito do projeto ARTE/CIDADE 2: A Cidade e seus fluxos, realizado por 22 artistas em edifícios no entorno do

Viaduto do Chá e do Vale do Anhangabaú, em São Paulo. 1994. Disponível em:  
<https://www.pucsp.br/artecidade/novo/ac2/30.htm>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PEIXOTO, Nelson Brissac. ARTE/CIDADE 2: A Cidade e seus fluxos. Catálogo do segundo projeto Arte/Cidade. O projeto ganha escala urbana, com a ocupação de edifícios no entorno do Viaduto do Chá e do Vale do Anhangabaú. Intervenções concebidas para as diferentes situações foram desenvolvidas por 22 artistas e arquitetos. 1994. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/43290538/Arte\\_Cidade\\_A\\_cidade\\_e\\_seus\\_fluxos](https://www.academia.edu/43290538/Arte_Cidade_A_cidade_e_seus_fluxos). Acesso em: 19 abr. 2025.

PESSOTO, Gabriel; KOUTS, Nicole. Trocando Figurinhas: 001-500. Poster/publicação. Tiragem: 114/500. São Paulo: Ateliê 397.

PHILIPPE, Jean-Marc. KEO. [S. l., s. d.]. Disponível em: <http://www.keo.org/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PIGLIA, Ricardo. Respiração artificial. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PINHEIRO, Charlene Cabral. Why are you doing mail art? Dois momentos da arte postal (1979 | 2016) e alguns trajetos da rede eterna. 2017. 129 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de História da Arte. Porto Alegre, 2017. Disponível em:  
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/173547/001061611.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PIPER, Adrian. My Calling (Card) #1. 1986-1990. Litografia offset sobre papel. Disponível em:  
<https://walkerart.org/collections/artworks/my-calling-card-1>. Acesso em: 20 abr. 2025.

PONTES, Hugo. Poema Visual. [Poços de Caldas], c1997-2009. Disponível em:  
<https://www.poemavisual.com.br/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

POPE, William. Press release da exposição Biting Through Innocence, individual de William Pope L. O texto de divulgação é assinado pelo seu pai como uma carta aberta. 2008. Disponível em:  
<https://catherinebastide.com/artist/popol>. Acesso em: 20 abr. 2025.

POSTAIS – REVISTA DO MUSEU NACIONAL DOS CORREIOS, n. 2, Brasília, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Departamento de Gestão Cultural, janeiro a julho de 2014. Disponível em: <https://robertoaniche.com.br/wp-content/uploads/2018/12/revista-postais-nc2ba-2-2014.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PRADO, Gilbertto. Algumas experiências de arte em rede: projetos wAwRwT, colunismo e desertesejo. *Porto Arte*, n. 28, Porto Alegre, maio de 2010, p. 71-83. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/18790/10968>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PRADO, Gilbertto. Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

PRÊMIO PIPA; CAESAR, Sofia. Sofia Caesar – Prêmio Pipa. Carta publicada na página do Prêmio PIPA. 5 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/sofia-caesar/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

QUANDO CHEGOU CARTA, ABRI. Locução de Rafael Gloria. Spotify, 2020–2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6LrebI1UplnzbMiDhoRLZ7>. Acesso em: 19 abr. 2025.

RAY JOHNSON ESTATE. Glossary. [S. l., s. d.]. Disponível em: <https://www.rayjohnsonestate.com/glossary>. Acesso em: 19 abr. 2025.

REBOUÇAS, Moema Lúcia Martins; CASTRO, Juliana; JANTORNO, Alessandra. A carta como presença: da artista e da galerista. *Acta Semiotica et Lingvistica*, v. 23, n. 1, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2018, p. 12-26. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/43373/21501>. Acesso em: 19 abr. 2025.

RENA, Pedro; PAIVA, Urik (Orgs.). Geografia epistolar. Belo Horizonte: surrealpolitik edições, 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/101988980/Geografia\\_epistolar\\_Org\\_](https://www.academia.edu/101988980/Geografia_epistolar_Org_). Acesso em: 19 abr. 2025.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, n. 67, São Paulo, Universidade de São Paulo, agosto de 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/issue/view/10119>. Acesso em: 19 abr. 2025.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. *Porto Arte*, v. 7, n. 13, Porto Alegre, novembro de 1996, p. 81-95. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713/16324>. Acesso em: 19 abr. 2025.

RIBAS, Cristina (Org.). Vocabulário Político para Processos Estéticos. Rio de Janeiro: Casa Nuvem; Capacete, 2014. Disponível em: [https://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2015/01/vocabpol\\_links-completo.pdf](https://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2015/01/vocabpol_links-completo.pdf). Acesso em: 19 abr. 2025.

RIBAS, Cristina Thorstenberg. Arquivo/desarquivo: condições, movimento, monotipia. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/7480>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ROCHA, Andrée Crabbé. A epistolografia em portugal. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.

RODRIGUES, Leandro Garcia. Afinal, a quem pertence uma carta? Letrônica, v. 8, n. 1, Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, janeiro a junho de 2015, p. 222-231. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/19229>. Acesso em: 19 abr. 2025.

ROJAS, Francine Carla de Salles Cunha. As fronteiras do pensamento nômade: (i/e)mergir para a teorização epistolográfica. Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 3, Edição especial, Foz do Iguaçu, dezembro de 2017, p. 1-10. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/322678310\\_As\\_fronteiras\\_do\\_pensamento\\_nomade\\_ie\\_mergir\\_para\\_a\\_teorizacao\\_epistolografica](https://www.researchgate.net/publication/322678310_As_fronteiras_do_pensamento_nomade_ie_mergir_para_a_teorizacao_epistolografica). Acesso em: 19 abr. 2025.

ROMANO, Camila Bôrtolo; PONTES, Maria Adelaide; VASSÃO, Maria Olímpia de Mello (Orgs.). Da Bienal ao Centro Cultural São Paulo: 40 anos de Arte Postal. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2021–2022. Exposição realizada no Centro Cultural São Paulo, de 27 de novembro de 2021 a 29 de maio de 2022.

RONA. "preCISO falAR coM voCÊ". [2020]. Bordado sobre envelopes. [s. d.]. Informação disponível em: [https://www.instagram.com/p/ClIs\\_drVpel3/](https://www.instagram.com/p/ClIs_drVpel3/). Acesso em: 19 abr. 2025.

ROSAS, Ricardo; WELLS, Tatiana. Que tenha a mídia tática! Desarquivo, 2003. Manifesto do festival Mídia Tática Brasil, realizado em março de 2003, na Casa das Rosas, em São Paulo. Disponível em:

[https://desarquivo.org/sites/default/files/rosas\\_wells\\_que\\_tenha\\_a\\_midia\\_tatica.pdf](https://desarquivo.org/sites/default/files/rosas_wells_que_tenha_a_midia_tatica.pdf). Acesso em: 20 abr. 2025.

SAMPAIO, Renata. ZaPretas. 2018. Interlocutoras: Andy Marques, Milena Lízia, Renata Sampaio, Taís Teles e Zanza Gomes. Áudio. 1h20'36". Disponível em: <https://cargocollective.com/sampaiorenata/Zapretas>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SANTOS, Flavio Tito Cundari da Rocha. Escrever, verbo intransitivo: ascensão e ocaso de uma mestria epistolar entre literatos brasileiros. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10122015-114216/pt-br.php>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SANTOS, José Mário Peixoto (ZMário). Epistolário: correspondências sobre performances de rua, arte postal, encontro, iteração e outros afectos. 2019. 285 p. Tese (Doutorado em Arte) – Universidade de Brasília. Brasília, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/35382>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SANTOS, Maria Ivone dos. A memória e suas ficções: correspondências, registros e documentos de processo nas artes visuais. *Scriptorium*, v. 1, n. 1, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, julho a dezembro de 2015, p. 39-52. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/scriptorium/article/view/21652>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SCHEDLER, Liana. Arte (postal) como processo. *Palíndromo*, v. 8, n. 15, Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, janeiro a junho de 2016, p. 20-41. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/7733>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SCHROEDER, Caroline Saut. Arte em trânsito: arte postal no cotejo entre intimidade e esfera pública. *Revista-Valise*, v. 2, n. 4, Ano 2, Porto Alegre, dezembro de 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/26081>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. ARTE-VEÍCULO. Catálogo da exposição ARTE-VEÍCULO, com curadoria de Ana Maria Maia e assistência de curadoria de Maria Beatrice Trujillo, realizada no Sesc Pompeia de 28 de agosto a 2 de dezembro de 2018. São Paulo: Sesc São Paulo, 2018. Disponível em: [https://issuu.com/sescsp/docs/arte-veiculo\\_16x21cm](https://issuu.com/sescsp/docs/arte-veiculo_16x21cm). Acesso em: 19 abr. 2025.

SILVA, Rubiane Vanessa Maia da. Desvios, sobre arte e vida na contemporaneidade. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/6730/1/Rubiane%20Vanessa%20Maia%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SOUZA, Gabrielle. Nunca me perguntaram nada. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes) – Bacharelado em Artes, Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2022.

STEYERL, Hito. Epistolary affect and romance scams: letter from an unknown woman. October, n. 138, Massachusetts, 2011, p. 57-69. Disponível em: [https://monoskop.org/images/b/be/Steyerl\\_Hito\\_2011\\_Epistolary\\_Affect\\_and\\_Romance\\_Scams\\_Letter\\_from\\_an\\_UKNOWN\\_Woman.pdf](https://monoskop.org/images/b/be/Steyerl_Hito_2011_Epistolary_Affect_and_Romance_Scams_Letter_from_an_UKNOWN_Woman.pdf). Acesso em: 19 abr. 2025.

STOLF, Raquel. Entre a palavra pênsil e a escuta porosa: investigações sobre proposições sonoras. 2011. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/34774/000792925.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 abr. 2025.

TAKAMINE, Rubens. Floriano. 2021-2023. Ação em aplicativo de relacionamentos. Informação disponível em: <https://rubenstakamine.art/floriano>. Acesso em: 7 dez. 2023.

TELE-ARMWRESTLING by Norman White (2011). Vídeo. 2'11". Publicado pelo canal V2\_. 26 jun. 2012. Disponível em: <https://vimeo.com/44733790>. Acesso em: 19 abr. 2025.

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Exposição Contramemória. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/evento/exposicaocontramemoria>. Acesso em: 13 nov. 2023.

TIN, Emerson (Org.). A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípsio. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

TUKANO, Daiara. [Leitura da carta cobra] Instagram: @daiaratukano, 5 jun. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ccd3tZjIWZD/?next=%2F>. Acesso em: 19 abr. 2025.

TUKANO, Daiara. [Sobre Kithimori Pirō] Instagram: @daiaratukano, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cvw5omBAI5M/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

TUKANO, Daiara. [Sobre o encerramento da exposição Contramemória] Instagram: @daiaratukano, 4 jun. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeZU9XovX3f/?next=%2F>. Acesso em: 19 abr. 2025.

TUPINAMBÁ, Glicéria. Carta a instituições. Documentação de parte do trabalho de Glicéria Tupinambá no site dedicado à exposição 'Ka'a Pûera: nós somos pássaros que andam' – participação brasileira na Bienal de Veneza, no Pavilhão Hähäwpuá. Fundação Bienal de São Paulo. 5 mar. 2024. Disponível em: <https://kaapuera.bienal.org.br/contribuicoes/cartas-a-instituicoes/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

USHER, Shaun (Org.). Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

VALLE, Ellen. "The pleasure of receiving your favour": The colonial exchange in eighteenth-century natural history. *Journal of Historical Pragmatics*, v. 5, Issue 2, janeiro de 2004, p. 313-336.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das confidências. *Teresa: revista de Literatura Brasileira*, v. 8, n. 9, São Paulo, 2008, p. 372-389. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116762>. Acesso em: 19 abr. 2025.

VILELA, Jimson Ferreira. Um glossário poético da obra de Jannis Kounellis. 2020. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-26022021-234816/?lang=pt-br>. Acesso em: 19 abr. 2025.

VILLA-FORTE, Leonardo. conversas com IA's, robôs e assistentes virtuais. Instagram: [robot\\_talks](https://www.instagram.com/robot_talks/). 2022-. Disponível em: [https://www.instagram.com/robot\\_talks/](https://www.instagram.com/robot_talks/). Acesso em: 1 jun. 2025.

WRIGHT, Stephen. Para um léxico dos usos. Tradução de Julia Ruiz Di Giovanni. Edição bilíngue. Florianópolis: Edições Aurora, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/pontoaurora/docs/para\\_um\\_lexico\\_dos\\_usos\\_stephenwrig](https://issuu.com/pontoaurora/docs/para_um_lexico_dos_usos_stephenwrig). Acesso em: 19 abr. 2025.

ZACARIAS, Gabriel. O velho mundo está morrendo. celeste. 30 de novembro de 2021. Disponível em: <https://select.art.br/o-velho-mundo-esta-morrendo/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

ZANINI, Walter. A arte de comunicação telemática: a interatividade no ciberespaço. ARS, v. 1, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/kDMMJq5jN4qdLSkg9sxydG/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

ZIN, Rafael Balseiro; ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar. Um olhar para a epistolografia artaudiana: a dinâmica construtivo-destrutiva como componente criador. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 39-62, fev.-maio 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/8612>. Acesso em: 19 abr. 2025.